

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**MELISSA ANZE**

**CAIÇARAS E CHAUÁS: AS COMUNIDADES LITORÂNEAS E AS POLÍTICAS  
PÚBLICAS AMBIENTAIS DO PARQUE NACIONAL DO SUPERAGÜI  
(Vila Barra do Superagüi/ PR, 1989-2006)**

**Curitiba  
2006**

**Melissa Anze**

**CAIÇARAS E CHAUÁS: AS COMUNIDADES LITORÂNEAS E AS POLÍTICAS  
PÚBLICAS AMBIENTAIS DO PARQUE NACIONAL DO SUPERAGÜI**  
(Vila Barra do Superagüi/ PR, 1989-2006)

Monografia de conclusão de curso apresentada ao  
Departamento de História da Universidade  
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Braga Portella

Co-orientador: Prof. Dr. Antonio César de  
Almeida Santos.

**Curitiba**  
**2006**

## Agradecimentos

Enfim, o curso chegou ao fim! É claro que este mérito não é só meu, e tenho muito que agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, me ajudaram nessa jornada de 4 anos. Em primeiro lugar, aos meus pais, apoio de toda a vida, e que não se impuseram à minha decisão de largar o curso de Engenharia com 3 anos completos (!) para cursar História. Ao Sandro, meu namorado, meu companheiro de viagens para Superagüi, ajudante nas entrevistas realizadas para a pesquisa, compreensivo nas épocas turbulentas de provas e trabalhos. À minha irmã, que me elucidou vários mistérios do computador. Às minhas queridas amigas Vane, Cris e Jú, companheiras de todas as horas: desde os desesperados momentos de estudo na casa da Vane ou na salinha da biblioteca, até as tardes de risada e pão de queijo na praia. Aliás, devo acrescentar que dedico 75% do meu diploma a elas (25% para cada!), pela super ajuda durante todo o curso. À Lú e ao Henrique, pelos bate-papos no pátio. À Nati e à Mari, e novamente a Cris, pelos momentos de (des)afinação e risada nos ensaios da nossa pequena e amada banda *cover* dos “Secos & Molhados”, realizados depois das reuniões do PET. À Ivy e à Natália, pela força. Ao professor José Roberto, que aceitou me orientar na etapa final do trabalho. Ao professor Luiz Geraldo, que me indicou uma bibliografia, tão rara sobre o tema (“super valeu!”). Ao Serginho, o secretário mais eficiente nas horas mais burocráticas! Aos moradores da Vila Barra do Superagüi e às funcionárias dos órgãos ambientais que se dispuseram em conversar comigo para a realização da pesquisa. Por fim, um agradecimento especial: ao professor Antônio César, que acreditou no meu trabalho e me orientou desde o início, me ensinando, com toda a sua praticidade e com alguns “puxões de orelha” (necessários!), o ofício do historiador. É a ele que dedico a minha monografia.

*“Mas assim como as folhas velhas da árvore caem para dar lugar às novas, também assim mudei minhas idéias.”*

Daniel Matenho Cabixi, índio Pareci

## Sumário

<b>Lista de figuras</b> .....	v
<b>Resumo</b> .....	vi
<b>Introdução</b> .....	1
<b>1. Descobrindo Superagüi: a região e seus habitantes</b> .....	6
1.1. A região de Superagüi: breve histórico .....	6
1.2. As comunidades caiçaras do litoral sul paulista e norte paranaense: o passado e o presente de suas práticas tradicionais .....	9
<b>2. As políticas públicas ambientais no Parque Nacional de Superagüi</b> .....	16
<b>3. Histórias de pescadores: memória e percepção dos caiçaras do Parque Nacional de Superagüi</b> .....	25
<b>Conclusão</b> .....	42
<b>Fontes</b> .....	44
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	46
<b>Anexo 1 – Trajetórias de vida dos entrevistados</b> .....	49
<b>Anexo 2 – Entrevistas</b> .....	51

## **Lista de Figuras**

<b>Figura 1</b> – Localização da região de Superagüi .....	5
<b>Figura 2</b> – Região de Superagüi ilustrada por Hans Staden. Séc. XVI.....	8

## **Resumo**

A região de Superagüi, no litoral norte paranaense, abriga o maior remanescente de Mata Atlântica do Brasil e é um dos maiores complexos em biodiversidade do planeta. Com a finalidade de proteger amostras de seus ecossistemas, em 1989 foi criado o Parque Nacional de Superagüi, uma Unidade de Conservação que limita ou proíbe o acesso aos recursos naturais em detrimento das práticas tradicionais das comunidades ali existentes. A partir dessa situação buscou-se apreender as relações existentes entre as políticas públicas ambientais empreendidas por órgãos governamentais e não-governamentais que atuam no Parque e a percepção da população caiçara acerca das possíveis transformações ocorridas em seus modos de vida a partir daquelas atuações. Para tanto, foram utilizados como fonte os depoimentos orais dos principais envolvidos (caiçaras e agentes dos órgãos governamentais e não-governamentais), segundo a metodologia da história oral e considerando as especificidades da memória. O que se constatou foram duas diferentes percepções acerca da criação da Unidade na região. Uma, referente à visão dos agentes ambientais, avalia como positiva e estritamente necessária a efetiva implantação da Unidade, não só ao bioma da região, mas também às comunidades que lá habitam, que começaram a se desenvolver social e economicamente após a criação do Parque. A outra se configura numa visão saudosista do “tempo que não era Parque”. Os caiçaras delimitam, em suas lembranças, os tempos e espaços em função da criação do Parque Nacional de Superagüi. Ainda que as políticas ambientais não sejam as principais responsáveis pelas mudanças da região, suas lembranças articulam-se em função daquelas ações.

**Palavras-chave:** caiçaras; políticas públicas ambientais; memória.

## Introdução

As áreas naturais protegidas, um conceito desenvolvido na metade do século XIX nos Estados Unidos, referem-se a ações que visam a garantir, minimamente, a preservação de determinados ecossistemas vistos como “intocados” pelo homem. Segundo Antonio Carlos Sant’Ana Diegues, mais do que a criação de um espaço físico que se diz intacto, as áreas naturais protegidas resultam de uma concepção específica de relação homem-natureza que determina como negativa a ação humana no meio-ambiente <sup>1</sup>.

No Brasil, assim como em outros países do chamado Terceiro Mundo, onde a situação é ecológica, social e culturalmente específica, essa concepção de natureza “intocada” não pôde ser integralmente aplicada, porquanto suas florestas são habitadas por diversos grupos humanos seculares, que sempre dependeram de seus recursos naturais. Em função disso, a legislação brasileira que cria as *unidades de conservação*, sobretudo as de uso restritivo, como os parques nacionais, prevê a transferência dos habitantes dessas áreas, causando, segundo Diegues, uma série de problemas de cunho ético, social, econômico, político e cultural. A criação de um parque nacional também limita e proíbe algumas práticas tradicionais, o que implica no estabelecimento de novas relações entre comunidades humanas e natureza <sup>2</sup>.

Dessa forma, as áreas naturais protegidas, principalmente os parques nacionais, constituem também um espaço fundamental para a análise das estratégias governamentais de conservação. A relação homem-natureza, nesse sentido, passa pelo campo da ciência e do político, sobretudo no viés das políticas públicas ambientais, que impõem às populações tradicionais locais, através do poder dos administradores dos parques e dos cientistas naturais, definições de comportamento em relação à natureza e aos usos dos recursos naturais <sup>3</sup>.

Ocorre, a partir dessa situação, um conflito entre a visão das chamadas “populações tradicionais”, que portam uma cultura específica de relação com o mundo natural, e a das entidades conservacionistas (governamentais ou não-governamentais), alicerçadas no conhecimento técnico-científico e que, por sua vez, muitas vezes não levam em conta àquela cultura tradicional.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. O mito do paraíso desabitado: as áreas naturais protegidas. *In*: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. **Povos e mares: leituras em sócio-antropologia marítima**, São Paulo: NUPAUB-USP, 1995, p. 162.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 162.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 198.

<sup>4</sup> Sobre cultura e tradição, ver BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. *In*: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 31-58.



Assim, segundo Diegues, “há uma grande necessidade de se conhecerem melhor as relações entre a manutenção da diversidade biológica e a conservação da diversidade cultural. Quase nenhuma pesquisa sistemática foi realizada nesse sentido”<sup>5</sup>. A criação e manutenção de unidades de conservação no Brasil, conforme o autor, têm sido responsabilidade única de cientistas naturais. Nesse sentido, reclama-se uma visão interdisciplinar da situação, que integre, novamente, o homem à natureza.

O presente trabalho surgiu dessa carência, constatada com interesse nas várias viagens que realizei na região de Superagüi. O resultado de toda a monografia deve-se aos três anos de participação no Grupo de Educação Tutorial (PET) do Departamento de História.

A pesquisa pretendeu realizar uma discussão sobre políticas públicas ambientais e suas relações com as populações caiçaras, tendo como referência a situação encontrada na Vila Barra do Superagüi, no Parque Nacional do Superagüi, situado no litoral norte do Estado do Paraná (Figura 1).

O trabalho abrange o período compreendido entre o ano da criação do Parque, em 1989, e o presente, já que a proposta é verificar se a implantação da Unidade trouxe consigo mudanças nas práticas caiçaras da região, sobretudo por se tratar de uma Unidade de Conservação de uso restritivo, com rígidas limitações na utilização de seus recursos naturais.

Acima de tudo, o estudo objetivou averiguar a percepção dessa situação por alguns de seus envolvidos (moradores locais, agentes de órgãos governamentais e não-governamentais). Portanto, foram utilizados, como fontes, depoimentos orais, os quais são entendidos como relatos obtidos a partir das memórias que os sujeitos envolvidos na relação entre políticas públicas ambientais e população local constroem. Trata-se de relatos produzidos em função de lembranças manifestadas conforme suas vivências, que trazem à luz as idéias, sentimentos, experiências e temporalidades acerca das possíveis transformações ocorridas no âmbito de uma comunidade inserida no interior de uma unidade de conservação, o Parque Nacional do Superagüi.

A partir desse entendimento, pode-se concluir que as lembranças individuais dos entrevistados podem assegurar a “transmissão de uma experiência coletiva, constituindo-se em uma representação que espelharia uma visão de mundo”<sup>6</sup>. Nessa direção, vale apontar as considerações de Marieta de Moraes Ferreira acerca do “uso político” do passado por aquele que constrói uma memória e a relata: “A memória é também uma construção do passado, mas

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 203.

<sup>6</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) **Entrevistas**: abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FUG, 1994, p.7.

pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”<sup>7</sup>.

No que se refere ao processo de construção da memória e do uso que se faz dela, Robert Frank assinala que, devido à extensão temporal entre a ação testemunhada e o momento do relato, distância que será reconstruída pelo entrevistado no momento da entrevista, ocorre o incessante trabalho de recuperação do vivido<sup>8</sup>. Há uma reelaboração do que se viveu, na medida em que a memória vai operar uma seleção das ações passadas em função do presente: “é com os olhos do presente que vemos o passado”<sup>9</sup>. No momento de relato das lembranças, reconsiderações e desculpabilização de certas ações e atitudes são praticamente inevitáveis.

Sendo a memória, então, o constituinte fundamental do documento oral, é imprescindível atentar-se para certos aspectos deste tipo de fonte. Deve-se frisar que as fontes orais são construídas com a participação direta do próprio pesquisador, e que a construção do discurso do entrevistado é, em grande parte, dirigido e delimitado por aquele; ou seja, o depoimento ocorre dentro de um campo de referências oferecido ao depoente pelo entrevistador: tipos de questões, organização da entrevista, postura do pesquisador frente ao entrevistado – aspectos que comprovam que o testemunho do historiador também está presente. Além disso, é importante atentar que o relato do depoente é apropriado pelo historiador, e que o resultado final da pesquisa é construção deste<sup>10</sup>.

Considerando o documento oral um produto do diálogo entre o entrevistado e o pesquisador, deve-se tomar em conta também as interferências impostas ao discurso do depoente: uma, já mencionada, é a presença mesma do entrevistador e da sua conduta; a outra, mais visível, é o uso do gravador, o qual pode inibir o depoimento ou propiciar o surgimento de uma fala diferenciada da cotidiana, uma fala na qual importa expressar-se bem<sup>11</sup>. Cabe ao historiador minimizar tais intervenções e relativizar os desvios em sua análise, não tomando o que é dito como expressão da realidade<sup>12</sup>.

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>8</sup> FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (orgs.) **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1989.

<sup>9</sup> VIDAL, Diana Gonçalves. De Heródoto ao gravador: Histórias da história oral. In: **Resgate**, Campinas, n. 01, 1990, p. 82.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>12</sup> SANTOS, Antonio César de Almeida. **Curitiba**: uma aproximação ao método da história oral. Texto (inédito) apresentado ao Seminário de História Urbana, no curso de Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná, 1994.

Observando tais características das fontes orais, importante mencionar que trabalhei com roteiros de entrevistas direcionados, visto serem três tipos de entrevistados: moradores locais, agentes de órgãos governamentais e agentes de órgãos não-governamentais. Todas as entrevistas foram gravadas em fitas magnéticas e, depois, transcritas.<sup>13</sup>

Outras fontes utilizadas foram os documentos oficiais de órgãos governamentais e não-governamentais que atuam no Parque Nacional do Superagüi. Foram consultados conteúdos dos sítios que esses órgãos mantêm na Internet, os quais informam os objetivos desses órgãos na região do Superagüi, assim como descrevem projetos e atividades que ali desenvolvem. Essas fontes, juntamente com as entrevistas, permitiram a discussão acerca da atuação desses órgãos na área do Parque.

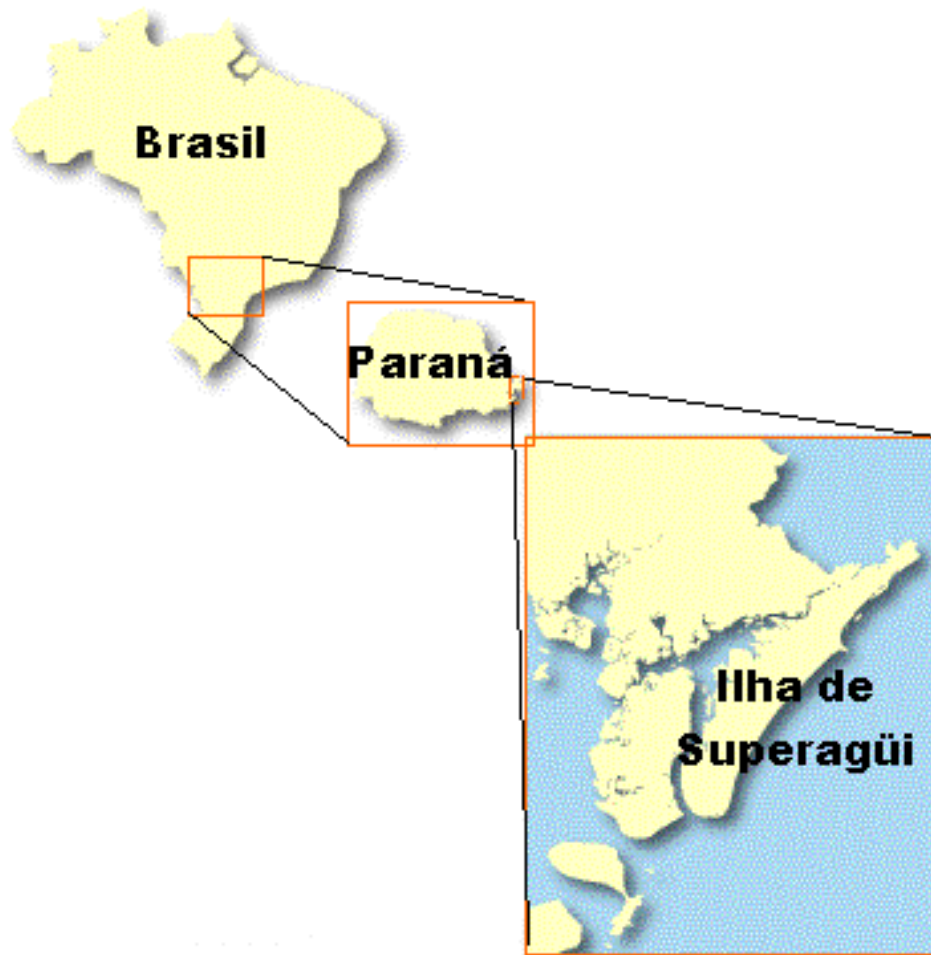
Para compreender a intervenção das políticas ambientais na região, foi necessário, *a priori*, apreender e discutir os diversos aspectos que caracterizaram o modo de vida caiçara em suas diferentes esferas – econômicas, sociais e culturais – ao longo da história, o que resultou no primeiro capítulo do trabalho, juntamente com um breve histórico da região de Superagüi.

O segundo capítulo identifica e problematiza as formas de atuação dos órgãos governamentais e não governamentais no Parque Nacional de Superagüi (as políticas públicas ambientais empreendidas na região), enquanto o terceiro trata da percepção de alguns caiçaras acerca das transformações ocorridas em sua comunidade (a Vila Barra do Superagüi) a partir da criação da Unidade.

Da relação entre os três capítulos, pude tecer considerações importantes acerca da implantação do Parque Nacional de Superagüi. No entanto, tais considerações não pretenderam avaliar a positividade ou a negatividade da criação da Unidade, mas apenas revelar ao leitor, e a mim mesma, um pouco dessa realidade desconhecida por nós: a extinção de caiçaras e chauás.

---

<sup>13</sup> Ao todo, foram realizadas oito entrevistas, recolhidas entre dezembro de 2004 e setembro de 2006: seis entrevistas com moradores da Vila Barra do Superagüi; uma entrevista com uma funcionária do órgão governamental que administra o Parque (IBAMA); uma entrevista com uma funcionária de um órgão não-governamental de ampla atuação na região (SPVS). Ver, ao final do trabalho, a trajetória de vida dos entrevistados. Segundo Santos, as trajetórias de vida, à medida que nos permitem compreender a mobilidade social e espacial de cada entrevistado, possibilitam-nos conhecer atitudes e expectativas de cada sujeito em relação às transformações vivenciadas. Ver SANTOS, **Op. cit.**, 1993, p. 55.



**Figura 1** Localização da região de Superagüi.  
(<http://www.superagui.net/mapa.gif>)

## 1. Descobrindo Superagüi: a região e seus habitantes

### 1.1. A região de Superagüi: breve histórico

A primeira notícia que se tem sobre a região de Superagüi foi relatada pelo aventureiro alemão Hans Staden, em 1549. Aí ele encontrou alguns portugueses que há muito conviviam com os indígenas da região – os Tupinikins e/ou Carijós, os quais foram rapidamente extintos em consequência da preação iniciada no local em 1585, ou pela morte por doenças trazidas no período da colonização. Segundo o historiador Leônidas Boutin, foram os “traficantes de Tupinikins e os preadores de Carijós e mais a gente aventureira das povoações do litoral paulista os primeiros povoadores do nosso litoral”<sup>14</sup>, além de ter sido o ponto de partida para a colonização do Estado do Paraná.

Ainda conforme Boutin, historicamente a região de Superagüi possui quatro fases. A primeira, como já citada, é a luso-indígena. Do início do século XVIII têm-se registros de fazendas jesuíticas de produção agro-pecuária, constituindo a segunda fase. A fase posterior seria a da colonização dita “suíça”, que se iniciou em 1852 por Charles Perret Gentil, e que teve como um dos principais líderes o famoso pintor William Michaud. É interessante apontar que nesta colônia particular, inicialmente composta por 13 famílias de várias origens européias – e das quais há descendentes até hoje – a prática da pesca era pouco expressiva, e a lavoura – sobretudo da mandioca, café e uva – era a fundamental fonte de subsistência da colônia. No entanto, a lavoura foi, aos poucos, sendo substituída pela pesca artesanal, e a colônia de lavradores transformou-se em colônias de pescadores – fase que se verifica até hoje.

Com o demasiado aumento da população local e com a exploração descontrolada de empresas atuantes na região, a Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural iniciou, em 1970, um processo de tombamento da então Ilha de Superagüi<sup>15</sup> a fim de inscrevê-la como Patrimônio Natural e Histórico, visto ter um alto valor ecológico e nela encontrarem-se inúmeras ruínas de interesse arqueológico. Tal processo foi impugnado pela Companhia Agropastoril Litorânea Paranaense (Capela) em 1984, alegando que o tombamento limitava seu direito de propriedade sobre as Ilhas de Superagüi e Peças, nas quais criava búfalos. Entretanto, em julho de 1985 o tombamento foi legitimado, o qual colocou uma série de

---

<sup>14</sup> BOUTIN, Leônidas. **Superagüi**. Curitiba: s.d.

<sup>15</sup> Um aspecto curioso da história de Superagüi é que, na década de 1950, a península foi transformada em ilha através da abertura de um canal – o “Varadouro” – que facilitava a travessia Paraná - São Paulo.

restrições e proibições em relação às várias atividades potencialmente danosas ao meio-ambiente. Tais restrições foram ainda mais eficazes após o Decreto nº 97.688, assinado em 27 de abril de 1989, no qual as Ilhas de Superagüi e Peças formavam uma unidade – o Parque Nacional de Superagüi. Em 1991, a região foi declarada pela UNESCO Reserva da Biosfera Vale do Ribeira-Serra da Graciosa. Em 20 de novembro de 1997, o Parque foi ampliado pelo Decreto nº 9.513, abrangendo também uma parte do continente – o Vale do Rio dos Patos, assim como as Ilhas de Pinheiros e Pinheirinho e a orla da Ilha de Superagüi. Em 1998 foi intitulada pela UNESCO como Sítio do Patrimônio Natural da Humanidade.



**Figura 2** Região de Superagüi ilustrada por Hans Staden. Séc. XVI

## 1.2. As comunidades caiçaras do litoral sul paulista e norte paranaense: o passado e o presente de suas práticas tradicionais

O crescente interesse de historiadores e cientistas sociais acerca do universo caiçara vem revelando que, a par das imposições, limitações e proibições decorrentes da implantação de Unidades de Conservação Ambiental, como o Parque Nacional de Superagüi, uma modernização estranha aos moldes tradicionais caiçaras vem configurando uma situação difícil às populações em questão.

A condição de pescador-agricultor-coletor, alicerçado em condutas tradicionais antes sólidas, vem dando espaço a uma desorganização social, econômica e cultural, sobretudo no que tange ao mundo do trabalho. Segundo Fernando A. Mourão, em seu livro **Os pescadores do litoral sul de São Paulo**<sup>16</sup>, a década de 1910 pode ser considerada um dos marcos no processo de mudança das comunidades litorâneas. Mourão, que teve como foco de estudo as comunidades integradas à região do litoral sul paulista e norte paranaense, averiguou que, a partir da década de 1910, a pesca – atividade sem tradição local – foi sendo introduzida gradativamente no meio.

Estávamos perante uma população ligada ou à agricultura simplesmente ou à agricultura aliada à extração de produtos vegetais... A pesca, até então, era atividade meramente supletiva, destinada à complementação de dieta. A única exceção era a pesca da tainha no tempo frio... depois de escalada e seca, era guardada como reserva alimentar e o excedente era trocado nos armazéns da cidade, juntamente com o resultado das colheitas.<sup>17</sup>

Portanto, a forma de organização econômica, até então, fundava-se num pluralismo econômico em moldes domésticos. De acordo com Cunha, Rougeulle e von Beher, à medida em que as condições de vida dependiam diretamente da natureza – da terra, da floresta, do mar, do rio – “as populações litorâneas possuíam um vasto e profundo conhecimento da variedade das espécies existentes, de seu ciclo reprodutivo e *habitats* e atribuíam múltiplos usos e significados aos recursos naturais.”<sup>18</sup>

Assim, tanto uma como outra atividade integrada a esse pluralismo econômico eram exploradas a partir das especificidades do meio que os cercava, através de uma tecnologia rústica ou artesanal. Isso, segundo os autores, contribuiu para a preservação do meio que os

---

<sup>16</sup> MOURÃO, Fernando A. **Os pescadores do litoral sul de São Paulo**. São Paulo: Editora HUCITEC/NUPAUB/CEC, 2003.

<sup>17</sup> MOURÃO, **Op. cit.**, p. 49- 50.

<sup>18</sup> CUNHA, Lúcia H. de Oliveira; ROUGEULLE, Marie D.; BEHER, Miguel F. von. **Comunidades litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: convivência e conflitos. O caso de Guaraqueçaba, Paraná**. São Paulo: Série Documentos e Relatórios de Pesquisa nº 3 / NUPAUB, 2004, p. 10.



cercava, ainda que os recursos naturais fossem amplamente utilizados em praticamente todos os domínios da vida social. Segundo os autores, deve-se observar que: o nível de utilização dos recursos naturais correspondia às necessidades sociais de uma economia de pequena escala e se dava a partir da disponibilidade dos recursos naturais existentes; em geral, a atividade produtiva se pautava na extração de recursos naturais renováveis, no caso da pesca, ou da extração de recursos vegetais em pequena escala; as técnicas utilizadas eram em sua maior parte adaptadas às condições dos ecossistemas locais.<sup>19</sup>

Foi a proposta de compra de pescados pelos barcos de Santos que adentraram na região de Cananéia, na década de 1910 que, segundo Mourão, fomentou o início da pesca destinada a um mercado ainda incipiente<sup>20</sup>. Assim, uma mudança bastante significativa ocorreu ali: a passagem de uma economia de troca para uma economia monetarizada. Entretanto, segundo Luiz Geraldo Silva, não foi apenas em consequência da compra do pescado por parte dos barcos de Santos que alguns produtores se voltaram para a atividade pesqueira: mesmo antes, entre os séculos XVII e XIX, “o pescado entrava no circuito comercial, possuía alguma significação econômica.”<sup>21</sup>

A agricultura, por sua vez, já no início do século XX, passava por uma época crítica: a forte concorrência nas praças comerciais praticamente obrigou parte da população a migrar para a pesca.

A passagem da agricultura para a pesca de subsistência aparece, então, ... não como opção entre dois modos de produção ou entre fatores que lhes propiciassem reforço de *status*, mas como imperativo de subsistência ante a decadência da agricultura na zona lagunar, para alguns e, para outros, ante o desejo de se libertar de uma economia de troca.<sup>22</sup>

O caiçara, substituindo uma economia de troca pluralizada por uma economia monetarizada, e cada vez mais exclusiva, pôde tornar-se mais autônomo em relação à sua comunidade. A agricultura, como afirma Mourão, dependia dos mutirões e reciprocidades internas das comunidades litorâneas; a atividade pesqueira, por sua vez, ainda que fundamentada numa tecnologia rústica, permitia e acentuava a tendência para a autonomia do trabalho, dando ao caiçara a possibilidade de se desvincilhar da troca de excedentes e das formas associativas de trabalho, “individualizando-o”.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> CUNHA; ROUGELLE; BEHER, **Op. cit.**, p. 11.

<sup>20</sup> MOURÃO, **Op. cit.**

<sup>21</sup> SILVA, Luiz Geraldo. **Caiçaras e jangadeiros**. Cultura marítima e modernização no Brasil (1920-1980). São Paulo: Série Documentos e Relatórios de Pesquisa nº 1/ NUPAUB, 2004, p. 15.

<sup>22</sup> MOURÃO, **Op. cit.**, p. 22.

<sup>23</sup> MOURÃO, **Op. cit.**, p.138-139.

Essa individualização, de acordo com Mourão, ocasionou, além de uma desorganização econômica evidente, também uma desorganização social e cultural nas comunidades caiçaras. O mutirão, forma associativa de trabalho, essencial numa economia de troca, estava diretamente ligado a manifestações artístico-culturais, como o fandango, festa tradicional de dança e música que assegurava o relacionamento entre vizinhos<sup>24</sup>. Com a ruptura no sistema tradicional do mutirão, o fandango foi perdendo seu sentido, e uma importante característica da cultura caiçara foi desaparecendo.

Dessa maneira, a demanda de pescado pelo mercado consumidor e o desejo de autonomia começou a incutir na vida do caiçara uma comercialização inédita até então, assim como uma nova consciência de trabalho, da qual falaremos adiante. Ademais, a troca paulatina da agricultura, aliada à extração vegetal e à pesca de subsistência, pela pesca comercial artesanal gerou um tipo de migração interna: antes espalhadas nas proximidades de lagunas e estuários, nas regiões internas do litoral, as comunidades caiçaras começaram a se deslocar, concentrando-se nas praias, próximo ao mar de fora.<sup>25</sup> As populações caiçaras, que antes tinham seu referencial cultural conferido mais pela relação com a terra do que com o mar,<sup>26</sup> passaram a ser, praticamente, caracterizadas exclusivamente pelo mar. De acordo com Simone Maldonado,<sup>27</sup> a relação do homem com o mar – esse meio arriscado, indivisível e inapropriável juridicamente – resultou num tipo específico de trabalhador, inspirando modos de ser, de estabelecer relações sociais, de constituir família, de organizar o trabalho característicos.<sup>28</sup>

Com o passar dos anos, novas formas de conceber e ordenar o trabalho foram sendo introduzidas no universo caiçara. A partir da década de 1960, com a difusão do motor de centro nas canoas, e de novas técnicas de captura, inseridas externamente por pescadores catarinenses, os pescadores artesanais paulistas e paranaenses, de tradição indígena e lusitana, foram se modernizando. Ao mesmo tempo, o aumento da procura por certos tipos de pescados, que foram adquirindo valor comercial, imprimiu no caiçara uma “ideologia da pesca”. O caiçara voltou-se exclusivamente à pesca, especializou-se, modernizou suas técnicas e criou uma racionalidade econômica, incipiente até então<sup>29</sup>.

---

<sup>24</sup> MOURÃO, *Op. cit.*, p. 136.

<sup>25</sup> MOURÃO, *Op. cit.*, p. 116.

<sup>26</sup> SILVA, *Op. cit.*, p. 23. Segundo o autor, mar e terra constituíam, para o caiçara, um referencial único, indivisível, inseparável, a base sobre a qual se assentava todo o seu modo de vida.

<sup>27</sup> MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do mar*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

<sup>28</sup> MALDONADO, *Op. cit.*, p. 7.

<sup>29</sup> MOURÃO, *Op. cit.*

Formou-se, portanto, uma nova consciência profissional, e o caiçara tornou-se cada vez mais um pescador, distanciando-se da agricultura e abandonando velhas práticas, como, por exemplo, a fabricação de redes de algodão que, aos poucos, foram sendo trocadas por redes de nylon.

De acordo com Cunha, Rougeulle e von Beher, é preciso considerar que esse processo de modernização, além de introduzir mudanças sociais nas comunidades litorâneas, vem ocasionando a adoção de técnicas produtivas inovadoras, muitas vezes inapropriadas à exploração do mar e seus recursos.

Ademais, alguns pescadores artesanais tornaram-se pescadores industriais. Assalariados, os pescadores industriais diferem-se dos pescadores artesanal-autônomos, sobretudo pela dissociação entre eles e o pescado, fato que contribui para certo desequilíbrio sócio-cultural entre estes pescadores e sua comunidade.<sup>30</sup> Segundo Silva, todo um mundo histórico-cultural foi se extinguindo, principalmente em função da intensa invasão das relações capitalistas na pequena pesca.<sup>31</sup>

O que podemos perceber, então, é que desde o início do século XX, as populações caiçaras vêm vivenciando um processo de desorganização de seu universo cultural, especialmente no que se refere a suas relações com a terra<sup>32</sup>. As roças policultoras foram sendo abandonadas e recorria-se ao mercado, com o dinheiro da venda dos pescados, para a aquisição de boa parte dos produtos que compunham a dieta alimentar e de utensílios, antes artesanalmente confeccionados.

A motorização dos barcos, a modernização das tecnologias de pesca e o crescimento da captura de espécies de alto valor comercial conferiram às populações litorâneas um novo modo de vida. Entretanto, como afirma Silva, tal situação coloca-se como algo ambíguo e contraditório:

A razão desta ambigüidade se dá, de um lado, em função do fato de que eles [os pescadores] não negam a necessidade de capturar espécies de alto valor de mercado para se reproduzirem. Por outro lado, sobretudo aqueles que foram antigos caiçaras ou jangadeiros, sabem, e muito bem, o que estas mudanças representam: a destruição de um modo de vida comunitário e de uma cultura integrada com a finalidade suprema da existência humana, precipuamente através da efetivação de festas e rituais. Os antigos laços comunitários se desagregam, a competição é instalada, a festa perde seu sentido, o ritual se desloca do contexto original.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> MALDONADO, *Op. cit.*.

<sup>31</sup> SILVA, *Op. cit.*, p. 51.

<sup>32</sup> MOURÃO, *Op. cit.*, p. 130.

<sup>33</sup> SILVA, *Op. cit.*, p. 51.

Mais recentemente, o crescimento da produção capitalista ou empresarial-capitalista de pescados em detrimento da pequena produção mercantil é, segundo Antonio Carlos Sant'Ana Diegues, também fator de desorganização das comunidades litorâneas. Da mesma forma, os pescadores artesanais são diretamente afetados pela crescente degradação ambiental dos ecossistemas, na medida em que o avanço das indústrias poluentes ocasionam o empobrecimento biológico do ambiente, diminuindo consideravelmente os recursos pesqueiros. Para Diegues, a redução dos estoques pesqueiros dá-se também em função da pesca predatória realizada pelos barcos industriais de pesca, os quais geralmente atuam em áreas costeiras onde trabalham os pescadores artesanais.<sup>34</sup>

Outro fator responsável pelo decréscimo da produção artesanal, conforme Diegues, é a ênfase dada à pesca industrial através dos incentivos fiscais. O incentivo à criação de inúmeras empresas de pesca resulta numa competição desigual, frente aos grandes arrastões e parelhas, acarretando no empobrecimento biológico das águas, com a degradação dos *habitats* dos peixes. Essa degradação ambiental implica também no empobrecimento das comunidades humanas dependentes da captura em mar. Além disso, os barcos de pesca de grande porte acabam destruindo as pequenas redes e equipamentos dos pequenos pescadores<sup>35</sup>.

As comunidades pesqueiras também são ameaçadas pela especulação imobiliária, causadora da destruição de importantes áreas de reprodução de espécies de pescado, como os mangues, por exemplo. O loteamento de restingas e praias também coloca em risco a existência desses importantes ecossistemas, assim como a instalação de portos e grandes complexos químicos e petroquímicos<sup>36</sup>. Segundo Silva, foi a partir da década de 1960 que a especulação imobiliária e o turismo passaram a exercer uma forte pressão sobre as terras das comunidades caiçaras. Como conseqüência deste processo, verificou-se o agravamento do abandono da agricultura tradicional, pois sem terras disponíveis, o caiçara passou a dedicar-se exclusivamente à pesca. Ocorreu também a expulsão dos pequenos produtores para áreas sempre mais distantes das praias, únicas alternativas para a manutenção da condição de pequeno produtor entre os antigos caiçaras.<sup>37</sup>

Conforme Diegues, além dos processos de degradação ambiental, determinadas ações do Estado, como a criação de parques e reservas ecológicas, dificultam a sobrevivência das comunidades de pescadores artesanais, que tradicionalmente já viviam nessas áreas e que

---

<sup>34</sup> DIEGUES, **Op. cit.**

<sup>35</sup> DIEGUES, **Op. cit.**

<sup>36</sup> DIEGUES, **Op. cit.**

<sup>37</sup> SILVA, **Op. cit.**, p. 62.

dependem de seus recursos naturais. A criação dessas unidades de conservação e sua conseqüente fiscalização – que muitas vezes proíbe as atividades pesqueiras – geralmente incidem sobre o pescador artesanal e não sobre a pesca industrial e barcos de arrasto, o que tem levado à expulsão dessas comunidades de suas praias, além de uma visão errônea de que são essas populações as maiores ‘vilãs’ do meio-ambiente.

Esse entendimento é referendado por Silva, para quem as leis de criação das reservas são inadequadas, apoiadas em uma visão conservacionista que não leva em conta as dimensões histórica, cultural e econômica das populações litorâneas tradicionais.<sup>38</sup> Essa visão conservacionista é comentada por Diegues, quando ele analisa os impactos das Unidades de Conservação sobre as comunidades atingidas, apontando para a influência do mito do paraíso desabitado ou da natureza intocada, idéia originada nos Estados Unidos, no século XIX. Diegues também enfatiza as conseqüências da imposição de neo-mitos que se referem a uma concepção biocêntrica das relações homem-natureza, ou seja, concepção pela qual o mundo natural tem direitos idênticos ao ser humano, nos espaços territoriais e sobre as representações simbólicas das comunidades tradicionais<sup>39</sup>.

Examinando ainda tipos de movimentos das próprias populações existentes em áreas protegidas, Diegues conclui, assim como Silva, que é através de uma perspectiva conservadora que a administração federal e alguns órgãos não-governamentais brasileiros têm tratado a presença dessas comunidades tradicionais em unidades de conservação. Trata-se de uma visão influenciada por percepções urbanas do que significa o mundo natural e a natureza selvagem. Ou seja, as atuais estratégias para a conservação dos ecossistemas naturais não estão fundamentadas no conhecimento das relações entre as populações caiçaras e seu meio-ambiente, tais como os valores culturais e crenças religiosas. Estas possuem uma função de conservação importante, e poderiam resultar em estratégias de utilização ecologicamente sadia e harmoniosa dos recursos naturais<sup>40</sup>.

Cunha, Rougeulle e Beher, com visão similar a Diegues, entendem que, devido ao alto grau de integração existente nas formas tradicionais de produção com a natureza, deve-se pensar em formas alternativas de desenvolvimento fundadas nas características da cultura e dos ecossistemas locais, para evitar a desorganização social, cultural e econômica das populações inscritas em áreas de conservação.<sup>41</sup> Aliás, sabe-se que as restrições aplicadas às

---

<sup>38</sup> SILVA, **Op. cit.**, p. 62.

<sup>39</sup> DIEGUES, **Op. cit.**

<sup>40</sup> DIEGUES, **Op. cit.**

<sup>41</sup> CUNHA; ROUGEULLE; BEHER, **Op. cit.**, p. 12.

comunidades litorâneas resultam na busca dessas populações a alternativas econômicas, o que acaba levando-as a ingressarem em grupos econômicos extrativistas dos recursos dos próprios parques, passando elas também à depredação<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> DIEGUES, **Op. cit.**

## 2. As políticas públicas ambientais no Parque Nacional de Superagüi

O Parque Nacional do Superagüi foi criado, segundo o órgão federal que o administra (IBAMA), com o objetivo específico de “proteger e preservar amostras dos ecossistemas ali existentes, assegurando a preservação de seus recursos naturais, proporcionando oportunidade controlada para uso pelo público, educação e pesquisa científica”<sup>43</sup>.

Essa unidade de conservação faz parte da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba e do Complexo Estuarino Lagunar de Iguape-Cananéia/ Paranaguá. Possui cerca de 34 mil hectares de área e é considerado o maior remanescente de Floresta Ombrófila Densa (Mata Atlântica) do Brasil, bioma que se encontra reduzido a menos de 7% de sua cobertura original<sup>44</sup>. Além disso, é o terceiro maior complexo do planeta em produção primária – é área de sustentação alimentar de grande parte da vida marinha – em função de seu amplo ecossistema, constituído de restinga, mangues, dunas e praias.

A unidade é importante ainda por abrigar uma beleza cênica e rica gama de espécies de fauna, algumas endêmicas da região e outras em processo de extinção, como o mico-leão-da-cara-preta (*Leontopithecus caissara*) e o raro papagaio-da-cara-roxa ou chauá (*Amazona brasiliensis*). Enfim, a área é avaliada como fundamental para a preservação da biodiversidade global.

É pela importância ecológica da região que projetos e ações – resultados de um modelo de preservação ambiental pautado na crença da “natureza intocada”<sup>45</sup> – foram efetivados. Formam as *políticas públicas ambientais*, empreendidas por órgãos ambientais dos governos federal e estadual e por órgãos ambientais não-governamentais.

Entenda-se por *políticas públicas ambientais* aquelas que regulamentam ações humanas em defesa do meio-ambiente. Essas políticas podem alterar os modos de vida de uma população tradicional inserida numa unidade de conservação, dado seu padrão peculiar de preservação segundo o qual qualquer ação na natureza é visto como indesejável por abalar um estágio natural supostamente primitivo, acarretando em conseqüências desastrosas às comunidades que dependem diretamente dos recursos naturais da região<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> PARQUE NACIONAL DO SUPERAGÜI. [www2.ibama.gov.br/unidades/parques/reuc/69.htm](http://www2.ibama.gov.br/unidades/parques/reuc/69.htm). (acesso em julho de 2004).

<sup>44</sup> DIEGUES, *Op. cit.*, 1995.

<sup>45</sup> O termo foi retirado de DIEGUES, Antônio Carlos. *El mito de la naturaleza intocada*. São Paulo: NUPAUB, 2005.

<sup>46</sup> D'ANTONA, Álvaro de Oliveira. Tempos e lugares nos Lençóis Maranhenses: considerações sobre o modo de vida de comunidades residentes junto a um Parque Nacional. In: DIEGUES, Antônio Carlos (org.). *A imagem das águas*. São Paulo: Editora HUCITEC, p. 125.

Ademais, segundo Álvaro de Oliveira D'Antona, a delimitação de uma unidade de conservação redefine a circulação e a ocupação dos espaços pelas comunidades aí inseridas, assim como a sua relação com o meio-ambiente. Não se poderia, assim, negligenciar a extensão dessas ações, desvalorizando importantes sujeitos dessa história, os caiçaras. É a partir dessas considerações que um estudo sobre as políticas públicas ambientais executadas no Parque Nacional de Superagüi ganha importância, justamente porque propomos confrontá-las com as práticas da população local.

Nesse sentido, foram realizadas duas entrevistas com agentes de entidades de conservação do Parque Nacional de Superagüi. Buscou-se, nessas entrevistas, entender como se dão os projetos desenvolvidos por essas instituições, assim como averiguar a avaliação dos agentes em relação às suas próprias ações. A primeira entrevistada foi Elenise Angelotti Bastos Sipinski<sup>47</sup>, coordenadora do “Projeto de Conservação do Papagaio-da-cara-roxa”, da Sociedade de Proteção da Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS).

A SPVS é uma organização não-governamental brasileira, com atuação efetiva na região de Guaraqueçaba desde 1991, dois anos após a implantação do Parque Nacional de Superagüi. A instituição possui dois projetos diretamente associados à Unidade: o “Projeto de apoio à conservação no entorno do Parque Nacional do Superagüi” e o “Projeto de conservação do papagaio-da-cara-roxa”. Ambos têm a finalidade de proteger o bioma da região – sua fauna e flora – a partir de ações que envolvem pesquisa, monitoramento, educação ambiental e geração de renda às comunidades pertencentes à Unidade<sup>48</sup>.

Segundo Elenise, as atividades da SPVS se estendem às várias regiões de Guaraqueçaba, mas concentram-se na Vila das Peças, localizada na Ilha das Peças, e na Ilha do Pinheiro, ambas pertencentes ao Parque. Segundo Elenise, há pouco contato com a Vila Barra do Superagüi, local de referência da presente pesquisa, que fica sob a responsabilidade de outra ONG, o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPE), com a qual a SPVS mantém parceria.

O IPE possui sede apenas no Estado de São Paulo e realiza atividades esporádicas na Vila Barra do Superagüi<sup>49</sup>, o que impossibilitou o contato direto com a instituição.

---

<sup>47</sup> SIPINSKI, Elenise Angelotti Bastos. **Entrevista concedida em 20 de julho de 2006**. Curitiba, 2006. Elenise foi a sétima pessoa a ser entrevistada.

<sup>48</sup> [www.spvs.org.br](http://www.spvs.org.br) (acesso em abril de 2006).

<sup>49</sup> Segundo o *site da instituição*, os projetos realizados pela ONG no Parque Nacional de Superagüi são: Programa para a Conservação do Mico-Leão-da-Cara-Preta; Papagaio-da-Cara-Roxa; Educação Ambiental; Manejo de Pesca e Maricultura. [www.ipe.org.br](http://www.ipe.org.br) (acesso em abril de 2006).



Entretanto, conforme os conteúdos dos *sites* disponibilizados pelos órgãos, as atividades e os objetivos da SPVS assemelham-se às atividades do IPE, não prejudicando a pesquisa.

Em linhas gerais, o objetivo das ONG's no Parque Nacional de Superagüi é a conservação do seu bioma aliada ao desenvolvimento sustentável da população local. Para tanto, as ONG's dependem de apoios voluntários e de investimentos privados, além de parcerias com os órgãos governamentais ali atuantes, sobretudo o IBAMA que, de acordo com Elenise, estabelece que todos os projetos a serem desenvolvidos na Unidade devem ser apresentados e avaliados pela instituição governamental. A população, por sua vez, também precisa dar seu aval para que as ações sejam efetivadas.

Na Ilha das Peças, o que é que a gente fez: então quando o projeto foi escrito, na época, nós fomos falar com o presidente da associação que na época era o [trecho inaudível] e pedimos até uma carta para ver se eles tinham interesse. “Olha, vai sair o projeto. O projeto é na parte, na área de sócio-comunidade e a gente precisa de um, né, saber se vocês têm interesse. Se tiverem interesse vocês precisam mandar uma carta de acordo para a gente não ir assim, né, não ficar...”. Daí nós [trecho inaudível] reuniões para explicar o que era.<sup>50</sup>

O projeto em questão refere-se ao “Eco-turismo de bases comunitárias” que foi recém aprovado pelo governo federal, mas vem sendo efetivado na Vila das Peças desde 2003. Elenise descreve o trabalho, destacando a participação da comunidade e a investigação das demandas sociais.

Então a gente tá fazendo, a gente fez o que esse ano, né. Nós fizemos um planejamento junto com eles, a gente está fazendo de uma forma mais participativa possível. É, então nós primeiro fizemos, nós primeiro fizemos o diagnóstico com eles isso foi [trecho inaudível] com o interesse deles. Eles nos ajudaram a fazer quais são os atrativos da Ilha das Peças, os atrativos turísticos, os atrativos de infraestrutura, todos os atrativos da região. Isso foi posto em documento com base nas informações deles e isso envolvia também pesquisas, né, biológicas, pesquisas bibliográficas sobre a região. Com base nesse documento a gente está, fizemos alguns cursos de capacitação básica e agora nessa fase, entramos numa fase de estar discutindo pra onde eles querem ir, né? Dando um... apoio, né? Instrumentalizando eles, na verdade. [grifos nossos]<sup>51</sup>

Promover atividades que envolvem o turismo é, segundo a entrevistada, uma solução ao impasse estabelecido a partir da criação do Parque, entre a comunidade e a preservação ambiental da região.

E o turismo é uma coisa bem interessante. É uma maneira de você estar conseguindo conciliar a conservação e o desenvolvimento deles que é importante também. [grifo nosso]<sup>52</sup>

Segundo Elenise, as atividades da SPVS partem da premissa de que a conservação do bioma da região só será viabilizada a partir de um trabalho conjunto entre instituições e comunidade – ou melhor, entre as ações preservacionistas e o desenvolvimento social. Houve, portanto, uma mudança significativa na maneira corrente de se preservar o meio-ambiente,

<sup>50</sup> SIPINSKI,

<sup>51</sup> SIPINSKI.

<sup>52</sup> SIPINSKI.

pois poucas são as ações que se dão diretamente no bioma do Parque, como pesquisas e monitoramento de espécies da fauna e flora (marinha e terrestre). A maior parte das ações concentra-se em estratégias sócio-ambientais, que buscam instrumentalizar as populações que ali habitam e que devem agir, segundo as ONG's, como as principais defensoras do seu meio. Podemos observar esse objetivo no projeto desenvolvido pelo IPE com algumas mulheres da Unidade, no qual a instituição oferece oficinas e promove o trabalho em conjunto na produção de fantoches de feltro no formato do Papagaio Chauá e do Mico-leão-da-cara-preta.

Os produtos já foram vendidos até para zoológicos internacionais, ajudando significativamente no aumento da renda familiar destas mulheres. Além disso, tem despertado nos moradores da região um orgulho por essas espécies e pela Mata Atlântica onde vivem. [grifo nosso]<sup>53</sup>

Aponte-se a importância dada à sensibilização das comunidades em relação ao ambiente em que vivem. Segundo Elenise, para conservar a natureza, deve-se trabalhar a consciência ambiental, o bem-estar social e a sustentabilidade econômica da comunidade, com propostas desenvolvimentistas e socialmente justas. Ademais, alguns projetos buscam também conservar as práticas tradicionais caiçaras, como o Projeto de Manejo de Pesca e Maricultura do IPE iniciado em 2001, que tem como principal objetivo:

promover, direta e indiretamente, a conservação de habitats, fauna e flora (marinha e terrestre) do Parque Nacional do Superagüi, com o manejo racional e sustentável de seus recursos naturais. O trabalho valoriza as práticas tradicionais e a cultura local das comunidades que vivem no entorno do Parque.<sup>54</sup>

Ainda que por meio de estratégias sociais, as propostas dos órgãos não-governamentais atuantes no Parque Nacional de Superagüi têm, em última instância, o objetivo de preservar a complexidade biótica da Unidade. Em seu depoimento, Elenise reitera o papel ambiental da ONG em que trabalha.

E o que a gente tem que cuidar muito também é que a gente não pode ser assistencialista. Nós não somos uma ONG assistencialista. Nós não somos uma ONG social, mas podemos trabalhar alguma coisa que tenha a ver com conservação e sociedade. Então a gente achou, né, que o foco poderia ser o eco-turismo, que a premissa é, né, conservação, socialmente justo, e tem todas essas questões que fica interessante para uma ONG conservacionista trabalhar. [grifo nosso]<sup>55</sup>

Diferentemente do trabalho das ONG's nas comunidades do Parque, o principal órgão governamental que aí atua – o IBAMA – ainda não efetivou projetos sólidos de caráter sócio-ambiental na Unidade. Segundo Cibele Munhoz Amato<sup>56</sup>, analista ambiental do Instituto

---

<sup>53</sup> [www.ipe.org.br](http://www.ipe.org.br) (acesso em abril de 2006).

<sup>54</sup> [www.ipe.org.br](http://www.ipe.org.br) (acesso em abril de 2006).

<sup>55</sup> SIPINSKI.

<sup>56</sup> AMATO, Cibele Munhoz. **Entrevista concedida em 20 de setembro de 2006.** Curitiba, 2006. Cibele foi a oitava pessoa a ser entrevistada.

Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e ex-chefe do Parque Nacional do Superagüi, a instituição está iniciando a elaboração de um Plano de Manejo – plano de administração do Parque –, que definirá e efetivará as ações pertinentes a uma Unidade de Conservação de Uso Restritivo.<sup>57</sup>

E daí a partir do momento que você tem o Plano de Manejo você consegue começar a ampliar as suas ações, porque antes disso a gente podia fazer só a educação ambiental, fiscalização e pesquisa dentro da Unidade, nada mais oficialmente é permitido, né. Então só a partir do Plano de Manejo é que vai se conseguir abrir para visitação e começar a implementar realmente essas, essas ações mais de, de um Parque Nacional.<sup>58</sup>

Segundo a entrevistada, as ações da instituição na Unidade, desde sua criação, foram de cunho administrativo e assistencial à comunidade Vila da Barra do Superagüi, já que o posto do IBAMA, no interior do Parque, situa-se aí.

Tem... 80% trabalho administrativo, burocrático, trabalho burocrático, e muito trabalho também de, de... com as comunidades assim. De muitas vezes, resolvendo mais problemas deles do que do Parque efetivamente, assim. Sabe? Problema de luz, problema de... outras coisas que eles iam recorrer pra gente do que da relação da comunidade com o Parque.<sup>59</sup>

A fala de Cibele alude à falta de organização da Associação dos Moradores da Vila Barra do Superagüi. Como será visto no capítulo seguinte, a ineficácia da Associação é uma realidade constatada pelos próprios moradores locais, os quais reconhecem que os problemas da comunidade ficam, em geral, a cargo do órgão governamental.

Segundo Sueli Ângelo Furlan, essa dependência das comunidades em relação ao Estado é uma consequência da criação de áreas ambientais protegidas, que traz consigo, ainda, outros impactos sociais por não se considerar a importância e a autonomia dos moradores locais nos projetos conservacionistas, tais como o êxodo, o abandono das atividades tradicionais e a degradação da vida comunitária.<sup>60</sup>

De acordo com Cibele, esse quadro de dependência está se alterando em função da implantação do Conselho do Parque, o qual incita a participação de representantes das comunidades da Unidade para a resolução dos assuntos locais. Entretanto, as atividades da instituição, segundo Cibele, ainda se restringem aos assuntos da ordem do cotidiano das

---

<sup>57</sup> SNUC – SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO - Lei nº 9.985, de 18 de Junho de 2000. Parque Nacional: “tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilita a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, na recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico, é de posse e domínio públicos, a visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no plano de manejo. A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável e as unidades dessa categoria criadas pelo estado ou município serão denominadas respectivamente, Parque Estadual e Parque Natural Municipal.”

<sup>58</sup> AMATO.

<sup>59</sup> AMATO.

<sup>60</sup> FURLAN, Sueli Ângelo. **As ilhas do litoral paulista: turismo e áreas protegidas.** In: DIEGUES, A. C. (org.) **Ilhas e Sociedades Insulares.** São Paulo: NUPAUB – USP, 1997, páginas 52 e 55.

comunidades em detrimento de ações específicas de uma Unidade de Proteção Integral, demonstrando que o Parque Nacional de Superagüi, desde o ano de sua criação (1989), está ainda em processo de implantação. As ações oficiais só começarão a ser ampliadas e executadas a partir de um Plano de Manejo que, segundo a entrevistada, é um processo bastante longo, que “deve levar ainda uns dois anos”.<sup>61</sup>

Como citado, a realidade das comunidades do Parque vem se transformando, segundo as entrevistadas, em função da implantação do Conselho do Parque. A criação do Conselho é uma imposição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, que pretende reunir “representantes dos órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e da população residente”<sup>62</sup>, para discutir e viabilizar ações que sejam do interesse de todos os setores envolvidos.

O Conselho, criado no ano presente (2006), foi formado de forma participativa, a partir de diversas reuniões com representantes eleitos por todas as comunidades que integram a Unidade. Atualmente a formação do Conselho conta com doze representantes das comunidades, dos quais seis são titulares e seis são suplentes, e seis cadeiras para as instituições, das quais três são instituições de pesquisa e três são instituições governamentais.

E eu acho que isso foi até um avanço porque hoje em dia a gente já, foi criado o Conselho do Parque e já está se conseguindo avançar disso. Está se conseguindo que seja... que as comunidades consigam trabalhar os problemas deles também mas que a gente também tenha uma parte deles do... do impacto... é... no Parque mesmo, né. Do que que, é...é... a gente precisa estar cuidando também pra não, não ter muito impacto em cima da Unidade de Conservação. [grifos nossos]<sup>63</sup>

É necessário à instituição, segundo a entrevistada, sair da esfera dos problemas da comunidade para adentrar na esfera dos problemas do Parque como, por exemplo, o impacto ambiental oriundo da visitação não controlada, das pesquisas, da construção de casas por pessoas externas à comunidade, entre outros citados em sua entrevista.

Elenise complementa, afirmando a importância da criação do Conselho para a região e também para a receptividade das ações dos órgãos ambientais que lá atuam, já apontando para os conflitos existentes entre as instituições e as comunidades, os quais serão abordados adiante.

Então eu acho que o Conselho fez mudar muito a visão de algumas pessoas sobre os órgãos ambientais, sobre as próprias ONG's, eu acredito que o Conselho é a base mesmo para as mudanças significativas na região, sabe. (...) é a primeira vez que, está na mesma, né, está na mesma sala, pessoas da

---

<sup>61</sup> AMATO.

<sup>62</sup> SNUC - SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, Lei nº 9.985, de 18 de Junho de 2000. Artigo 15, § 5º: “A Área de Proteção Ambiental disporá de um Conselho presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes dos órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e da população residente, conforme se dispuser no regulamento desta Lei”.

<sup>63</sup> AMATO.

comunidade, órgãos ambientais e ONG's, universidades, conversando, tentando chegar a um comum. Então eu acredito que é essa a chave, que é por aí mesmo, não dá para cada um puxar para o seu lado, né. Então, tem que, acho que é por aí mesmo que vai fazer a diferença. [grifos nossos]<sup>64</sup>

Além do Conselho, a criação do próprio Parque, segundo as duas entrevistadas, também foi bastante importante para mudanças significativas às comunidades da Unidade. De acordo com Cibele, os moradores da região começam a se unir e se organizar para requerer direitos básicos, como saúde e educação, que, até então, haviam sido negligenciados pelo governo. Ainda de acordo com a entrevistada, e contrariando autores como Sueli Ângelo Furlan sobre a situação de moradores em áreas protegidas, as comunidades do Parque Nacional de Superagüi têm se desenvolvido socialmente a partir da implantação da Unidade.

depois que as Unidades foram criadas lá, ficou muito essa coisa assim, que a região não se desenvolveu em função da criação das Unidades. Mas na verdade, as Unidades foram criadas... Superagüi foi criada há 15 anos atrás. Então não tinha se desenvolvido até ali e... eu acho que na verdade a criação das Unidades veio trazer uma visão para aquela região. E veio trazer iniciativas até de organização social e capacitação para as comunidades, que por mais que elas não dêem valor para isso, foi criando uma massa crítica nelas para elas se organizarem e começarem a estar avançando, né. Eu acho que comparando com outros locais, isso é muito incipiente ainda, mas eu vejo que de quando eu comecei até hoje, eles já melhoraram muita coisa. [grifo nosso]<sup>65</sup>

Na verdade eles estão tendo voz agora para reclamar (...). Porque até o momento eles estavam sendo esquecidos, assim, né. Se pegar os índices de desenvolvimento urbano, um histórico, né, os de Guaraqueçaba é um dos mais baixos, né. Mas aumentou muito durante os anos depois da criação das Unidades. (...) Eu não sei se em função da Unidade de Conservação, mas, talvez da visão, da visibilidade a nível mundial, a nível nacional que a criação das Unidades proporcionou para a região. [grifo nosso]<sup>66</sup>

É preciso avaliar essa visão positiva sobre a implantação da Unidade levando-se em conta as diferenças entre o conjunto das perspectivas internas – moradores locais – e da percepção dos grupos não residentes no Parque – órgãos ambientais. Ou ainda, a partir da intensidade de relação com o meio, mais superficial destes, mais profunda daqueles.

São dessas diferenças de visões que surge a relação frágil entre comunidades caiçaras e instituições ambientais no Parque, avaliada assim por todos os entrevistados dessa pesquisa – agentes ambientais e caiçaras. Os conflitos existentes entre os dois grupos são oriundos, possivelmente, da desconfiança de que os moradores locais possam ser removidos do seu lugar, uma das ações inerente às políticas de Unidades de Conservação. Ademais, as ações de fiscalização dos órgãos governamentais, que muitas vezes acabam por apreender barcos e instrumentos de pesca dos caiçaras, como será abordado no capítulo seguinte, tornam-nos bastante desconfiados a qualquer tipo de ação que se tente desenvolver lá, tanto aquelas

---

<sup>64</sup> SIPINSKI.

<sup>65</sup> AMATO.

<sup>66</sup> AMATO.

realizadas pelos órgãos governamentais, como as desenvolvidas pelos órgãos não-governamentais, que não promovem políticas de fiscalização.

A partir das constatações feitas pelas próprias entrevistadas, percebe-se que os moradores do Parque Nacional de Superagüi não distinguem os diferentes órgãos ambientais, reunindo-os todos em uma só categoria: “o outro”. Essa confusão das instituições atuantes na Unidade dificulta muito o trabalho de órgãos não fiscalizadores, como se queixa Elenise:

Não posso negar que nós como uma ONG muitas vezes somos, ainda somos um pouco confundidos com órgãos ambientais. Não existe [trecho inaudível] de eles se sentirem mal, se sentirem mal né, na verdade de se sentirem desprivilegiados por não, por lá ser uma área ambiental (...) Mas sempre tem que conversar muito sim. E muitas vezes o trabalho de fiscalização lá, o IAP, faz uma fiscalização, apreende barco, apreende rede, eles ficam bravos (...).<sup>67</sup>

O sentimento de desprivilegio das comunidades inseridas no Parque aponta para um problema sobre a criação de Unidades de Conservação: não há qualquer tipo de consulta à população. A implantação se dá apenas como intervenção estatal, assim como as limitações e proibições dela decorrentes.

Como reitera Wanda Maldonado, a atuação do Estado é uma atuação dúbia, pois não se decide pela permanência ou retirada das populações do interior do Parque, ao mesmo tempo em que se imperam proibições às várias atividades tradicionais das comunidades<sup>68</sup>. As comunidades, por sua vez, confundem-se entre uma expectativa de retirada e a permanência na região, porém uma permanência diferente de até então, resultado das novas políticas que agora regem seus modos de vida – as políticas ambientais.

As políticas ambientais – relacionadas à manutenção do meio-ambiente (fauna e flora) – definem também os modos de vida das populações inseridas em Unidades de Conservação, cunhando certa impessoalidade aos caiçaras. As políticas focadas no meio-ambiente acabam desorganizando as especificidades dessas populações, pois não prevêem ações sociais que mantenham suas atividades tradicionais. Ou melhor, não há ações na Unidade que prevejam a autonomia das comunidades, para que estas possam avaliar a manutenção ou as mudanças dos seus modos de vida.

Como apontado acima, sabe-se que uma das ações previstas por uma Unidade de Conservação de Uso Restritivo é a retirada das comunidades que habitam em áreas de preservação. Os roteiros de perguntas utilizados nas entrevistas não contemplavam essa questão, pois se esperava que os próprios entrevistados apontassem a situação de remoção ou

---

<sup>67</sup> SIPINSKI.

<sup>68</sup> MALDONADO, Wanda, **Comunidades caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela**. In: DIEGUES, A. C. (org.) **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: NUPAUB – USP, 1997, p. 125.

não das populações caiçaras do Parque, o que não aconteceu, embora essa questão seja bastante importante, pois tal situação fomenta expectativas e dúvidas nos moradores locais, o que pode interferir em suas práticas cotidianas. As dúvidas provêm, ainda, do desconhecimento das comunidades das implicações legislativas da Unidade, como afirmou Cibele.

Na análise das transcrições das entrevistas realizadas com as agentes ambientais, constata-se o sentimento de insatisfação das comunidades com relação não só às proibições e limitações trazidas com a implantação da Unidade, mas, sobretudo, por passarem a pertencer a uma área protegida, na qual imperam políticas ambientais, ainda que se proponha trabalhar em conjunto com a comunidade. O cunho ambiental de praticamente todos os projetos realizados no Parque é, segundo Cibele, um dos grandes problemas da região.

Então, é, por mais que muitas delas aí façam um processo de capacitação, é, mas geralmente isso, o mote do projeto é voltado ou à algum animal em extinção ou, geralmente... Porque assim, uma tecla que eu até tenho batido muito, é que, um dos problemas da região, é que o pessoal reclama do ambientalismo, mas as únicas ONG's e instituições que trabalham lá são as instituições ambientais. (...) Então existem sim alguns problemas, muitas vezes de que as ações propostas não são exatamente o que a comunidade quer. Ou muitas vezes porque a forma como a gente concebe os trabalhos não são adequados para a região, e até porque todas essas instituições, se você for ver, são formadas 90% por biólogos, engenheiros florestais, pessoal da área biológica, que (...) não tem condições nem capacitação mesmo, para estar trabalhando isso. Eu sou engenheira florestal, na minha faculdade eu tive uma disciplina da área de humanas. Então é bem complicado para a gente estar trabalhando isso, né. A gente não tem capacitação, a gente não tem preparo, e muitas vezes não tem perfil mesmo para os desafios que a gente tem que encarar em campo. (...) Na verdade é a maior demanda que existe, a maior demanda porque, é... Nossa, é, acho que é 80% do trabalho. [grifo nosso]<sup>69</sup>

Verifica-se, portanto, a necessidade de se efetivar, em conjunto com as políticas ambientais, políticas sociais, as quais prevejam a autonomia e o desenvolvimento normal das comunidades que habitam o Parque Nacional de Superagüi.

---

<sup>69</sup> AMATO.

### **3. Histórias de pescadores: memória e percepção dos caiçaras do Parque Nacional de Superagüi**

Para a realização desse capítulo, partimos da compreensão de que pessoas atuantes na vila, com certa influência entre os moradores e nos assuntos comunitários, poderiam proporcionar uma perspectiva mais ampla sobre as transformações que a comunidade da vila Barra do Superagüi possivelmente vem experimentando nos últimos anos, mais especificamente, desde a criação do Parque Nacional do Superagüi, em 1989. Para tanto, a busca pela Associação dos Moradores daquela vila foi necessária, visto entendermos ser essa instituição uma espécie de “ouvidoria” para os assuntos locais, e o principal elo entre a comunidade e as demais instituições que ali atuam, como a Prefeitura de Guaraqueçaba, os órgãos governamentais e não-governamentais.

Dentro da hipotética situação de transformação sócio-econômica-cultural ocorrida em função da implantação da Unidade de Conservação, a Associação dos Moradores da vila Barra do Superagüi serviria, possivelmente, como um mediador entre a população e as instituições citadas, uma espécie de “porta-voz”, tanto para os moradores quanto para outros interlocutores. Ademais, sendo uma associação de moradores, esta instituição também serviria, dentro da hipótese, como um auxiliar da população para a superação das modificações, e de seus eventuais problemas, com relação às práticas caiçaras tradicionais.

É plausível, portanto, que participantes da Associação tenham suficiente conhecimento acerca das práticas e de suas transformações na região, assim como das ações governamentais e não-governamentais ali realizadas. Nesse sentido, inicialmente, foi entrevistado o senhor Nagib França<sup>70</sup>, atual presidente da Associação dos Moradores da vila Barra do Superagüi. A intenção desta entrevista foi a de conhecer a história e a atuação da Associação na comunidade, a fim de captar, no decurso do depoimento, os pontos de discussão a serem abordados junto a outros entrevistados.

O depoimento do senhor Nagib não permite reconstruir um histórico preciso da Associação. Quando lhe foi perguntado como e porque ela foi fundada, a preocupação central em seu depoimento foi mostrar as dificuldades pelas quais estaria passando a Associação, principalmente as de caráter burocrático, e as suas tentativas de arrumá-la, como será exposto adiante. Ainda assim, foi possível saber que a Associação foi fundada em 1992, pelo ‘Piri’. O senhor Nagib também indicou nomes de alguns presidentes anteriores, o que ajudou na

---

<sup>70</sup> FRANÇA, Nagib. **Entrevista concedida em 21 de dezembro de 2004.** Vila Barra do Superagüi, 2004.



escolha do próximo entrevistado. Além disso, puderam-se apreender, com o depoimento do senhor Nagib, algumas das ações e problemas enfrentados pela Associação, não só de sua gestão, como das anteriores, assim como os problemas pelos quais passa a comunidade, proporcionando pontos de discussão relevantes aos nossos objetivos.

A segunda entrevista foi realizada com Denise Correa de Ramos <sup>71</sup>, citada na entrevista do senhor Nagib como sendo ex-presidente da Associação. Em seu depoimento, Denise apresenta alguns aspectos de sua vida, oferecendo um importante instrumento à análise, porquanto as mobilidades social e espacial da entrevistada podem fornecer pistas de sua percepção acerca das transformações da comunidade<sup>72</sup>.

Denise sugere ser bastante ativa nos assuntos comunitários, relatando vários projetos dos quais participou, descrevendo problemas da vila e como tentou solucioná-los. Essas informações ajudaram a criar, junto à análise do depoimento do senhor Nagib, um quadro mais detalhado da comunidade, proporcionando à pesquisa o eixo fundamental para as discussões.

A partir dessas duas entrevistas iniciais, identificamos alguns fenômenos relativamente recentes que estão ocorrendo no cotidiano da população da vila Barra do Superagüi, os quais foram explorados em outras quatro entrevistas. Buscou-se, no conjunto das entrevistas realizadas, entender, principalmente, as alterações nas práticas caiçaras do lugar e a temporalidade destas mudanças. A Associação, por sua própria situação, foi tomada como principal referência para a articulação das entrevistas, ou seja, a partir dela buscou-se um encadeamento de lembranças acerca das alterações no modo de vida da população local. As balizas temporais propostas pelos entrevistados relacionam-se, todavia, a episódios vividos pelos próprios depoentes.

Quando foi perguntado ao senhor Nagib o que faz a Associação, ele deixou claro, primeiramente, a sua ineficácia – uma resposta recorrente em todas as entrevistas realizadas, como veremos adiante.

A Associação aqui, ela... dessa época para cá, nunca ela foi assim uma associação de colocar as coisas no lugar. Agora eu que estou querendo puxar, né, pedindo uma coisa para um, pedindo uma coisa para outro.<sup>73</sup>

Denise também dá seu parecer sobre o funcionamento da Associação<sup>74</sup>:

---

<sup>71</sup> RAMOS, Denise Correa de. **Entrevista concedida em 22 de dezembro de 2004**. Vila Barra do Superagüi, 2004.

<sup>72</sup> SANTOS, Antonio César de Almeida. **Memórias e cidade**: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990). Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, p. 55.

<sup>73</sup> FRANÇA.

Ah, hoje está parado, assim. Não posso falar para você que está funcionando porque não está. E você vê, os sócios, ninguém está pagando nada, a água que tem uma taxa para pagar ninguém está pagando e, com tudo isso, como é que você vai trabalhar, sem dinheiro em caixa?<sup>75</sup>

É perceptível, então, que a Associação, segundo seu atual presidente e uma ex-presidente, não funciona satisfatoriamente. Segundo o senhor Natanael<sup>76</sup>, morador da vila e um dos fundadores da Associação, ela foi criada para “buscar recursos, coisas de fora, para a melhoria do lugar”. No entanto, as ações da Associação não parecem atender esses primeiros objetivos.

com o tempo, o pessoal foi, assim, deixando de buscar. Hoje se busca muito pouco. Pelo que a gente vê aí, né. (...) na época a gente foi até ao Álvaro Dias que era o governador na nossa época, né. Fui eu, o Ailton e o Alceu. É, foi marcada uma entrevista com ele lá e tivemos uns dez minutos na frente, conversando com ele, né. Daí a gente levou em mão o que a gente necessitava, o que a gente... quais eram as prioridades também. Igual a energia no caso, a água né. E... nada disso foi, assim, atendido naquela época, né. Claro que agora a gente tem água instalada, tem luz elétrica, mas vieram por outros canais, né. Não pelo o que nós procuramos. (...) Não pela Associação, não pela Associação.<sup>77</sup>

O senhor Jorvalino<sup>78</sup>, pescador e morador da vila, também revela suas impressões acerca do funcionamento da Associação:

A Associação foi montada para organizar aqui, o povo do lugar, né. Para ficarem cientes de que tinha uma Associação, né. Para ver se melhorava, mas não deu certo também, né. É complicado, né. É sempre complicado, né. Porque muitos querem, muitos não querem e... um ajuda, outro não ajuda. Aí fica aquela confusão, né. (...) É que ninguém ajudava a pagar, um pouco pagava outro pouco não pagava e daí foi acabando, né. E daí acabou. E daí passou para outro presidente e é a mesma coisa.<sup>79</sup>

Percebemos que, como afirma o senhor Nagib e Denise, a Associação, desde sua fundação, não consegue exercer sua principal função, que seria a de buscar, para toda a população, melhorias nas diversas áreas, como saúde, educação, infra-estrutura da vila, saneamento básico, assim como ser um apoio para a economia local que pode estar passando por transformações profundas após a implantação do Parque Nacional do Superagüi.

A Associação passou e está passando por dificuldades, principalmente por problemas burocráticos, como mostram as falas do senhor Nagib e da Denise:

Mas não está indo bem a associação, está toda desorganizada, né. Agora que eu estou arrumando a associação. Desde essa época para cá, desde que foi montada a associação, ela não era registrada, não

<sup>74</sup> Além do funcionamento da Associação dos Moradores da vila Barra do Superagüi, também procuramos discutir outros aspectos, tais como: os problemas fundiários; a inserção dos órgãos governamentais e não-governamentais na vila, assim como a inserção de turistas; as atividades da população, sobretudo a pesca; as relações da comunidade com a política local (prefeitos e vereadores).

<sup>75</sup> RAMOS.

<sup>76</sup> GRAÇA, Natanael Neves da. **Entrevista concedida em 04 de fevereiro de 2005**. Vila Barra do Superagüi, 2005. O senhor Natanael foi a terceira pessoa a ser entrevistada.

<sup>77</sup> GRAÇA.

<sup>78</sup> FERNANDES, Jorvalino Pedro. **Entrevista concedida em 04 de fevereiro de 2005**. Vila Barra do Superagüi, 2005. O senhor Jorvalino foi a quarta pessoa a ser entrevistada.

<sup>79</sup> FERNANDES.

era nada, sabe. O CNPJ está todo atrasado. Atrasou até agora em 2004. E eu inclusive agora estou batendo a cabeça para arrumar a associação.<sup>80</sup>

Não adianta eu falar para você que funcionou legal porque... eu achei que dois anos é muito pouco. Eu levei oito meses só para eu achar a documentação da Associação. O presidente que estava atual sumiu com elas, né. Encontrei por acaso lá na Prefeitura, numa gaveta, lá largada. Daí até colocar tudo em ordem, demora, né? Então, qualquer coisa que tinha que vir para cá, tinha que ter documentação. Então não funciona.<sup>81</sup>

É interessante indicar que, em ambos os depoimentos, após ter sido perguntado sobre a Associação em si – quando surgiu e por que surgiu –, as falas remeteram-se prontamente a problemas relacionados à terra, venda de terrenos e construção de casas de veraneio. A questão da terra sugere um ponto de discussão importante, na medida em que pode ser um problema inerente à implantação do Parque Nacional.

Denise afirma ter se candidato à presidência da Associação por temer que o outro candidato, que “era uma pessoa que veio de fora”, entrasse na associação “para fazer várias, assim, divisões, para começar a vender as terras”.

Daí eu como nativa daqui, quando me falaram isso, falei assim: “não, não acredito que o pessoal vai concordar em deixar uma pessoa entrar assim, né. Se associar e entrar e tomar conta de uma coisa que, para a gente que mora aqui precisa preservar, tem que ajudar a cuidar, né?”<sup>82</sup>

No entanto, no decurso de seu depoimento, quando Denise relata as ações dos outros presidentes, diz que

o problema deles, trabalhar com a associação era só para resolver problema de terra. Mas na verdade não é isso. A gente tem que reivindicar as coisas, fazer melhorias, tentar melhorar. E eles não. Eles só queriam saber de ficar cuidando da terra. E eu deixei esse negócio de terra. Quando vinham para medir terreno: “Ah, isso não é problema meu, não é problema da associação”.<sup>83</sup>

O senhor Nagib tem o mesmo raciocínio de Denise, e complementa falando sobre as casas de veraneio que existiam na vila:

E também... agora também... até antes de eu assumir, os outros presidentes não deixavam os turistas entrarem aqui, né. E também, quando o turista queria entrar, eles chamavam o IBAMA para ajudar. (...) Muito turista com casa. Na época tinha bastante casa aqui. Inclusive foi derrubada bastante, umas quatro ou cinco casas aqui. (...) Eu mesmo não me meto muito com a terra, com nada, porque quando eu entrei na associação eu já disse. Digo: “Olha, não vou ficar me metendo com terra aí que nem os outros se meteram com isso”. O pessoal daqui se envolvia, né, por causa de terreno, por causa daquilo. Eu disse: “Olha, eu não vou me meter com isso, com problemas de terrenos aí entre vocês. Posso fazer uma coisa é chamar o IBAMA para ver com vocês, mas eu não vou me meter”.<sup>84</sup>

---

<sup>80</sup> FRANÇA.

<sup>81</sup> RAMOS.

<sup>82</sup> RAMOS.

<sup>83</sup> RAMOS.

<sup>84</sup> FRANÇA.

É perceptível que nas discussões acerca dos problemas fundiários, um outro aspecto se sobressai e, portanto, deve ser paralelamente analisado: a atuação do IBAMA nos assuntos comunitários. Esta análise é importante no sentido de que foi apenas após a fundação do Parque que este órgão governamental deu início a intervenções nas diversas esferas da comunidade, sobretudo aquelas que, de alguma forma, relacionam-se aos impactos ambientais. Buscando averiguar qual a extensão de ação do IBAMA na vila, assim como de outros, como o IAP e a Polícia Florestal, que também foram citados nas entrevistas, e qual a receptividade dos próprios moradores às ações, foi perguntado ao senhor Nagib se ele buscava apoio nesses órgãos.

Ah, eu sempre procuro eles, né, para fazer um acordo assim... que a gente deve se envolver, mas só que, se eu me envolver, vou criar caso com os outros vizinhos, né?<sup>85</sup>

Sua resposta sugere que, em sua gestão, pelo menos quando se trata de terrenos, é o IBAMA, e não a Associação, que cumpre o papel de mediador nos conflitos de terras.

Quanto à receptividade de órgãos governamentais, em especial o IBAMA, os depoimentos do senhor Nagib e da Denise indicam uma certa divergência de opiniões. Denise toma uma posição mais concordante com as ações do IBAMA, deixando claro que é o órgão que possui o estatuto da lei e que, portanto, deve ser respeitado.

É, sempre quando dá problema, a maioria é com o IBAMA. Porque o pessoal não concorda com o tipo do IBAMA, porque eles colocam muita lei também, assim, porque não pode... desmatar. Mas daí não colocam para as pessoas o porquê que não pode. Têm algumas pessoas que entendem. Eu, eu estudei pouco, o pouco que eu sei... mas eu sei pensar que, sei que aqui a gente tem que preservar, que é um Patrimônio da Humanidade. Isso eu sei. Mas têm pessoas aqui que não sabem. As pessoas caíram mesmo que não tem o que coloque na cabeça deles, entendeu. Que não se pode derrubar uma árvore, que não se pode tirar o palmito. Então a briga deles com o IBAMA é por isso. Porque eles acham que eles, como moradores daqui, sempre foram eles que preservaram, e não é agora que vai vir gente de fora botando a lei do que pode e do que não pode, entendeu? A lei é essa, assim. Mas têm pessoas que já entendem, mas algumas ainda têm a cabeça dura aí que briga, né.<sup>86</sup>

O senhor Nagib prefere não se posicionar. “Mas eu não sou tão a favor e também não tão contra.” Cita tanto ações do IBAMA que considera favoráveis, quanto outras, que vê como prejudiciais à comunidade:

quer dizer que aqui, aqui para nós ela não deixa fazer nada, né. Quer dizer que o bem ela não traz, né [risos]. O bem ela não traz. Não ajuda em nada, mas o pessoal aqui ele não deixa mexer em nada no mato. Eu, no meu ver, pega mal, né? (...) Mas nesse ponto dos turistas eles dão muito apoio para nós. Por causa que você vê, na época, se ele não fosse, o IBAMA não se envolvesse, isso aqui estava mudado, né? Então eu acho que ia acontecer que nem a Ilha do Mel (...). De um lado eu era a favor do IBAMA, por causa disso, né. Mas do outro eu sou contra, principalmente porque ela não deixa o pessoal aqui mexer em nada, né. Não deixam cortar madeira, não deixam nada, nada, nada.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> FRANÇA.

<sup>86</sup> RAMOS.

<sup>87</sup> FRANÇA.

É interessante notar a comparação com a situação atual da Ilha do Mel. A Ilha do Mel, hoje, sofre com a especulação imobiliária e com um turismo cada vez mais predatório, além da superpopulação nas temporadas. Tudo isso acarreta em problemas com a destinação de esgoto e lixo. O senhor Nagib refere-se, no trecho citado acima, à especulação imobiliária na vila Barra do Superagüi, combatida pelo IBAMA. Várias casas de veraneio foram destruídas pelo órgão, e a venda de casas e terrenos de pescadores para turistas é terminantemente proibida, segundo Denise.

Todo morador que mora aqui tem direito de seu terreno, sendo morador daqui e desde que não vá desmatar muito, né, tem direito de chegar e medir o que é seu e fazer sua casa. Sabe que não pode vender, sabe todas as leis [grifo nosso].<sup>88</sup>

Em seu depoimento, o senhor Nagib ainda expressa o seu receio quanto à especulação imobiliária.

Por exemplo, vamos supor nós. Nós estamos, né, assim, temos uma pousadinha aqui, com dois, três quartos, né. Agora se muitos aí que eram bem contra o IBAMA, diziam assim: “Não, tem que vender aqui, comprar ali”. Eu dizia: “O negócio não é vender aqui e comprar ali.” Mas se você tem um pedaço de terreno aí e vende (...) Você não sabe para quem você está vendendo aquele pedaço de terreno, né? Chega ali, você vende aquele pedaço de terreno. Daí o cara chega aí, tem dinheiro. Chega aí e põe um hotel com cem, cinqüenta, cem quartos, não é verdade? [risos] Ou um restaurante aí. Depois você vai fazer o que? Né? Quer dizer que... daí ele tem dinheiro, você não vai... por exemplo, na sua pousada não vem ninguém, né? (...) E aí outro chega ali e põe outra, outro chega lá e põe outra. Pronto! O que acontece é que nós vamos carregar mochila para eles! [risos].<sup>89</sup>

A venda de casas e terrenos de pescadores para turistas também é criticada por Denise.

E a gente sempre falando para eles (para o pessoal da região): “não se desfaçam das coisas de vocês, não deixem chegar gente de fora, pensem no que vocês vão fazer...”.<sup>90</sup>

Ela, assim como o senhor Nagib, são proprietários de pousadas, fato que possivelmente explica seus temores em relação à especulação imobiliária na região. Ademais, as pousadas existentes na vila podem ser consideradas como atividades complementares, como no caso do senhor Nagib, que também pesca, ou até mesmo substitutas, como no caso da Denise e de seu marido, que deixaram a pesca há oito anos.

Os problemas relativos à construção parecem estender-se por toda a vila. Em todos os depoimentos eles foram citados, seja através de casos ocorridos na vila, seja associando esses problemas à Associação. Essa imediata correlação entre a Associação e os problemas com terrenos e construção corrobora afirmações de Denise e do senhor Nagib quanto à real atuação dessa instituição. Segundo o senhor Natanael, mesmo na época da fundação da Associação, em 1992, ela já se envolvia nas questões de terras e construções.

---

<sup>88</sup> RAMOS.

<sup>89</sup> FRANÇA.

<sup>90</sup> RAMOS.

Sei que faz uns quinze anos atrás mais ou menos que foi fundada a Associação dos Moradores da Barra do Superagui. (...) aquela época era um tumulto, (...) era muita briga, por causa que a gente é... ia até os caras que estavam construindo para tentar fazer o pessoal entender, que não era bem assim, que tinha que ter uma autorização da Associação mesmo. E a gente acabou até ficando meio estressado na época e a gente ficou sempre nunca terminando aquilo que a gente vinha exercendo, sabe. Sempre renunciavam. Existem os probleminhas aqui na vila. (...) É, com a terra. Porque nós tínhamos autorização na época para... não para proibir, né, mas para que as pessoas viessem conversar com a gente, com o pessoal da Associação, para daí então ter uma autorização pela Associação para construir em determinadas... em determinadas áreas, né. E às vezes o pessoal não queria isso. O pessoal da vila mesmo<sup>91</sup>.

O mesmo tom pode ser encontrado no depoimento do senhor Jorvalino.

É, tinha que passar pela Associação, senão como é que... os que não gostavam da Associação então passavam por cima, né. Daí eles iam lá e faziam o barraco e a Associação ia lá e embargava. (...) E daí dava confusão, né<sup>92</sup>.

Essas primeiras ações da Associação concorrem, de certa forma, com as políticas do IBAMA, conforme indica a opinião do senhor Valdir<sup>93</sup>, também morador da vila e ex-presidente da Associação.

Que até hoje é o IBAMA que se envolve aqui. Construção... se vai construir e não tiver autorização deles daí embarga. É preciso autorização dos homens. Até para reformar. Alguns reformam (...) Mas, se for construir e alguém dedar, mesmo morador daqui, eles vêm e embargam<sup>94</sup>.

Os problemas de terra e construção não se limitam apenas às “pessoas de fora”, os próprios moradores estavam inseridos nos conflitos. Ademais, segundo Denise e o senhor Nagib, todos os presidentes anteriores direcionaram suas gestões aos problemas fundiários, o que suscita uma hipótese: a Associação dos Moradores da vila pode ter sido criada em função da necessidade de mediação entre as restrições do IBAMA, vigentes desde a fundação do Parque, e a demanda da própria população. A necessidade de conversar com o pessoal da Associação para poder construir em áreas permitidas, como apontado pelo senhor Natanael, indica essa possibilidade.

Os problemas fundiários na vila acabam de trazer em seu bojo um outro ponto de discussão: a presença das categorias “gente de fora” e “nativos”, identificáveis no depoimento de Denise:

Quando é daqui mesmo e o cara não tem seu terreno, o pessoal tem que concordar, porque está precisando, porque ele é nativo daqui ele tem direito a um terreno. Daí a gente colocou assim, tipo uma lei dentro da Associação que a gente tinha que fazer uma votação, entendeu? Quem concordava que a pessoa ficasse com seu terreno. Daí a maioria das pessoas concorda porque é nativo. Mas quando é alguém de fora, já não. Só se o pessoal gostar muito dele. Que nem o Gigante, que é um turista ali, que o pessoal concordou. Que quando ele fez a casa dele aqui, não era Parque. (...) E quando passou a ser Parque, daí já começaram a se envolver com ele. Então ele entrou junto com a Associação. E a Associação junto com o IBAMA achou melhor que ele ficasse (...), o pessoal gosta dele. Então ele

---

<sup>91</sup> GRAÇA.

<sup>92</sup> FERNANDES.

<sup>93</sup> SANTOS, Valdir dos. **Entrevista concedida em 05 de fevereiro de 2005**. Vila Barra do Superagui, 2005. O senhor Valdir foi a quinta pessoa a ser entrevistada.

<sup>94</sup> SANTOS.

ficou. Mas assim, ele também está com um problema com o IBAMA, porque ele tinha que só reformar a casa dele e acabou construindo. Mas daí já não entra a Associação, fica entre ele e o IBAMA [grifos nossos].<sup>95</sup>

Além de demonstrar possíveis categorias existentes na fala dos moradores, este trecho é também interessante por reiterar algumas situações existentes no cotidiano da comunidade, como o envolvimento do IBAMA nos assuntos comunitários, muitas vezes a pedido da própria associação, pois esta não tem, como afirma Denise, o poder de embargar uma obra dada como irregular, por exemplo. A ocasião da criação do Parque Nacional também surge como um momento de inflexão nas práticas da comunidade: o que antes era permitido, agora já não se pode mais.

Na leitura das demais transcrições observou-se que as categorias “pessoa de fora” (turista) e nativo (“morador daqui”) estão freqüentemente presentes dos depoimentos, confirmando que existem divisões propostas pela própria comunidade para diferenciar seus integrantes, assim como diferentes receptividades a essas pessoas em diferentes épocas. Segundo o senhor Jorvalino, que é de Cananéia e mora na vila há dezesseis anos, a comunidade tem uma boa aceitação dos turistas que possuem casa na vila, concordando com a opinião de Selma<sup>96</sup>, nativa da região:

Porque é ruim, também, o pessoal vem de fora, e daí vai fazer uma casa... Que aqui é um lugar pequeno, as pessoas vão casando já nem tem espaço para todo mundo, né. Então eu acho que não deveria mesmo encher de turista, para casa, assim, morar no lugar, aqui não. Eu não concordo com isso. (...) quem ficou é gente boa, assim, sabe. Acho que o povo não tem nada contra.<sup>97</sup>

“Quem ficou” foram os turistas que não tiveram suas casas derrubadas após o ano de 1997. Selma, porém, não concorda com o estabelecimento atual de turistas na vila, embora a entrada de “pessoas de fora” já não era vista com bons olhos desde a época da criação da Associação, pois “pessoas que não eram nativas, então o pessoal geralmente criava um tumulto, assim, para não deixar o pessoal entrar”.<sup>98</sup>

Essas categorias e as diferenciações que elas contêm marcaram o próprio estatuto da Associação:

---

<sup>95</sup> RAMOS.

<sup>96</sup> ALVES, Selma Pires. **Entrevista concedida em 05 de fevereiro de 2005**. Vila Barra do Superagüi, 2005. Selma foi a sexta pessoa a ser entrevistada. A escolha desta entrevistada foi proposital – achou-se importante entrevistar mais uma mulher da vila, visto as atividades realizadas pelas mulheres serem diferentes das realizadas pelos homens, resultando em práticas sociais e econômicas também diferenciadas. Essas práticas, por sua vez, resultam em perspectivas distintas acerca das alterações no modo de vida da população, enriquecendo a discussão acerca dessas mudanças.

<sup>97</sup> ALVES.

<sup>98</sup> GRAÇA.

E também coloquei uma cláusula no estatuto que pessoas de fora não poderiam fazer comércio aqui, como pousadas, mercearia, mercados, camping. Que seria um negócio do povo.<sup>99</sup>

“Um negócio do povo” refere-se às atividades que devem ser exercidas somente pelos nativos, especialmente aquelas relacionadas ao turismo, confirmando que existe um receio quanto à especulação imobiliária nos terrenos da vila. Há, de fato, casos em que turistas compram casas de pescadores, porém ilicitamente, adquirindo a propriedade em nome de um nativo.

Ali no Pocidônio ali tem aquela Maura, a tal da Maura tem casa ali. (...) E tem mais para cá para cima, parece. Que fizeram em nome do, do... do nome do cara do lugar, né. Então fizeram. O cara deu dinheiro para ele e fez no nome do cara. Mas não é dele, é do outro.<sup>100</sup>

O receio quanto à especulação imobiliária deve-se, principalmente, pela acentuada transformação nas esferas econômica e cultural da comunidade. A indicação nos depoimentos de novas fontes de renda sugere que as atividades relacionadas à pesca estão, aos poucos, sendo complementadas ou até mesmo substituídas, sobretudo pelo turismo.

Outro ponto a ser discutido seria a atuação de organizações não-governamentais na comunidade. Apesar de não terem sido citadas no depoimento do senhor Nagib, as ONGs foram freqüentemente apontadas na entrevista de Denise, o que possibilitou perceber a relação existente entre a associação dos moradores e esses órgãos, pelo menos na época de sua gestão.

Daí as ONGs queriam trabalhar junto, apoiar, né. (...) Assim, eles queriam vir participar com os trabalhos deles, assim, né (...). Porque eram idéias boas que eles tinham também, né. Inclusive até tem, eles estão aí e sempre têm dificuldades para eles estarem trabalhando, né, porque nem todo mundo aceita. Então, mas assim, eles tinham idéias de trazer grupos, assim, formar grupos para fazer campanha do lixo, essas coisas todas né, com educação ambiental, com a participação da associação. Mas era difícil, né, bem difícil porque daí tinha que ter colaboração pelo menos da assembléia no caso, pelo menos do pessoal que coordenava, dos participantes da associação.<sup>101</sup>

Percebe-se a existência de dificuldades na relação entre as ONGs e alguns moradores.

Conforme o depoimento de Denise, isto se deve às atitudes das ONGs:

Ficaram de vir na Associação, para fazer tipo um projeto, para trabalhar junto. Mas também marcaram de ir e nós ficamos esperando. Até hoje não apareceram. (...) Tinham algumas até que falavam: “Não adianta ficar participando, resolvendo, o pessoal fala que vai fazer isso, isso e aquilo, mas chega na hora não vai”. Então, corta o barato da gente daí, né? A gente se empolga com um monte de idéias, com um monte de coisas, chega na hora de fazer ninguém faz um esforço para fazer. Daí as pessoas passam a desacreditar (...).<sup>102</sup>

Mesma coisa das ONGs aí. O que tem que fazer é cobrar deles também, né? Porque eles fazem pesquisas na comunidade, trabalham bastante com as pessoas daqui. Mas também tem que reivindicar, tem que trazer algum benefício que seja importante. Não é só querer ir atrás de pesquisas, de informações para eles e não reverter nada para a comunidade.<sup>103</sup>

---

<sup>99</sup> SANTOS.

<sup>100</sup> FERNANDES.

<sup>101</sup> RAMOS.

<sup>102</sup> RAMOS.

<sup>103</sup> RAMOS.



Segundo Denise, a ONG que atua na vila é o IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas). Este órgão não-governamental realiza um certo número de atividades na comunidade que, conforme Denise, referem-se à educação ambiental com as crianças, aos projetos com ostras e mariscos (maricultura) junto aos pescadores, e aos trabalhos realizados com as mulheres, estes últimos sendo os mais abordados pela depoente por ter sido assídua participante.

As atividades junto às mulheres realizadas pelo IPÊ compreendem os bordados em camisetas com bichos da região ameaçados de extinção (papagaio-da-cara-roxa e mico-leão-da-cara-preta) e a confecção de fantoches também inspirados nestas espécies. Estes trabalhos são recentes, mas muitas mulheres já deixaram os projetos.

Desistiram. Hoje tem menos porque o IPÊ começou com uma regra, entendeu? Em cima. E eu não aceito, entendeu? Porque se elas, se o IPÊ quisesse que elas fossem caminhando sozinhas, né, tudo bem. (...) Elas venderam as camisetas e foi pago o material para o IPÊ. Então eles não podiam se envolver mais. Eles podiam até estar trabalhando juntos, assim, (...) De auxiliar, de ajudar, né. Mas não. Eles começaram a colocar regras, entendeu? Se faltasse três reuniões estava fora. E a regra tinha que ser isso, isso e aquilo. Daí já começou a não dar certo.<sup>104</sup>

Discutir as atuações das ONGs é imprescindível para compreendermos parte dos vários mecanismos de geração de renda na vila. O pescado não é mais o único responsável pela receita na comunidade, as atividades realizadas pelas ONGs (projeto de maricultura, projetos das camisetas e fantoches) apresentam alternativas de renda à população, indicando, possivelmente, que há uma necessidade de trocar a atividade da pesca por outras. Isto se reflete tanto nas atividades dos homens pescadores, quanto nas das mulheres, que habitualmente trabalham como “descascadeiras” de camarão.

De descascadeira de camarão é a atividade que a “mulherada” faz, aqui é descascar camarão. Limpar camarão, peixe. Têm algumas que fazem tipo crochê, tapetes, essas coisas, né, que fazem naquela... como é que é o nome dali... ah! É uma associação também que tem ali, um negócio do IPÊ, não é uma associação, o IPÊ ali. Têm umas mulheres que estão associadas no IPÊ ali. Então elas fazem ali... um negócio do mico-leão (...).<sup>105</sup>

Selma aponta uma alternativa de renda da “mulherada” da vila: os trabalhos realizados pela organização não-governamental IPÊ têm sido a escolha de algumas mulheres para complementar a renda familiar. A maricultura, por sua vez, parece não estar atendendo às necessidades dos pescadores.

Assim, igual o... o IPÊ, né, que vieram para ajudar também o pessoal do IBAMA, até agora eu não vi nada assim de ajuda.<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> RAMOS.

<sup>105</sup> ALVES.

<sup>106</sup> FERNANDES.

Eles têm a maricultura aí que eu não sei como é que está, que mexiam com mexilhão. Fizeram uma associação aí, mas está tudo parado também, (...) eu acho que é muito relatório e nada tem sido feito. (...) Receberam uma verba. E... quer dizer, como diz o outro, morreu na casca, né? Não está tendo criação, não está tendo cultivo, nada. (...) Se você, se você olhar, essas ONGs não trouxeram benefício nenhum, a não ser o IPÊ que... vieram duas mulheres aí numa época do fantoche do mico-leão e do papagaio, que elas ganharam, várias mulheres aí ganharam um bom dinheiro nisso daí. E também, ensinando, estão ensinando até hoje um ou outro artesanato (...). Inclusive minha esposa aprendeu muita coisa. É a única coisa que... (...) De proveito, de proveito.<sup>107</sup>

O IPÊ foi comumente lembrado nos depoimentos. Suas atividades realizadas junto às mulheres da comunidade parecem ser efetivas, não obstante os problemas, apontados por Denise, na relação entre este órgão não-governamental e alguns membros da comunidade.

Percebe-se que a intenção dos projetos realizados pelo IPÊ, mesmo aqueles que não foram concluídos, é criar um novo tipo de geração de renda na comunidade. Isso indica que há uma real necessidade de mudanças nas atividades tradicionais da vila, que seriam a pesca e a limpeza dos pescados para venda, por outras, como as desenvolvidas pela ONG junto às mulheres, por exemplo.

As atividades relacionadas ao turismo estão, no atual momento da vila, revelando-se também como alternativas aos moradores. A venda de pescados já não atende mais à demanda financeira da população, incentivando-os cada vez mais a criar uma infra-estrutura turística que comporte um número crescente de visitantes.

Ah, agora é mais turismo, né? A Ilha está mexendo mais com turismo. Pousadas, lanchonetes, essas coisas mais. [grifo nosso]<sup>108</sup>

Olha, hoje já tem, já tem várias, várias pessoas que são proprietárias de pousadas, né, de alguns restaurantes como você tem visto na beira da praia. É assim uma... uma alternativa no caso, né. Uma fonte de renda. Hoje o pessoal está criando bastante... é, restaurantes, pousadas, até camping's já têm uns dois, três, né. [grifo nosso]<sup>109</sup>

Pousadas, restaurantes, camping, pessoas que fazem salgados em casa e põem para vender... é uma fonte, estão se virando, né. Mas depender somente dos pescados, hoje em dia o pessoal já teria arrumado as malas e procurado um outro lugar.<sup>110</sup>

O pessoal pesca e as mulheres aqui descascam camarão e... hoje eles fazem um artesanato também. Por causa do turismo as mulheres trabalham em pousada, camping, salgadinho, porque a pescaria também hoje está muito fraca.<sup>111</sup>

A divulgação das belezas e da riqueza biológica da região, intrínseca à criação do Parque Nacional, fomentou a vinda de turistas à Ilha do Superagüi, sobretudo na vila, por sua facilidade de acesso. Isto, de certa forma, também determinou a escolha de novas práticas

---

<sup>107</sup> SANTOS.

<sup>108</sup> ALVES.

<sup>109</sup> GRAÇA.

<sup>110</sup> GRAÇA.

<sup>111</sup> SANTOS.

econômicas e culturais, cada vez mais associadas ao atendimento ao visitante em detrimento da pesca.

Essa urgência na troca de atividades remuneradas pode ter-se dado em função de diversos fatores, mas um foi comumente citado nos depoimentos: a atual baixa na produtividade da pesca. Em sua entrevista, o senhor Nagib, que é pescador, reporta-se a algumas dificuldades enfrentadas pelos pescadores “pequenos”, os pescadores da vila.

por exemplo, nós saímos daqui sete horas da manhã, seis horas da manhã a gente sai pescar. E umas duas ou três horas nós estamos aqui, né. E barcos grandes que vem de fora, de Santos, de Itajaí, dessas partes, eles levam a semana inteira pescando, né? Por exemplo, se têm dez barcos lá pescando. Eles vão lá, se não tiver os barcos, eles (o IBAMA) vão se cobrar nos pequenos, né? Eles vão nos levar. Para você ver, nesse tempo aí, mas tinha barco pescando, eles pescam a semana inteira, dia e noite pescando, né. Os barcos deles são grandes e então eles dormem ali e pescam a noite inteira, e os pequenos não. Os pequenos vão ali e quando são duas ou três horas eles estão de volta em casa. E quando eles vão lá, ah, se não tiver os grandes eles (o IBAMA) levam os pequenos, né. Então quem paga o pato sempre são os pequenos [risos].<sup>112</sup>

Este trecho revela a incursão de barcos de grande porte na costa da Ilha do Superagüi, fato que pode estar acelerando os processos de transformação nas tradicionais práticas da população caiçara aí existente, devido, principalmente, à desequilibrada concorrência na quantidade da pesca.

A entrada de grandes embarcações também foi apontada pelo senhor Jorvalino, também pescador, e pela Selma:

Diminuindo. Não sei como, mas está. Muita embarcação, né? Acho. Muito barco perto da costa. Os barcos arrastam muito em terra, os barcos grandes. Daí acaba, matam os filhotes de peixe. Eles não podem produzir. (...) Vêm daí de Guaratuba, vêm lá do Sul, de Santa Catarina, Itajaí. Vêm alguns aqui de Cananéia. Agora não estão deixando mais que... os barcos pescar em terra. Mas é difícil, né? Quando eles não vão (a fiscalização), eles chegam para a terra. Quando a fiscalização não vai lá eles pescam e... (...) Mas mandaram sair para fora. Até essa mulher que está aqui, a conheço, ela cuida aqui do Parque, ela esteve esses dias aí e mandou os barcos para fora, as embarcações. (...) É que eles estão exigindo que os barcos não pesquem mais em terra. Se os barcos pescarem em terra daí acaba a pescaria.(...) É, eles vêm à noite, né, com o luar. (...) Começou o luar, fica como o dia, eles pescam na beira da praia. O IBAMA, o IAP também não sai de noite. É o IBAMA e o IAP que tem. (...) Aqueles barcos lá, onde eles passam a rede, dia e noite ali, os barcos eles saem e ficam lá dia e noite! E nós só saímos às seis horas da manhã, voltamos ali pelas quatro, três, quatro horas da tarde, ficamos lá. Às vezes a gente vem mais cedo ainda. Mas os barcos não. É dia e noite, né. Com aquela rede lá na água só arrastando. E aí vai ficar o que? Que pescaria, que peixe, que camarão que vai ficar? Não dá! Acaba com tudo. Mata filhinho, tudo.<sup>113</sup>

Porque aqui, o complicado aqui são os barcos que vêm de fora, né. Eles vão acabando com tudo, daí chega na época de, nas temporadas de (reprodução), o IBAMA sai, e eles invés de pegar os grandes, porque os grandes que chega a ter pesca de manhã e à noite. Viram. Então eles, né... Agora os pequenos não. O pequeno não tem rede. Porque na verdade o IBAMA quer que o pescador pesque, se eu não me engano, não sei se é duas milhas ou sete milhas para fora, por terra, né. Então... mas o pescador não tem condições, porque a rede do pescador, do nosso pescador aqui, não é o tamanho da rede do pescador de barco. (...) Então eles... até onde eles vão até os pescadores pequenos, né, que estão em terra eles pegam tudo depois. Daí, mas não tem condições mesmo, para o pescador pequeno, para começar, as

---

<sup>112</sup> FRANÇA.

<sup>113</sup> FERNANDES.

embarcações pequenas não conseguem é... pescar com a rede que o barco grande pega, né. Então não tem. Não é que o pessoal não compre uma rede grande, é porque não tem mesmo. Têm pessoas que tem um barquinho de motor de sete, ou de vinte e quatro, né. (...) E o pessoal daqui, trabalha, tipo assim, quando tem muita pesca, saem daqui de manhã, quando é meio-dia já estão voltando, quando dá bastante, né. Ou senão saem de manhã cedo, seis horas, quando voltam é... cinco horas da tarde, quatro, três. Mas voltam embora, né. Agora, esses barcos grandes não. Esses barcos viram a noite. Tem, tem barco que vira o mês lá fora para depois descarregar, né. Daí acaba com tudo, que essa rede deles leva caramujo, mexilhão, lula, tudo. Tudo o que existe no fundo do mar eles vão levando tudo.<sup>114</sup>

Esses dois trechos são muito interessantes, primeiramente pela similaridade de conteúdo, também bastante aproximado ao relatado pelo senhor Nagib. Estes trechos indicam ainda que, além da entrada dos grandes barcos de arrasto, que depredam um bioma fundamental para a reprodução dos pescados, prejudicando os pescadores ‘pequenos’, há a ineficiência dos órgãos fiscalizadores (IBAMA e IAP), que acabam por ‘liberar’ a pesca de arrasto das grandes embarcações em detrimento da pesca em pequena escala dos caiçaras, prejudicando os próprios pescadores.

Porque tem muito barco, muita rede, e não tem, assim uma... um pessoal para determinar assim que época do ano pode-se pescar tal espécie de peixe, né. Então a gente acha que isso aí também ajudaria muito no caso, né. E não tem ainda. (...) o IBAMA não proíbe.(...) E no arrasto do camarão a gente sabe que mata muita criação, muito peixe que está se formando ainda, né. Então acho que talvez seja até isso que hoje o pessoal já está se assustando com a falta de peixe, né. (...) Não tem um controle. Tudo o que não tem controle vem a terminar, né. Chega ao fim mesmo.<sup>115</sup>

O IBAMA também, ajudar assim, ajudar não ajuda. Quando querem prender a gente eles vão lá fora e pegam a gente e prendem. Agora, eu já estive preso (...) pelo IBAMA e pela Florestal. Me pegaram ali. Disseram que eu estava fora da linha. Me pegaram de lá, de Paranaguá e de lá me levaram lá para Antonina. Ficamos presos lá, vinte e quatro horas. Saímos no outro dia de lá. E agora estou respondendo um processo, na Justiça Federal, lá. Dois anos faz o processo.<sup>116</sup>

O senhor Jorvalino relembra sua experiência de passar da “linha” e, por isso, ser preso. Complementa ainda que essas ações coercitivas dos órgãos governamentais “começaram também no tempo em que eu cheguei aqui”, entre 1989 e 1990, época da fundação do Parque e quando uma linha imaginária para delimitação da pesca foi estabelecida.

“A realidade é que a pescaria está diminuindo a cada ano e já não está suprimindo a necessidade de quem habita as ilhas”<sup>117</sup>. A queda na produção parece ser relativamente recente, como indicam o senhor Natanael e o senhor Jorvalino.

houve acho que muitas mudanças, porque... hoje o pessoal já não traz mais aquela quantidade de peixes que trazia antes. O camarão, sabe, tudo foi diminuindo de certa forma, que hoje o pessoal está meio assustado até. Não sabe como vai fazer para que essa história de pescador se prolongue por muitos anos, né. [grifo nosso]<sup>118</sup>

---

<sup>114</sup> ALVES.

<sup>115</sup> GRAÇA.

<sup>116</sup> FERNANDES.

<sup>117</sup> SANTOS.

<sup>118</sup> GRAÇA.

A mudança na pescaria tem muito. Perdeu bastante. Fracassou muito, de uns tempos para cá fracassou muito, decaiu. Tanto do camarão, do peixe, não tem mais como tinha antes. Uns dez anos, quinze anos atrás tinha pescaria. Agora... acabaram tudo. Acabou camarão, peixe. [grifo nosso]<sup>119</sup>

Essa diminuição da produção pesqueira parece estar contribuindo ainda para outras mudanças no modo de vida desta população. Alguns pescadores estão vendendo suas casas na vila, segundo o senhor Valdir; outros, como o próprio senhor Valdir, estão mandando seus filhos para outras cidades, para trabalhar ou estudar.

Tem que se virar de algum jeito, outro. A maioria aqui não tem trabalho, né. A profissão é só pesca. Hoje é que temos aí é... o segundo grau, que forma supletivo. Temos o primeiro grau hoje, graças a Deus também, né. Que até três anos não tinha nem o primeiro grau. Então os jovens aqui de hoje estão se preparando para ir trabalhar fora. Mesmo eu tenho uma menina que está em Ponta Grossa. Ele vai embora para Ivaiporã. E a outra não foi porque demorou uns dias e perdeu o emprego também em Ponta Grossa. A gente não quer separar a família mas a necessidade obriga! (...) Então se tem que começar a mandar os filhos embora para trabalhar e estudar, para ver se eles têm um futuro melhor. (...) Já tem bastante família fazendo isso. A necessidade obriga.<sup>120</sup>

A queda na produção também pode estar mudando a forma de pensar dos caiçaras. A explosão de um navio chileno no porto de Paranaguá, no final do ano de 2004, está sendo encarada, por alguns pescadores da vila, como uma “benção” e não como algo danoso:

Se virar de outro jeito! Nós, por exemplo... a explosão do navio, quer dizer, foi a desgraça para um e a benção para outros. Porque, nesse mês que entrou o verão, a pescaria aqui não está suprindo a despesa do pescador. (...) Aliás, têm meses aí que não está dando nada. Então o pessoal está vivendo aí das cestas básicas e do salário do desastre ecológico aí que saiu, dois salários para o pessoal. E mais a promessa da indenização, que isso afetou também... o óleo afetou essa área. [grifo nosso]<sup>121</sup>

Agora, agora, agora deu esse tempo ruim aí, ficou ruim. Estamos mais de mês sem pescar. Ainda nós tivemos sorte por causa desse navio que afundou em Paranaguá, né. Arrumaram umas cestas para nós, deram trabalho aí para a gente. Eu sei que... ajudou, está ajudando a gente, né. Porque senão a situação nossa estava ruim. A minha estava mesmo. Se não fosse isso eu estava passando necessidade. [grifos nossos]<sup>122</sup>

Outro ponto deve ser discutido: as relações de poder existentes na comunidade. Essas se referem às relações entre a Prefeitura Municipal de Guaraqueçaba, os vereadores eleitos pela vila Barra do Superagüi e sua Associação dos Moradores. A discussão dessas relações é bastante pertinente, porquanto se acredita serem elas muitas vezes responsáveis pelas determinações e configurações de certas práticas desenvolvidas na vila. É através da associação dos moradores e dos vereadores em primeira instância, e dos vetos ou liberações do prefeito num último momento, que a comunidade muitas vezes define as práticas sociais, econômicas e culturais de seus integrantes, ou ainda as práticas referentes a qualidade de vida da população, como melhorias na saúde, por exemplo.

---

<sup>119</sup> FERNANDES.

<sup>120</sup> SANTOS.

<sup>121</sup> SANTOS.

<sup>122</sup> FERNANDES.

Uma vez eu consegui todo o material para arrumar o postinho de saúde. Daí quando estava tudo bonitinho lá, depois que ficou pronto, aí o jornal falou que foi a Prefeitura que fez, que bancou tudo [risos]. E foi a associação dos moradores, fui eu que corri atrás de tudo<sup>123</sup>.

Percebe-se que essas relações podem ser também consideradas como conflituosas, principalmente entre a associação dos moradores, de um lado, e a Prefeitura e os vereadores, do outro.

Quando, em seu depoimento, Denise relata um projeto desenvolvido pela comunidade em parceria com uma ONG – projeto que visava a coleta do lixo pelos próprios moradores, visto ser o lixo considerado o maior problema na vila segundo uma pesquisa ali realizada –, ela reitera as dificuldades de relação entre a associação dos moradores e a Prefeitura.

de três em três meses a gente fazia um mutirão com o lixo. Nós pegávamos trinta, quarenta mulheres para recolher o lixo. Eu cobrava muito da Prefeitura para eles virem tirar, pelo menos virem buscar, porque eu já tinha conseguido os sacos com o pessoal da Secretaria do Meio Ambiente lá de Curitiba<sup>124</sup>.

E em outro momento:

Daí a gente pensou: “Vamos buscar ajuda da Prefeitura, vamos ver se eles colaboram com a gente.” Daí fomos conversar com o prefeito, né. (...) fizemos um abaixo-assinado com todos os moradores, porque a gente está reivindicando isso, que a gente quer a colaboração da Prefeitura para pelo menos ter um barco para retirar o lixo de lá. O pessoal mesmo recolhe, né, a Associação se prontifica a recolher (...) antes de a gente ir lá a gente conversou com os vereadores aqui, com os dois, chamamos eles (...) Eles viram que o maior problema aqui era o lixo, concordaram, que davam o maior apoio, tudo. Mas no fim, lá eles não apareceram. Ficou eu, o prefeito, e a outra moça que foi comigo. Daí ele falou que ia ajudar, mas, até hoje, não ajudou em nada. Então fica difícil, daí<sup>125</sup>.

É perceptível a falta de colaboração da Prefeitura, e até mesmo dos vereadores eleitos pela vila, para com a associação dos moradores local. Isso é um ponto relevante a ser discutido, porquanto esse ‘descaso’ com a Associação pode estar dificultando as propostas de ações para a melhoria da qualidade de vida da população.

Conforme o senhor Valdir, ex-presidente da Associação, as principais barreiras colocadas para suas ações são de cunho político, confirmando as afirmações de Denise quanto um certo ‘descaso’ dos políticos locais em relação à vila.

Quando eu fui presidente da Associação, o que eu tentava trazer aqui, o vereador daqui tentava tirar. Se levantou contra a Associação, contra mim, na época. Quis desfazer o que eu queria fazer. Foi o que mais levou eu ficar um ano e desistir mesmo. (...) Mas também se não fossem as barreiras a gente podia continuar mais uns dois anos. Porque você trabalhar contra... o que você quer fazer, o prefeito não abre as portas, vereador não ajuda, aliás, trabalha contra o que você quer fazer, aí ficam difíceis as coisas.<sup>126</sup>

---

<sup>123</sup> RAMOS.

<sup>124</sup> RAMOS.

<sup>125</sup> RAMOS.

<sup>126</sup> SANTOS.

Essas barreiras parecem resultar numa instituição vista como ineficaz pela própria população. “Melhoria aqui é difícil ter, né”, são palavras do senhor Jorvalino, mas podem estender-se à percepção de todos os entrevistados. Tal percepção parece ser bastante plausível, visto que propostas de melhorias na qualidade de vida da população, segundo o senhor Valdir, são vetadas pela Prefeitura.

Eu consegui o dentista, o dentista me... por muito tempo ele me telefonou, veio atrás: “Não Valdir, vamos, vamos, eu quero fazer trabalho lá com vocês, eu trabalho dois anos de graça”. Mas como não foi por intermédio da Prefeitura eles não me liberaram. Um dia o prefeito falou para mim: “Ah, mas não veio por intermédio da Prefeitura, não sei o que”. Mas o que custa, né? Para ajudar o povo... tem que pensar no povo. Porque os nossos políticos hoje estão pensando em si mesmos. Só nos seus interesses, né? E eu, enquanto essa política não mudar, enquanto esse pessoal não pensar no povo em geral, e fazer para o povo, as coisas vão continuar ruim sempre.<sup>127</sup>

Portanto, a Associação dos Moradores acaba por voltar-se integralmente a questões como as da terra e construção, servindo como um mediador entre os órgãos ambientais (IBAMA, Polícia Florestal) e a população local.

Por fim, nos depoimentos analisados, foi perceptível que, a partir de um certo momento, algumas práticas foram alteradas, como, por exemplo, a instalação na vila de pessoas não nativas da região. O conjunto de entrevistados nos aponta essa situação: Jorvalino, Natanael e Valdir vieram de outras regiões, cada qual com seus motivos, e parece terem construído suas casas sem dificuldades, o que é confirmado pelo senhor Jorvalino.

Quando eu construí aqui não tinha esse negócio... não era Parque ainda. não era tão exigente assim como é agora. Porque quando eu cheguei aqui, tinha ali aquele posto florestal ali, estavam fazendo o posto florestal ali. (...) Que antes disso, quando, você vê, eu cheguei aqui não tinha tantas exigências que tem agora. Para fazer casa tem que ter autorização agora do IBAMA, aí. Para você arrumar a casa, (...) mexer no barraco aí tem que tirar a ordem, tem que tirar a autorização deles lá senão não faz. Que para arrumar aquele pedaço, lá por trás lá, tive que tirar autorização do IBAMA para fazer, porque senão eles não deixavam fazer.<sup>128</sup>

Quando foi perguntado a Selma sobre o aumento da população local e do número de casas na vila, ela respondeu:

Nossa! Aumentando demais. Mas sempre são pessoas daqui mesmo, não tem pessoas de fora. (...) Não. O que tinha, há dez anos atrás foi derrubado, né, as casas. E depois nunca mais veio turista procurando casa.<sup>129</sup>

E ainda, quando foi perguntado se haviam turistas morando atualmente na vila, continuou:

Não! Tem sim, têm as pessoas mais velhas. Se eu não me engano, há sete anos atrás, né, há dois anos já, quem tinha casa há sete anos atrás parece que ficou a casa, não foi derrubada. Agora, as casas novas foram todas derrubadas. (...) E as pessoas novas que chegaram aqui não têm. Derrubaram tudo.

---

<sup>127</sup> SANTOS.

<sup>128</sup> FERNANDES.

<sup>129</sup> ALVES.

Derrubaram três casas. Derrubaram uma pousada e três casas de moradia. (...) eu nem lembro o nome da pousada, mas perto do IBAMA tinha uma pousada lá. (...) Você que anda por aí, pergunta para o pessoal sobre a pousada que derrubaram. Ela era uma pessoa de fora.<sup>130</sup>

Outra prática que parecia ser freqüente, e que caiu em desuso, era a derrubada de árvores da mata, para plantar ou para construir casas e barcos.

Antigamente plantavam. Plantavam, plantavam arroz, feijão, milho, poucas coisas assim... coisas assim, que davam na terra seca. Agora não, agora não tem mais ninguém plantando (...) É que também, agora também não pode derrubar, né. Que antigamente derrubavam para fazer... mas hoje em dia não pode derrubar, não pode plantar então. E talvez seja por isso, né?<sup>131</sup>

na época também a maioria das casas aqui era de madeira e... então houve um tempo que não era Parque, o pessoal tirava madeira de moto-serra, vinha tábuas, viga, sarrafo, ripa... tudo de moto-serra. E tiravam os guanandis, as árvores maiores, assim, do meio do mato e um aqui, outro lá, e não causava, assim, desmatamento. E era a maneira mais simples e mais barata do pessoal construir. E ficavam as casinhas bonitinhas, bem feitinhas. (...) E... mas não houve meios na época de conseguir a liberação para um tanto de casa, depois... trabalhei com a Guadalupe mas não teve jeito. (...) Ela não liberava os cortes de madeira.<sup>132</sup>

A derrubada de árvores era um hábito comum aos caiçaras. Sabe-se que na Ilha de Superagüi, a agricultura familiar foi uma atividade freqüente, que foi cessada em função da demanda de pescado pelos mercados consumidores. Entretanto, o abandono do uso da mata pelos caiçaras é relacionado, por eles, às restrições impostas pelas políticas ambientais da implantação do Parque Nacional do Superagüi, como sugere Selma. A construção de casas com madeira oriunda da própria região era também uma prática comum, e Valdir também sugere que a criação do Parque determinou uma mudança nesse uso.

---

<sup>130</sup> ALVES.

<sup>131</sup> ALVES.

<sup>132</sup> SANTOS.



## Conclusão

Tecendo as considerações e informações obtidas nos depoimentos, assim como as conclusões proporcionadas pelas leituras acerca do tema-problema, pôde-se avaliar a trama e o drama inerentes à implantação de uma área de preservação ambiental de uso restritivo.

Essa rede de idéias, aspirações e queixas em relação à criação do Parque Nacional de Superagüi desafia-se em duas perspectivas. Uma, positiva, avalia como estritamente necessária a efetiva implantação da Unidade, não só ao bioma da região, mas também às comunidades que lá habitam. Segundo os funcionários dos órgãos ambientais, houve, a partir da criação do Parque, um crescimento no desenvolvimento social da região, fomentado, sobretudo, pela visibilidade proporcionada com a Unidade. As comunidades, por sua própria situação, criaram uma visão crítica em relação à implantação de uma área de preservação em seus lugares tradicionais, incentivando uma organização social bastante incipiente até então.

Por outro lado, há uma visão saudosista do “tempo que não era Parque”. Os caiçaras delimitam, em suas lembranças, os tempos e espaços em função da criação do Parque Nacional de Superagüi. Ainda que as políticas e ações ambientais não sejam as principais responsáveis pelas mudanças da região, suas lembranças articulam-se em função daquelas ações.

Juntamente com a recordação do passado, vem à tona a percepção da realidade presente. O agora parece ser um período iniciado a partir da criação do Parque, momento no qual as exigências e restrições das políticas ambientais fazem-se sentir pelos moradores. Entretanto, como já apontado, muitas das mudanças indicadas pelos entrevistados independem da criação da Unidade. Ainda assim, o Parque foi tomado como referencial das transformações sócio-econômicas-culturais da região, talvez por ser um marco temporal mais próximo dos depoentes.

O abismo entre as perspectivas dos dois grupos pesquisados – de um lado positiva, do outro, negativa – deve-se muito à própria diferença de relação que estes grupos mantêm com a natureza. Devemos reiterar o caráter técnico-científico das organizações ambientais que atuam na Unidade, que muitas vezes entra em conflito com as práticas tradicionais das comunidades locais por promover políticas focadas exclusivamente no meio-ambiente, desorganizando as especificidades dessas populações e criando um sentimento de desprivilegio nos moradores.

Ainda que se leve em conta os altos índices de devastação ambiental nas últimas décadas – tome-se, por exemplo, a Floresta Atlântica, a qual o Parque Nacional de Superagüi preserva uma amostra dos menos de 7% remanescentes – a utilização dos recursos naturais

pelas populações que ali vivem nunca foi abusiva ao meio-ambiente. Ao contrário, a área está bastante preservada, como aponta o próprio índice, e podemos mesmo dizer que foi essa conservação que provocou a criação da Unidade, e não a sua depredação.

Deve-se a isso as práticas locais, sobretudo à pesca artesanal, bastante rudimentar frente à captura em escala industrial – esta que, por sua vez, vem sendo apontada como um dos principais fatores de desequilíbrio dos modos de vida tradicionais dos habitantes do Parque. A baixa na produtividade de pescados em função dos grandes barcos de arrasto, que depredam um bioma fundamental para a reprodução dos peixes, vem determinando a escolha de novas práticas econômicas e culturais, cada vez mais associadas ao turismo.

Ademais, alguns pescadores estão vendendo suas casas na vila, ou ainda mandando seus filhos para outras cidades, para trabalhar ou estudar. Este êxodo da população litorânea caracteriza-se, entretanto, como um problema decorrido das mudanças econômicas da prática pesqueira, como a concorrência de mercado e a invasão da pesca em escala industrial.

Aqui se deve abordar o papel dos órgãos não-governamentais na região, que mantém projetos de conservação do bioma aliada ao desenvolvimento sustentável da população local. As ONG's partem da premissa de que a conservação da região só será viabilizada a partir de um trabalho conjunto entre instituições e comunidade – ou melhor, entre as ações preservacionistas e o desenvolvimento social.

Entretanto, segundo os moradores locais, as iniciativas dos órgãos não-governamentais pautam-se, sobretudo, na pesquisa e monitoramento de espécies e, ainda que promovam algumas estratégias sociais, suas propostas têm, em última instância, o objetivo de preservar a complexidade biótica da Unidade, como salientou a própria funcionária da instituição. Há ainda que se considerar a escassa atuação na região de órgãos sociais sem fundo ambientalista, o que, segundo uma das agentes ambientais entrevistadas, tem sido a maior demanda para a Unidade.

Por fim, vale reiterar a idéia de Diegues em se promover a manutenção da diversidade biológica em conjunto com a manutenção das práticas locais, salvando da extinção não apenas os chauás, mas também o caiçara, que “não sabe como vai fazer para que essa história de pescador se prolongue por muitos anos...”<sup>133</sup>.

---

<sup>133</sup> GRAÇA, N. N. da. **Entrevista concedida em 04 de fevereiro de 2005**. Vila Barra do Superagüi, 2005.

**Fontes**

ALVES, Selma Pires. **Entrevista concedida em 05 de fevereiro de 2005.** Vila Barra do Superagüi.

AMATO, Cibele Munhoz. **Entrevista concedida em 20 de setembro de 2006.** Curitiba.

FERNANDES, Jorvalino Pedro. **Entrevista concedida em 04 de fevereiro de 2005.** Vila Barra do Superagüi.

FRANÇA, Nagib. **Entrevista concedida em 21 de dezembro de 2004.** Vila Barra do Superagüi.

GRAÇA, Natanael Neves da. **Entrevista concedida em 04 de fevereiro de 2005.** Vila Barra do Superagüi.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS. **www.ipe.org.br.** (acesso em abril de 2006).

PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura, Coordenadoria do Patrimônio Cultural. Documentos de tombamento da Ilha do Superagüi, 15-1. Curitiba, 1985.

PARQUE NACIONAL DO SUPERAGÜI. **www2.ibama.gov.br/unidades/parques/reuc/69.htm** (acesso em julho de 2004).

RAMOS, Denise Correa de. **Entrevista concedida em 22 de dezembro de 2004.** Vila Barra do Superagüi.

SANTOS, Valdir dos. **Entrevista concedida em 05 de fevereiro de 2005.** Vila Barra do Superagüi.

SIPINSKI, Elenise Angelotti Bastos. **Entrevista concedida em 20 de julho de 2006.** Curitiba.

SOCIEDADE DE PROTEÇÃO DA VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.  
**www.spvs.org.br.** (acesso em abril de 2006).

SNUC – SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO - Lei nº 9.985, de  
18 de junho de 2000.

## Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. *In:* BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 31-58.

BOUTIN, Leônidas. **Superagüi**. Curitiba: s.d.

CUNHA, Lúcia H. de Oliveira; ROUGEULLE, Marie D.; BEHER, Miguel F. von. **Comunidades litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: convivência e conflitos**. O caso de Guaraqueçaba, Paraná. São Paulo: Série Documentos e Relatórios de Pesquisa nº 3 / NUPAUB, 2004.

D'ANTONA, Álvaro de Oliveira. Tempos e lugares nos Lençóis Maranhenses: considerações sobre o modo de vida de comunidades residentes junto a um Parque Nacional. *In:* DIEGUES, Antônio Carlos (org.). **A imagem das águas**. São Paulo: Editora HUCITEC.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **Povos e mares: leituras em sócio-anthropologia marítima**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

DIEGUES, Antônio Carlos. **El mito de la naturaleza intocada**. São Paulo: NUPAUB, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. *In:* FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) **Entrevistas: abordagens e usos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. Petrópolis: Cultura Vozes, 2000, v. 94, nº 3.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. *In:* CHAUVEAU & TÉTARD (orgs.) **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1989.

FURLAN, Sueli Ângelo. **As ilhas do litoral paulista: turismo e áreas protegidas**. *In:* DIEGUES, A. C. (org.) **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: NUPAUB – USP, 1997.

LEÃO, Ermelino Agostinho de. **Dicionário histórico e geográfico do Paraná**. Curitiba: Instituto histórico, geográfico e etnográfico Paranaense, 1994.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MALDONADO, Wanda. Comunidades caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela. *In*: DIEGUES, A. C. (org.) **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: NUPAUB – USP, 1997.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Caiçara**: terra e população: estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba. São Paulo: Paulinas – CEDHAL, 1986.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.

CORMICK, John Mc. **A história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

MOURÃO, Fernando A. **Os pescadores do litoral sul de São Paulo**. São Paulo: Editora HUCITEC/ NUPAUB/ CEC, 2003.

ROCHA, Jefferson Marçal. **A sustentabilidade desfocada**: as lógicas das políticas de desenvolvimento rural para Áreas de Proteção Ambiental – o caso de Guaraqueçaba. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná.

SANTOS, Antonio César de Almeida. **Curitiba**: uma aproximação ao método da história oral. Texto apresentado ao Seminário de História Urbana, no curso de Mestrado em História, UFPR, 1994.

SANTOS, Antonio César de Almeida. **Memórias e cidade**: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990). Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná.

SILVA, Luiz Geraldo. **Caiçaras e jangadeiros**. Cultura marítima e modernização no Brasil (1920-1980). São Paulo: Série Documentos e Relatórios de Pesquisa nº 1/ NUPAUB, 2004.

TEIXEIRA, Cristina Frutuoso. **A proteção ambiental em Guaraqueçaba**: uma construção social. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná.

VIDAL, Diana Gonçalves. De Heródoto ao gravador: Histórias da história oral. In: **Resgate**, nº 1, 1990.

## **Anexo 1. Trajetórias de vida dos entrevistados**

**Nagib França.** Foi o primeiro entrevistado e, embora seu depoimento não forneça muitos aspectos de sua vida, sabe-se, por outros meios, que ele é pescador e mantém uma pequena pousada na vila. Na época em que foi realizada a entrevista (dezembro de 2004), era presidente da Associação dos Moradores há, aproximadamente, oito meses.

**Denise Correa de Ramos.** A segunda pessoa a ser entrevistada é nativa da Vila Barra do Superagüi. Foi eleita presidente da Associação dos Moradores em 2000, atuando até 2002. É proprietária, juntamente com seu marido, Waldeir da Silva Teixeira (“Carioca”), de uma pousada na vila há oito anos. Waldeir também foi presidente da Associação dos Moradores e, anteriormente, vivia da pesca. Em 2004, Denise foi candidata a vereadora, porém não se elegeu. É também filha do fiscal do IBAMA que atua no Parque.

**Natanael Neves da Graça:** O senhor Natanael, terceira pessoa a ser entrevistada, não é nativo da vila: instalou-se aí devido ao seu emprego na C. R. Almeida, no qual fazia serviço de prospecção. Ficou nesse emprego durante nove anos. Depois de um ano em Paranaguá, voltou para a ilha e trabalhou nove anos na Companhia Agropastoril (CAPELA), sete anos na PATER (firma do grupo da CAPELA) e está há seis anos no IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas), a organização não-governamental mais atuante na vila, como já mencionado.

O senhor Natanael mora, então, há, mais ou menos, trinta e dois anos na vila, passou por diversas empresas que aí atuaram e hoje trabalha como assistente de campo no IPÊ. Além disso, o senhor Natanael foi, segundo seu depoimento, participante da Associação dos Moradores desde seu início: foi tesoureiro na primeira gestão, na qual foi o Alceu (o ‘Piri’) o presidente. Foi também secretário duas vezes: na gestão do pastor Valdir e do Carioca.

**Jorvalino Pedro Fernandes:** A quarta pessoa entrevistada não é nativa da vila Barra do Superagüi. O senhor Jorvalino é da Cananéia, São Paulo, e está na vila há dezesseis anos. Ele é pescador e transferiu-se para a ilha do Superagüi por considerar que aí a abundância de peixe e camarão é maior que em sua região natal. Através da análise de seu depoimento, é perceptível que o senhor Jorvalino não participou ou participa da Associação dos Moradores, proporcionando ao trabalho uma visão até então diferenciada das demais entrevistas.

**Valdir dos Santos:** O senhor Valdir foi a quinta pessoa a ser entrevistada. Ele foi presidente da Associação dos Moradores no ano de 1996, porém atuou apenas nesse ano, não concluindo os dois anos de mandato. É pastor da Igreja Assembléia de Deus e pescador. Também não é nativo da vila: veio de Ivaiporã, norte do Paraná, onde exercia a profissão de



carpinteiro, marceneiro, pedreiro e eletricista. Mora há vinte e três anos na vila Barra do Superagüi.

**Selma Pires Alves:** Selma foi a sexta pessoa a ser entrevistada. Ela é nativa da vila Barra do Superagüi e é proprietária de uma padaria (local onde foi realizada a entrevista). Seu marido possui um barco com o qual faz travessias de moradores e turistas até Paranaguá e de Paranaguá para a vila. Analisando seu depoimento, percebe-se que Selma não participa ou participou da Associação dos Moradores da vila.

**Elenise Angeloti Bastos Sipinski:** Elenise – Tise, como prefere ser chamada – foi a sétima pessoa a ser entrevistada. Elenise é bióloga e coordenadora do Projeto do Papagaio-da-cara-roxa, da Sociedade de Proteção da Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS). Trabalha na organização há mais de dez anos, e há oito é responsável pelo Projeto.

**Cibele Munhoz Amato:** Cibele foi a última entrevistada da pesquisa. Ela é engenheira florestal e analista ambiental do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Foi chefe do Parque Nacional de Superagüi de 2003 a 2004, mas trabalha na Unidade desde novembro de 2002.

## **Anexos 2 - Entrevistas**

ENTREVISTA 1 – realizada no dia 21 de dezembro de 2004 com Nagib França, atual presidente da Associação dos Moradores da Vila Barra do Superagüi.

*Meu nome é Nagib França e eu autorizo o uso das minhas palavras.*

**Seu Nagib, o senhor é o presidente da Associação dos moradores aqui da Barra. Eu gostaria de saber como que surgiu a Associação.**

*A Associação aqui surgiu em... acho que foi em 92, né. Daí, dessa época para cá... dizer que eu sou agora, né, presidente da Associação. Está fazendo o que, uns oito meses acho que eu peguei a Associação. Mas não está indo bem a Associação, está toda desorganizada, né. Agora que eu estou arrumando a Associação. Desde essa época para cá, desde que foi montada a Associação, ela não era registrada, não era nada, sabe. O CNPJ está todo atrasado. Atrasou até agora em 2004. E eu inclusive agora estou batendo a cabeça para arrumar a Associação. Por causa que... quando eu peguei a Associação agora daí... veio na cabeça, né. Digo: “Pô, eu vou ver essa Associação como é que está, né”. Daí eu peguei, fui em Antonina, não estava registrada a Associação em Antonina. Peguei, tem um colega meu que mora lá em Guaraqueçaba, né. Daí eu fui lá em Guaraqueçaba e falei para ele para ele, digo: “Olha, veja se passa a situação da Associação”. Daí ele passou. Disse: “olha, está isento. Desde 92”. Daí eu digo: “Ué?”. Nunca foi declarado o imposto de renda, nada. De aí até agora que eu estou me batendo para arrumar. Inclusive até essa semana eu tive lá, mas não consegui arrumar ainda, né. Registrar eu registrei lá em Antonina. Mas só que esse, da CGC, eu falei com o deputado lá e ele disse: “Não, eu vou arrumar para você”. Mas dessa época para cá, dessa época que eu peguei para arrumar eu peguei, fiquei doente, né. Fiquei doente, fiz duas cirurgias. Não dava para andar, né. Eu não queria forçar, andar para lá e para cá. Estou me batendo até agora para arrumá-la.*

**Então surgiu em 92? E o que motivou a Associação? Porque ela surgiu?**

*Surgiu foi por intermédio de um rapaz, que veio aqui, né. Um tal de Piri. Daí ele pegou e montou essa Associação, né. Eu não sei o nome dele, esse é só apelido.*

**Ele é morador daqui?**

*É, ele morava aqui, agora não mora mais aqui. Daí ele pegou e inventou a Associação de Moradores. Quem montou a Associação com ele foi o, parece que o vizinho que mora do lado aí.*

**O que a Associação faz?**

*A Associação aqui ela... dessa época para cá, nunca ela foi assim uma associação de colocar as coisas no lugar. Agora eu que estou querendo puxar né, pedindo uma coisa para um, pedindo uma coisa para outro. E agora tem uma máquina. Ganhamos uma máquina da Provopar de descascar camarão. Está lá em Guaraqueçaba. É que nós não temos um lugar para pôr aqui. Nós estamos até querendo fazer um barraco agora, um barracão grande, né, para trabalhar. E trazer a máquina para trabalhar. E muitas coisas, né. E também... agora também... até antes de eu assumir, os outros presidentes não deixavam os turistas entrarem aqui, né. E também, quando o turista queria entrar, eles chamavam o IBAMA para ajudar.*

**Quem chamava o IBAMA? A Associação?**

*É, a Associação. Para dar um apoio, né? Para não deixar turista entrar, né. Muito turista com casa. Na época tinha bastante casa aqui. Inclusive foi derrubada bastante, umas quatro ou cinco casas aqui.*

**Quem derrubou?**

*O IBAMA.*

**A Associação apoiando isso?**

*A Associação apoiando. Apoiava o IBAMA Eu mesmo quase não me meto muito com a terra, com nada, porque quando eu entre na Associação eu já disse. Digo: “Olha, não vou ficar me metendo com terra aí que nem outros se meteram com isso”. O pessoal daqui se envolvia, né, por causa de terreno, por causa daquilo. Eu disse: “Olha, eu não vou me meter com isso, com problemas de terrenos aí entre vocês. Posso fazer uma coisa é chamar o IBAMA para ver com vocês, mas eu não vou me meter”.*

**O senhor vai buscar bastante apoio do IBAMA?**

*Ah, eu sempre procuro eles, né, para fazer um acordo assim... que a gente deve se envolver, mas só que, se eu me envolver, vou criar caso com os outros vizinhos, né? Então eu não quero isso. Eu procuro mais o IBAMA para resolver.*

**Quais e quantas pessoas passaram pela Associação?**

*O primeiro foi esse, o Piri, né, que começou, que fundou. Depois acho que foi... de presidente, né? Joãozinho, o Munis, depois o Marinho. Teve a Denise, antes do Marinho teve a Denise.*

**Ah, a Denise também foi?**

*Foi.*

**Quanto tempo é o mandato?**

*Dois anos.*

**Dois anos. E fora da comunidade... porque todo mundo que participou (da presidência) da Associação é da comunidade. E fora da comunidade, tem alguém que participa?**

*Não. Todo mundo que foi presidente, que faz parte da diretoria, é da comunidade.*

**Então, no caso, seria só o IBAMA que ajuda vocês?**

*Só o IBAMA, né. E aqui... (risos) eu não sei, eu não sou muito a favor do IBAMA, né, também. Só que às vezes procurava apoio dela, mas eu não sou muito a favor. Por exemplo aqui, quando foi fundada aqui a Associação, um ano depois que foi fundada, ele (o IBAMA) fez um corte por dentro daí né. De lá da... não sei se vocês conhecem a Barra da Lagoa. Lá dentro do Parque. Então essa parte aqui ela não podia mexer, né, se envolver com o pessoal. Porque o Parque é lá dentro, né. Agora, aqui na beira não.*

**Mas o Parque não é aqui também?**

*Dizem que... não é para ser Parque aqui..*

**Mas foi mudado, né?**

*Foi mudado. E nessa época foi feita uma picada lá por dentro. Foi feita uma picada. Então dali para lá o IBAMA podia se envolver. Mas não aqui, quer dizer que aqui, aqui para nós ela não deixa fazer nada, né. Quer dizer que o bem ele não traz, né. (risos) O bem ela não traz. Não ajuda em nada, mas o pessoal aqui ele não deixa mexer em nada no mato. Eu, no meu ver, pega mal, né?*

**E a comunidade busca muita a Associação? Quanto a isso que o senhor falou, como o IBAMA que às vezes não ajuda muito o pessoal. Então a comunidade busca ajuda da Associação?**

*Às vezes eles falam para mim, né. Falam para mim: “Olha, a gente tem que fazer assim”. Mas não adianta, né, criar uma confusão com o IBAMA, né? Não adianta. Daí a gente pega uma confusão com o IBAMA e depois o pessoal sai e a gente fica sozinho, né? No rolo, né? Então...*

**É complicado.**

*Não é verdade? (risos) Na fogueira eles põem, mas só que... só que é ruim para a gente, né? Mas eu não sou tão a favor e também não tão contra. Mas nesse ponto dos turistas eles dão muito apoio para nós. Por causa que você vê, na época, se ele não fosse, o IBAMA, não se envolvesse, isso aqui estava mudado, né? Então eu acho que ia acontecer que nem a Ilha do Mel, que no começo já foram entrando e já... Por exemplo, vamos supor nós. Nós estamos, né, assim, temos uma pousadinha aqui, com dois, três quartos, né. Agora se muitos aí que eram bem contra o IBAMA, diziam assim: “Não, tem que vender aqui, comprar ali”. Eu dizia: “O negócio não é vender aqui e comprar ali.” Mas se você tem um pedaço de terreno aí e vende, e daí vende e com aquele dinheiro você põe um comércio pequeno ali, por exemplo, uma pousada, um restaurantezinho. Você não sabe para quem você está vendendo aquele*

*pedaço de terreno, né? Chega ali, você vende aquele pedaço de terreno. Daí o cara chega aí, tem dinheiro. Chega aí e põe um hotel com cem, cinqüenta, cem quartos, não é verdade? (risos) Ou um restaurante aí. Depois você vai fazer o que? Né? Quer dizer que... daí ele tem dinheiro, você não vai... por exemplo, na sua pousada não vem ninguém, né? Se os caras que têm dinheiro, daí vê. E aí outro chega ali e põe outra, outro chega lá e põe outra. Pronto! O que acontece é que nós vamos carregar mochila para eles (risos). Não é verdade? Então é um troço assim. Também era contra isso aí também, né. De um lado eu era a favor do IBAMA, por causa disso, né. Mas do outro eu sou contra, principalmente porque ela não deixa o pessoal aqui mexer em nada, né. Não deixam cortar madeira, não deixam nada, nada, nada.*

**Com relação à pesca, eles cortam vocês bastante?**

*Contra a pesca também, é outro troço ruim também que eles fazem, né. Por causa que você vê. Por exemplo, nós aqui, por exemplo, nós saímos daqui sete horas da manhã, seis horas da manhã a gente sai pescar. E umas duas ou três horas nós estamos aqui, né. E barcos grandes que vem de fora, de Santos, de Itajaí, dessas partes, eles levam a semana inteira pescando, né? Por exemplo, se têm dez barcos lá pescando. Eles vão lá, se não tiver os barcos, eles vão se cobrar nos pequenos, né? Eles vão nos levar. Para você ver, nesse tempo aí, mas tinha barco pescando, eles pescam a semana inteira, dia e noite pescando, né. Os barcos deles são grandes e então eles dormem ali e pescam a noite inteira, e os pequenos não. Os pequenos vão ali e quando são duas ou três horas eles estão de volta em casa. E quando eles vão lá, ah, se não tiver os grandes eles levam os pequenos, né. Então quem paga o pato sempre são os pequenos (risos). Então é um troço errado, né, que eles fazem. Você vê, tem um fiscal do IBAMA aqui. Mas ele também não está ligando para isso não. É. A saída dele... você vê, tem a praia, tem bicicleta, porque é que ele não vai lá na praia, chega lá e não diz: “Olha...”. Olhou dali você enxerga, né, até sem binóculo se enxerga os barcos na praia arrastando. Então ele chega lá e diz: “Olha, pode vir aqui que têm cinco, seis, dez barcos em terra”. Então é um troço errado dele também. Daí se ele ligar, se eles vierem aí, né, daí ele diz: “Se vocês não saírem de lá eu vou chamar o IBAMA”. Mas não, ele não avisa nada. Quando eles vêm pegar, se não tiver os grandes eles levam o pequeno. (risos) Então são os pequenos que pagam o pato. Inclusive o fiscal é o pai da Denise, não sei se você conhece.*

**Não, o pai dela não.**

*Não? É o pai dela. Então eu não concordo com esse lado do IBAMA, principalmente com que eles fazem com o pessoal aqui de dentro, né. Só que.. Nós, nós aqui, até nós não dependemos tanto da pescaria do que aqui para dentro, né. Mas tem esse pessoal que depende muito da pescaria.*

**Esse pessoal que faz cerco...**

*Dependem de cerco, de rede que largam. A Florestal que pega, né. Mas é mandada do IBAMA.*

**A Florestal é mandada do IBAMA?**

*É. Então a Florestal... dizem que tem convênio os dois, o IBAMA e a Florestal. Então eles mandam o IBAMA prender os caras, o material dos caras. O cerco eles não deixam. Ano passado eles cortaram bastante, esse ano eles também cortaram. Então é um troço que eu não sei porquê. Então o pessoal de dentro está ficando fraco.*

***Então está bom seu Nagib. Muito obrigada pela entrevista.***

*De nada.*

ENTREVISTA 2 – realizada no dia 22 de dezembro de 2004 com Denise Correa de Ramos, ex-presidente da Associação dos Moradores da Vila Barra do Superagüi.

*Meu nome é Denise Correa de Ramos, autorizo o uso dessa entrevista para o trabalho, pode usar essa entrevista.*

**Denise, você foi presidente da Associação dos Moradores em que época?**

*No ano 2000.*

**No ano 2000, então atuou até 2002.**

*2002.*

**Poderia me falar como surgiu a Associação?**

*Olha, a Associação já tem há muito tempo, né. Eu, assim... deixe-me ver... foi em 90. Surgiu no ano 90. Mas foram os homens daí, né. Idéia deles, né. Na época de 2000, daí foi assim: daí tinha uma pessoal de fora e falou que queria se filiar, no caso, né, se associar com a Associação para ele poder fazer uma nova chapa, né, para ele concorrer e poder ser presidente da Associação.*

**Isso no ano 2000?**

*No ano 2000. Ano em que eu entrei, né. Mas daí assim, daí entrou assim, a idéia entrou assim, que daí eu estava preocupada, porque daí todo mundo falava mal dele, desse rapaz, né. Ele não era daqui, era uma pessoa que veio de fora, e usava drogas, a família dele começou a roubar, veio polícia, tudo, né. Daí contaram que ele ia entrar para fazer várias, assim, divisões para começar a vender as terras, entendeu?*

### **Terras da ilha?**

*Da ilha. Daí eu como nativa daqui, quando me falaram isso, falei assim: “não, não acredito que o pessoal vai concordar em deixar uma pessoa entrar assim, né. Se associar e entrar e tomar conta de uma coisa que, para a gente que mora aqui precisa preservar, tem que ajudar a cuidar, né.” Eu falei: “não, eu mesma vou agilizar, vou pegar a ‘mulherada’ e fazer uma chapa nossa e vamos concorrer, né.” E daí, daí só que daí a gente não aceitou ele, né, na chapa no caso porque ele não, fazia pouco tempo que ele tava aqui, uns dois meses, daí tinha que ter mais um tempo para ele poder se associar, né. Só que daí ele junto com o pessoal daqui formaram uma outra chapa dos homens, e nós, eu convidei a ‘mulherada’, tive a idéia de correr atrás. E os homens aqui são muito machistas. Então quando viram, que era nós a ‘mulherada’, todo mundo dizia: “ah! Porque vocês vão pagar o maior mico, porque não sei o que”. Não queriam aceitar nossa chapa. Daí nós falamos: “Não, mas nós somos sócias também, a gente tem direito, vocês têm que colaborar com a gente.” Daí concordaram de ser, daí aceitaram. Daí teve eleição, assim, foi a primeira eleição que foi bem concorrida assim, sabe? Foi bem organizada, né. Na verdade a ‘mulherada’ toda fez todo um movimento. Foi tudo certinho, tudo em cima da lei, né. Daí eu, nós conseguimos ganhar, né. Daí fizemos aquela festa, todo mundo comemorando. Só que, assim, o pessoal que eu peguei para trabalhar para dentro da Associação era mais um pessoal que faz parte da Prefeitura: duas professoras, a merendeira. Porque eu as escolhi assim porque, como elas estão envolvidas já com os alunos, na escola ali, né, era muito mais fácil para a gente trabalhar, né. Mas eu escolhi errado (riso com suspiro), porque elas tinham medo, entendeu, de começar qualquer coisa, porque se a gente precisasse de qualquer coisa da Prefeitura, e ter que correr atrás da Prefeitura, e ter que falar, né, cobrar deles, eles tinham medo, porque eram funcionários da Prefeitura...*

### **De Guaraqueçaba?**

*De Guaraqueçaba, que aqui é município de Guaraqueçaba. Daí ficou difícil, sabe. Daí eu comecei a trabalhar mais sozinha, entendeu, porque eu não podia contar muito com elas. Daí eu fazia reunião, não apareciam. Aí ficou difícil, assim, sabe. Porque vinham várias pessoas para trabalhar, a gente marcava reunião, elas não colaboravam, sabe. Daí as ONG's queriam trabalhar junto, apoiar, né. Tinham outras pessoas que vinham, também para tentar ajudar, e para gente correr atrás das coisas, né. E elas começaram a desanimar e me deixar também sozinha. Daí o pessoal, é uma... aqui é difícil ter união, entendeu, até são unidos numa parte, mas na outra parte de tentar conseguir alguma melhoria para a comunidade eles*

*não se interessam, eles se interessam mais para si mesmo, entendeu, daí é difícil, complicado trabalhar assim, né.*

**Você falou que as ONG's também vinham ajudar...**

*Assim, eles queriam vir participar com os trabalhos deles, assim, né, que nem para trabalhar em grupos, né. Porque eram idéias boas que eles tinham também, né. Inclusive até tem, eles estão aí e sempre têm dificuldades para eles estarem trabalhando, né, porque nem todo mundo aceita. Então, mas assim, eles tinham idéias de trazer grupos, assim formar grupos para fazer campanha do lixo, essas coisas todas né, com educação ambiental com a participação da Associação. Mas era difícil, né, bem difícil porque daí tinha que ter colaboração pelo menos da assembléia no caso, pelo menos do pessoal que coordenava, dos participantes da Associação.*

**Eram estes que não concordavam com as ONG's?**

*Sim, daí elas começaram a não... daí tinha o pessoal da PUC que queria trazer um pessoal para fazer um trabalho com os cachorros, que aqui era bem importante. Não castrar, mas assim um trabalho legal, né, que fosse, que todo mundo concordasse, porque tinha muito cachorro por aqui. Então era importante isso. Outra coisa também era com, o trabalho odontológico, dentista, principalmente para as crianças, essas coisas todas né, mas era difícil de colocar na cabeça deles que tinha que ser assim. Eles só... não sei. No começo, assim, elas até se animaram, depois elas ficaram meio com medo, sabe, que daí quando eu entrei tinha um outro presidente que tinha acabado de sair e ele tomou ali... não sei se você sabe o prédio ali que agora é o Mercado da Família, não sei se você já passou por ali?*

**Sei, ali no Armazém da Família.**

*Então ali tinha... ele, ele era o presidente antes de mim. Daí quando eu entrei, descobri que ele usou aquele prédio no nome da Associação para trabalhar em conjunto com a Associação, fez o comodato, tudo certinho porque aquilo ali era da CODAPAR. Então ele fez um comodato para a CODAPAR em nome da Associação, mas tudo escondido sem a assembléia saber, sem ninguém saber. E quando ele viu que eu assumi a Associação ele entrou nesse prédio para ele trabalhar para ele, com pesca, com camarão. E daí todo mundo ficou... deu aquela confusão toda, porque ele não podia usar aquilo ali, porque aquilo não era dele, era da comunidade... foi só uma briga, né. E eu comecei a brigar por aquilo ali, porque ele tinha que... mas assim numa boa. Fui conversar com ele, eu o conhecia há muito tempo. Tentar não levar para o outro lado, né. Iam as mulheres junto também, o pessoal que estava comigo da Associação. Só que daí a gente fez umas três ou quatro reuniões aqui, com o povo, ele se comprometeu a sair, deu um prazo para a gente, foi colocado em ata tudo, né.*



*Fomos lá para Guaraqueçaba, eu fui numa reunião dos vereadores lá na Câmara para tentar um apoio da Prefeitura, principalmente dos vereadores que eram dois daqui, né. São dois, né. Então um era o pai dele. Um dos vereadores era o pai do Osni. E o que mais o povo queria era o Mercado da Família. Então a gente queria tirar ele de lá para poder voltar o mercado, para a Prefeitura poder colocar o Mercado para beneficiar todo mundo, né, que era o que eles queriam. Só que ele não queria sair de jeito nenhum, e daí eu tinha poucas forças porque o pai dele era vereador. E daí ficou aquela briga feia. E daí eu vi que ali eu não ia conseguir nada. Ai eu até falei para eles que “se for para a gente trabalhar com vocês fica difícil, porque se vocês realmente querem mesmo o Mercado da Família, querem colocar o Mercado para o povo lá, vocês estão enrolando, porque alguma coisa tem. Pois é muito fácil, é só ele quer sair, é só tirar ele de lá e acabou.” Daí todo mundo quieto, porque que não... Daí foi feito um abaixo-assinado, mas nada de ele sair. Daí envolveu muita gente. Daí, na verdade, ele já tinha multa do IBAMA por causa do camarão no defeso<sup>134</sup>. E daí numa época o pessoal do IBAMA deu uma multa lá para ele, não sei sobre o que, sobre o camarão, eles iam lá fiscalizar e ele, ele ‘engatou’ com eles, falou um palavrão lá para eles... daí eles deram mais apoio para a Associação.*

### **O IBAMA...**

*O IBAMA, no caso, né, achou assim que ele tinha que ceder aquilo ali que não era dele, né. Ele estava usando um lugar que era da comunidade.*

### **Mas até então o IBAMA não tinha se envolvido nisso?**

*Não, não, eles não se envolveram. Só que ele se ‘engatou’ com eles, falou umas coisas que... inclusive para a chefe do Parque que até é uma super amiga minha, ainda continua sendo, né, então ela já viu que ele estava errado. Que ele estava usando uma coisa que não era dele, que ele tinha que entregar para o povo. Daí ela falou: “Olha, Denise, faça do jeito que você acha que tem que fazer.” Daí eu conversei com ele, com a mulher dele, tudo para entrar num acordo, e nada. O que aconteceu, ele não quis e então eu entrei no Ministério Público. Daí demorou o caso, né. Porque eu saí da Associação e depois que eu saí passaram dois meses e ele saiu. Teve que sair senão iriam tirá-lo, né. E hoje o Mercado está aí, né, foi por isso, porque senão, se dependesse dele, até hoje. Só que fiquei na briga sozinha, entendeu? O povo mesmo, a ‘mulherada’, quando viram que começou a passar a ser uma coisa que... ficaram com medo, acharam que ia prejudicar ele alguma coisa assim, começou a se afastar todo mundo. Só que cobravam de mim. O povo cobra muito, entendeu, da Associação. Só que na*

---

<sup>134</sup> Defeso do camarão: época de sua reprodução e, portanto, de proibição de sua pesca.

*hora de agir, de tentar... se eu fizesse uma reunião para decidir qualquer problema da comunidade, não aparece ninguém.*

**Mas mesmo assim, na época que a senhora...**

*Funcionava melhor...*

**A Associação fez algumas coisas...**

*Fez, a gente trabalhava... tinha... de três em três meses a gente fazia um mutirão com o lixo. Nós pegávamos trinta, quarenta mulheres para recolher o lixo. Eu cobrava muito da Prefeitura para eles virem tirar, pelo menos virem buscar, porque eu já tinha conseguido os sacos com o pessoal da Secretaria do Meio Ambiente lá de Curitiba. E teve até o dia do Meio Ambiente que eles até pagaram algumas mulheres, até mandaram o dinheiro que era para pagá-las. Até teve um dia que eu estava de aniversário e fui trabalhar junto com elas. Porque a gente fazia a trilha toda, a praia deserta toda, a vila toda. O que a gente conseguia recolher e separar a gente recolhia, tudo. E depois a gente cobrava da Prefeitura, e ficava muito em cima da Prefeitura, porque eles não fazem nada! Nada mesmo, muito parado, nos deixa abandonados, então a gente pegava meio pesado. E tentava agilizar, sempre fazer festas, no dia das mães, dia das crianças, no dia do 7 de setembro nós fizemos uma comemoração legal com a escola. Eu até tenho fotos aí bastante, né. E aqui da Ilha até hoje foi, eu fui presidente e o Carioca<sup>135</sup> também foi presidente.*

**Ah, ele também foi?**

*Ele também foi. Antes de mim. Então eu fui assim uma pessoa que muito... E para os homens daqui, quando foi nós que ganhamos, as mulheres, eles acharam que a gente não ia dar conta. E eu viajava muito, qualquer problema eu corria atrás. Porque o negócio deles é assim... agora eu não sei como é que está porque eu não estou participando muito das reuniões da Associação, mas a maioria dos presidentes, que no caso sempre foram os homens, o problema deles, trabalhar com a Associação era só para resolver problema de terra. Mas na verdade não é isso. A gente tem que reivindicar as coisas, fazer melhorias, tentar melhorar. E eles não. Eles só queriam saber de confusão de terra. E eu deixei esse negócio de terra. Quando vinham para medir terreno: “Ah, isso não é problema meu, não é problema da Associação”. Todo morador que mora aqui tem direito de seu terreno, sendo morador daqui e desde que não vá desmatar muito, né, tem direito de chegar e medir o que é seu e fazer sua casa. Sabe que não pode vender, sabe todas as leis. Então não é porque a gente tem que falar, se envolver com o terreno, brigando por aquilo ali. “Ah, porque vizinho*

---

<sup>135</sup> O Carioca é marido da Denise.

*pegou meu terreno". Porque era só assim, só sabiam brigar por terreno. Só que você se desgasta muito assim, porque você fica sozinha, entendeu? O pessoal não colabora, então você acaba deixando as coisas e sai correr atrás sozinha, porque eu não parava aqui quase, vivia por aí atrás de uma coisa, de outra. Mas cumpria. Até eu concorri de novo porque quiseram que eu ficasse de novo, mas daí eu não consegui ganhar. Porque daí se juntaram os dois vereadores e os filhos deles todos né. E eu só com a parte da 'mulherada' e uma parte dos homens. Mas ficou difícil porque se juntaram todos os pescadores. Ainda uma semana antes eu concordei por causa das mulheres que estavam também na diretoria, que queriam que eu concordasse, a gente fez uma reunião antes, de cadastrar mais sócios na Associação. E a gente cadastrou mais de trinta sócios, tudo novinho, e o pessoal, os dois vereadores compraram todos eles, para votar para o outro, o seu Marinho, mas que hoje na verdade é o seu Nagib que ficou no lugar do seu Marinho.*

**Ah, ele entrou no lugar do Marinho. Por que?**

*Porque tiraram o Marinho. Então, fizeram questão de ele ganhar e... usaram-no na verdade, né. Fizeram ele de bobão, né. Quando ele ganhou, quiseram tirá-lo e ficou o seu Nagib. Depois seu Nagib disse que teve outra eleição, mas não teve outra chapa. Então não teve na verdade, né. Acabou ficando como presidente.*

**E hoje a Associação, realiza que atividades?**

*Ah, hoje está parado, assim. Não posso falar para você que está funcionando porque não está. E você vê, os sócios, ninguém está pagando nada, a água que tem uma taxa para pagar ninguém está pagando e, com tudo isso, como é que você vai trabalhar, sem dinheiro em caixa? Não têm condições. O seu Nagib não vai tirar dinheiro do bolso dele para ficar correndo atrás de alguma coisa, né? Então acho que é difícil assim, que está meio, meio confuso. E eu depois que, eu também fui candidata a vereadora agora na última...*

**Na última eleição?**

*Na eleição aí, né. Perdi por trinta e quatro votos. Tive cento e cinquenta votos. Só que me decepcionei com muita coisa, então fiquei meio desgostosa assim, sabe. Desanima daí, né. Porque eu sempre fui uma pessoa que tentava ajudar todo mundo, sempre melhora para a comunidade, sempre em estar ajudando, sempre em estar falando. As crianças, pelas crianças eu tinha ganhado. (risos) É que as crianças me adoram aqui. Todas gostam de fazer comemorações. No dia das crianças, nós fomos para Paranaguá trazer um monte de doces para a criançada. Então... só que o pessoal aí não reconhece, não vê que... só sabem... não sei o que o pessoal vê que... porque nós sempre vivemos da pesca, eu e o Carioca, e de uns tempos para cá a gente começou a trabalhar com turismo, já faz oito anos. Mas antigamente*

*era tudo com pesca. O Carioca sempre pescou que nem eles pescam aí. Só que o pessoal esqueceu de ver essa parte, entendeu? Acham que alguém deu, assim, alguma ajuda para nós e não vêem o tanto que a gente trabalha. Porque... o Carioca é uma pessoa que vive em casa, é bem caseiro, e eu também. Então tudo o que a gente pode ganhar a gente investe aqui. E o pessoal daqui o que eles têm é muito... eles vão pescar num dia e ganham naquele dia. No outro dia já estão no bar, sabe, não pensam no dia de amanhã. Então fica difícil tentar conseguir alguma coisa. E a gente sempre falando para eles: “não se desfaçam das coisas de vocês, não deixem chegar gente de fora, pensem no que vocês vão fazer...”*

### **E os pescadores, eles reivindicavam o que da Associação? O que eles mais pediam?**

*Ah, as brigas deles na verdade, o que mais brigavam, assim, era com o IBAMA. Na parte de pesca, que eles acham que tinham o direito de estar pescando no defeso. E daí para eu colocar estas coisas nas cabeças deles é difícil, né. A gente entende até, nós vivemos de pesca também e sabemos que a dificuldade é grande. Então aqueles três meses de defeso, tem o salário desemprego que é pago, só que é pago depois dos três meses, entendeu. Naqueles três meses certinho não se recebe nada. Mas assim mesmo os pescadores têm que estar pulando. Mas daí o que acontece: eles saem para pescar naqueles meses do defeso, daí acontece que vem o IBAMA e pega-os, e prende aparelho, dá multa, sabe? E a briga é isso. O que eles mais queriam é que a gente, que a Associação pudesse se envolver com isso daí. Mas é uma coisa que é difícil, porque existe a lei, né. E outra coisa era a parte de terreno que eles mais brigam, e a Associação toda vida o que mais brigou foi reivindicar uma parte de terreno, entendeu? Que nem eu, tenho esse terreno aqui. Se eu quiser pegar outro terreno, já não posso, daí já é briga em cima, né. Daí já tem que passar pela Associação, tem que ter tudo na norma. Mas daí não tem, não acontece isso, porque têm pessoas que vão construir, e já pegam um terreno ali, já pega outra, já sai fazendo e aí o pessoal já vai reivindicar para você: “Ah, porque fulano já está fazendo casa lá”. E você como presidente vai lá, tem que brigar lá porque o cara está pegando terreno e não pode, e não sei o que. Só que não tem nada escrito para você poder chegar lá e tentar embargá-lo. Não tenho poder para isso.*

### **E o que a senhora faz nesse caso?**

*Tento agilizar de uma maneira que não seja a briga, entendeu? Quando é daqui mesmo e o cara não tem seu terreno, o pessoal tem que concordar, porque está precisando, porque ele é nativo daqui ele tem direito a um terreno. Daí a gente colocou assim, tipo uma lei dentro da Associação que a gente tinha que fazer uma votação, entendeu? Quem concordava que a pessoa ficasse com seu terreno. Daí a maioria das pessoas concorda porque é nativo. Mas quando é alguém de fora, já não. Só se o pessoal gostar muito dele. Que nem o Gigante, que*

*é um turista ali, que o pessoal concordou. Que quando ele fez a casa dele aqui, não era Parque.*

**Não era um Parque Nacional ainda...**

*E quando passou a ser Parque, daí já começaram a se envolver com ele. Então ele entrou junto com a Associação. E a Associação junto com o IBAMA achou melhor que ele ficasse, porque é uma pessoa que nunca prejudicou ninguém, sempre ajudou o pessoal daqui, o pessoal gosta dele. Então ele ficou. Mas assim, ele também está com um problema com o IBAMA, porque ele tinha que só reformar a casa dele e acabou construindo. Mas daí já não entra a Associação, fica entre ele e o IBAMA.*

**Então vocês recorrem bastante ao IBAMA nestes casos...**

*É, sempre quando dá problema, a maioria é com o IBAMA. Porque o pessoal não concorda com o tipo do IBAMA, porque eles colocam muita lei também, assim, porque não pode... desmatar. Mas daí não colocam para as pessoas o porquê que não pode. Têm algumas pessoas que entendem. Eu, eu estudei pouco, o pouco que eu sei... mas eu sei pensar que, sei que aqui a gente tem que preservar, que é um Patrimônio da Humanidade. Isso eu sei. Mas têm pessoas aqui que não sabem. As pessoas caiçaras mesmo que não tem o que coloque na cabeça deles, entendeu. Que não se pode derrubar uma árvore, que não se pode tirar o palmito. Então a briga deles com o IBAMA é por isso. Porque eles acham que eles, como moradores daqui, sempre foram eles que preservaram, e não é agora que vai vir gente de fora botando a lei do que pode e do que não pode, entendeu? A lei é essa, assim. Mas têm pessoas que já entendem, mas algumas ainda têm a cabeça dura aí que briga, né. Mas eu não tive muito conflito, muita briga assim, né. Porque eu sempre tentei resolver da maneira mais calma que desse: na conversa, numa boa, para a outra pessoa entender. Mas assim, eles não... daí nós fizemos uma vez, junto com os alunos daqui e junto com a ONG até...*

**Qual ONG?**

*Com o IPE, o Instituto de Pesquisas Ecológicas, junto com eles. Não esse pessoal que está trabalhando agora, mas com outros que saíram, né.*

**Tem um pessoal da ONG trabalhando aqui, agora?**

*Tem. Mas não estão aí, agora. Eles vão vir aí acho que depois de janeiro, depois das festas aí. E daí quando eles estavam, quando era a outra moça que estava, a Sandra Naves, a gente fez junto com a Associação, junto com os alunos, um levantamento, tipo um projeto sobre o que mais a gente preferiria trabalhar dentro da comunidade. Entrevistamos várias pessoas, as mais velhas, as mais novas, meia-idade, adolescentes. Daí a maior parte, assim... até esses tempos eu tinha tudo isso. Depois da eleição eu passei tudo para o Nagib o que eu tinha aí de*

*papelada, né. Dei para ele, passei. Aqui eu até tinha as fotos, aí, tinha tudo montado. Foi muito legal, assim, a gente fez um trabalho bem legal, assim. Ficou tudo certinho, batemos fotos do posto de saúde, de como que era antes, tudo abandonado. Batemos fotos de lugares assim, de rio que tinha um montão de lixo abandonado. Lá do mercado, como era antes, que hoje está bem melhor, né. Batemos fotos de lá, batemos fotos de vários lugares que aí estavam abandonados. E daí fizemos um trabalho em cima daquilo com o pessoal, corremos todos os comércios, pousadas, restaurantes que têm aí, algumas pessoas que a gente sabe que quer se envolver, o pessoal da escola, os professores, e levamos para a Prefeitura, cobrar deles, né. Daí chegamos na sugestão de que o maior problema aqui seria o lixo, todo mundo falava. Que daí o projeto que a gente levantou, assim, tinha o problema da luz, o problema da água, o problema do telefone, foram colocadas as drogas, o lixo, colocavam tudo, né. Mas daí, no levantamento que a moça ajudou a gente a fazer, o maior problema foi o lixo. Daí a gente pensou: “Vamos buscar ajuda da Prefeitura, vamos ver se eles colaboram com a gente.” Daí fomos conversar com o prefeito, né. Até hoje eu não consigo acreditar que aquele homem... é que ele queria ficar com o nosso trabalho e nós não deixamos para ele, só que pedimos, é que a gente queria que ele ajudasse, né. Daí eu conversei com ele, levei as fotos dos alunos, do pessoal daqui, assinaturas, fizemos um abaixo-assinado com todos os moradores, porque a gente está reivindicando isso, que a gente quer a colaboração da Prefeitura para pelo menos ter um barco para retirar o lixo de lá. O pessoal mesmo recolhe, né, a Associação se prontifica a recolher e vocês (a Prefeitura) colaborar. Que daí até tinha um projeto junto, que era um sistema de tratamento de esgoto que era feito com garrafa PET. Daí acho que foi até turma da SPVS que passou para mim na reunião. E eu até tentei colocar para eles, lá para o prefeito, para a gente dar o início, para fazer, até escolhemos para fazer na escola, para ver se funcionava, mas ficamos na espera deles, né. E até nós queríamos um tal de gravador para nós gravarmos a conversa dele lá, e não achava, não tinha, né (risos) no dia em que a gente foi lá para conversar. Também porque, antes de a gente ir lá a gente conversou com os vereadores aqui, com os dois, chamamos eles, colocamos para eles também, falamos, para ver se eles estavam de acordo. Eles viram que o maior problema aqui era o lixo, concordaram, que davam o maior apoio, tudo. Mas no fim, lá eles não apareceram. Ficou eu, o prefeito, e a outra moça que foi comigo. Daí ele falou que ia ajudar, mas, até hoje, não ajudou em nada. Então fica difícil, daí.*

**Então, pelo que eu entendi, as ONG's, a SPVS, o IPÊ, participavam das reuniões da Associação...**

*Sempre que... na verdade, eles não participavam, o IPÊ sempre participou aqui dentro da ilha, porque eles trabalham aqui. Agora a SPVS, era eu que sempre participava, que às vezes tinham reuniões, né, em Guaraqueçaba, ou nós tínhamos o encontro que era o Lagamar. Então eu ia para lá de três em três meses, que tinha o encontro do Lagamar. Às vezes era em Guaraqueçaba, uma vez foi lá na Ilha do Cardoso, outra aqui na Ilha das Peças, Morretes, Antonina, então eu sempre participava quando tinha. E daí tinham várias pessoas de ONG's, né, pessoal do IBAMA às vezes estavam lá. Então eles sempre entravam em alguma coisa assim, para tentar ajudar o Parque. Mas só que falavam e falavam também, porque às vezes não apareciam, né. A SPVS muito pouco, né. Mas agora o IPÊ sempre tentou ajudar. Agora eles estão trabalhando aí, junto com a Associação de Mulheres. Porque tem uma Associação feminina, que faz parte da Igreja Católica. Que essa também, se eles quisessem se juntar com a Associação dos Moradores... mas é porque daí elas ficaram meio contra nós, entendeu. Não sei porque, assim... não queriam muito se juntar para trabalhar com a gente, entendeu. Eu sempre me dei muito bem com a presidente, a gente sempre se deu bem só que... é difícil. Não sei porque. Não queriam se envolver...*

**O que faz a Associação das Mulheres?**

*Nada, na verdade. Pelo que eu vejo, assim, nada. Para mim, não mostram serviço nenhum. Têm até duas ou três casas para elas trabalharem, mas que agora não estão fazendo nada. Já era para ter, acho assim, um lugar que eles colocassem o artesanato. Mas não tem, né. A única coisa que eu sei que eles estão fazendo, mas não é a Associação, é o IPÊ junto. Então assim, eu acho que o que eles estão fazendo, é um grupo de cinquenta, é, de cinquenta mulheres. Daí, mas quem organizou, daí, foi o IPÊ. Na verdade já tinha o grupo organizado, né. Mas como o IPÊ veio com uma proposta de querer financiar para elas camisetas, materiais para elas trabalharem, e dar o curso de patchwork, né, que é esse bordado à mão. Então todas quiseram, né, participar. Só que não teve nada que envolveu a Associação e nem a Associação delas, das mulheres. Foram convidadas, assim, particularmente pelo pessoal do IPÊ. E todo mundo foi. Até inclusive eu estava. Daí eram cinquenta e uma mulheres. Daí foi... elas financiaram todas as camisetas, o material, deram o curso. Veio uma moça lá de São Paulo que era da Levi's. Ela deu o curso. Foi maravilhoso, legal, todo mundo gostou. Depois elas financiaram as camisetas, o material todo para elas trabalharem. Daí como eram cinquenta, e daí você vê, e daí tinha, já tinha a Associação Feminina Cristã, e elas estavam com o espaço de uma casa, e elas podiam ceder o espaço para todas trabalharem. Já era uma*

*forma de juntar, né, de levantar até a Associação. Mas, como tinham cinqüenta e uma mulheres envolvidas, elas acharam que era muito, não sei, ou não queriam que a Associação participasse. Entendeu? Daí ficou difícil. Daí ficou por conta, assim, do IPÊ. Daí foi trabalhado assim: um dia trabalhavam aqui, outro dia no seu Nagib, outro dia no meu pai, outro dia na Lica ali. E depois começaram a trabalhar em casa. Daí foi dividido, as cinqüenta foram divididas em cinco grupos. Daí de cada... desses cinco grupos ficaram cinco líderes, daí cuidavam das dez mulheres, das nove, dez com elas, né. Daí cada líder cuidava. Só que nunca podia esquecer que era um grupo só, né. Foi dividido assim só para poder trabalhar melhor, né. Daí as cinco líderes ficavam com o material, as camisetas, e passavam para as outras nove trabalharem em casa. E daí colocavam as camisetas para vender. Funciona ainda, elas têm ainda.*

**Ah, têm até hoje...**

*Têm até hoje, só que já saíram bastante.*

**Muitas mulheres desistiram?**

*Desistiram. Hoje tem menos porque o IPÊ começou com uma regra, entendeu? Em cima. E eu não aceito, entendeu? Porque se elas, se o IPÊ quisesse que elas fossem caminhando sozinhas, né, tudo bem. Financiaram as camisetas, o material todo, né. Só que elas pagaram. Todas as mulheres conseguiram pagar. Elas venderam as camisetas e foi pago o material para o IPÊ. Então eles não podiam se envolver mais. Eles podiam até estar trabalhando juntos, assim, na parte de, de... como é que se fala?*

**De auxiliar?**

*De auxiliar, de ajudar, né. Mas não. Eles, começaram a colocar regras, entendeu? Se faltasse três reuniões estava fora. E a regra tinha que ser isso, isso e aquilo. Daí já começou a não dar certo.*

**O pessoal não gosta disso, né?**

*Já não gostam, porque aqui nem todo mundo tem condição, tem tempo para participar. Porque para eles, falou em reunião, ninguém quer saber disso. Eles já estão cansados de tanta reunião que não resolve nada, né. Então você tem que falar em encontro, tem que levar um chá, alguma coisa assim, porque daí é muito mais fácil você encontrar com eles. Porque falou que vai ser uma reunião, ninguém quer saber. “Ah, porque é só falar, só promessa, não cumprem nada!”. Daí ficou assim. Agora acho que tem umas... ainda tem bastante, umas vinte e cinco mulheres ainda participam. Já desistiu a metade. Só que, tomara que elas consigam levar, né. Só que assim, saiu eu. Eu só ficava dentro para ajudar, para dar uma força, para colocar para elas o seguinte, que eu como dona da pousada poderia oferecer as*



*camisetas para vender, né. Contar o trabalho da gente. Falar para elas que como é difícil, né. E eu largava várias coisas para ir na reunião com elas, para estar levando uma coisa que é uma cultura que é assim da gente, para estar levando uma coisa legal para a comunidade, né. Mas daí eu já estava assim, cansada também, né. Porque assim, o pessoal, tem mulher que não se interessa por nada. Eu que estou aqui, que não preciso quase, tem outras que até ajudavam. Que daí a gente vendia por vinte reais cada camiseta.*

**É essa camiseta que eu vi com o papagaio chauá?**

*Sim, são bonitas. Daí a gente vendia, vende a vinte, que cinco reais fica para cada mulher e quinze fica no caixa para comprar mais material, né. Tem que ter um caixa, não pode gastar tudo. Daí tem aquelas que bordam melhor, são mais caprichosas, que vendem mais. Tem aquelas que já não se interessam muito em bordado, que bordam uma, duas. Então, daí fica aquela coisa assim: “Ah, porque aquela fulana ganhou mais, outra não ganhou”. Mas daí tem que ter alguma pessoa para estar colocando estas coisas para elas, né: “Olha, você tem que entender que é isso, ela gosta de fazer o que faz, borda com carinho, borda com vontade, né.” Não é assim, pegar e achar que vai bordar e vai vender. Tudo tem o seu preço, né? Que até para você comprar uma roupa em uma loja você vai comprar uma que esteja melhor, né? Se ela está descosturada você não quer mais, né? Não é assim, também. E elas continuam ainda, mas eu saí, minha cunhada saiu, já saiu a metade. Mas elas estão... só que agora elas estão trabalhando dentro da... só que daí já foi o IPÊ que alugou a casa da Associação das Mulheres, para estar levando o trabalho em frente. Daí eles estão trabalhando, né. Foi alugado daí. E até eles estiveram a semana passada aí. E daí você vê, uma reunião que teve para ela sair, a minha cunhada para sair fora, era uma super líder também, saiu, porque de tanta... assim, ela também não concorda com várias idéias que eles colocam. Porque aqui, as pessoas, assim, escutam muito. Na hora de uma reunião eles não falam, ficam quietos, todo mundo escutando. Acabou a reunião todo mundo começa a ‘meter o pau’, falar né. E não é assim que se resolve. Quer resolver alguma coisa tem que ser ali, na hora que está todo mundo ali, né. Que depois não adianta, daí acabou o papo. Agora eu acho que é uma coisa assim, super importante, que tinha que ter um centro de informações turísticas, um lugar para colocar os artesanatos do pessoal, porque têm, fora as camisetas, tem muita gente que faz entalhes em madeira...*

**É, eu vi que fazem fantoches...**

*Os fantoches também, fazem parte do IPÊ também. O IPÊ que trouxe o curso, que ensinou. E daí, só que era um grupo de menos mulheres. Eram seis mulheres, sete comigo que eu era*

*'controle de qualidade' (risos). Eu só controlava, ficava com o material, distribuía para elas e controlava o, o...*

### **O produto feito?**

*O produto, porque na primeira venda que a gente teve, foi uma produção grande que teve. Até teve um pessoal lá da Dinamarca que esteve aqui, e acabaram conhecendo os fantoches, acabaram sabendo que foram feitos pelas mulheres daqui, queriam conhecê-las, bateram fotos delas, tudo, e encomendaram cinco mil fantoches. Foi uma venda boa, né? (risos) Só que daí tinha que ser tudo certinho. Daí o IPÊ forneceu o material e deu a máquina para as seis mulheres. Que eram mais mulheres. Era que nem a camiseta, só que foram saindo fora, porque acharam que não ia dar nada. Daí quando veio, que ficaram só essas seis, que vieram essas cinco mil encomendas, foi aquela confusão. Porque daí só as seis iam ganhar, que eram elas que estavam fazendo, e as outras não, né. E eles acharam, assim, que era muito dinheiro para cada mulher, não sei o que. Daí queriam voltar, né. Mas daí ficava difícil, porque já fazia um tempo que elas estavam, né. E para vender tinha que ter um controle de qualidade, tinha que estar tudo certinho, né. Porque ia ser exportado, para longe. Só que agora o IPÊ deu uma bagunçada. Eu passei a ser desacreditada.. Eu no começo, dava assim, o maior apoio para eles, sempre falei muito. Mas agora eles passaram a não mais acreditar em mim, eles passaram a ter desconfiança de mim. É porque na verdade eles ficavam aqui, na pousada, sempre ficaram aqui. Primeiro eles ficavam no IBAMA, mas daí depois o IBAMA tinha que reformar a casa e não tinha casa para eles, e eles passaram a ficar aqui. Então eu alugava esses dois quartos, fizeram um contrato de um mês. Mas daí a gente fez um preço, não de turista, para eles, porque como estavam trabalhando era mais barato, o almoço, tudo era mais barato. Só que daí saiu, começou a crescer muito, entendeu? Porque antes eram menos gente que trabalhava. Daí já envolveu o trabalho de pesca, também, que eles começaram a trabalhar com os pescadores, já foi outro projeto.*

### **Ah, o IPÊ começou com outros projetos?**

*Com outros projetos. Que antes era só com educação ambiental. Daí entrou o projeto da pesca, daí trabalhavam com ostras, com mariscos, né, um monte de coisa. Daí começou a vir mais gente para trabalhar, vir para cá, né. E são pessoas que chegam aqui pela primeira vez. E daí chegam aqui e acham que vai funcionar desse jeito, né. E daí a gente, como mora aqui, conta para eles como é que tem que funcionar. E daí eles sabendo que eu como presidente, já tenho uma experiência boa, né, como moradora daqui, já tem outras pessoas que sabem como é que vai funcionar. Mas eles começaram a chegar a não querer ver essas coisas, a querer ir por conta deles.*

### **Eles queriam comandar?**

*Sim, e pessoas novas que chegaram, entendeu? Assim, já achando que podiam fazer tudo o que queriam. E daí começaram a se envolver com drogas... que para a comunidade não é legal, porque já tem um monte de drogas. Daí vem o pessoal para trabalhar aqui para se envolver mais ainda junto, né, ao invés de melhorar... Educação ambiental, para mim, nunca funcionou. Quando estava a Sandra Naves, sempre eu achava que ela fazia uma coisa mais legal, trabalhando mais com as crianças, né, levando as crianças para ver os papagaios, onde eles moram lá...*

### **Na Ilha de Pinheiros...**

*Na Ilha de Pinheiros. Levava para ver o mico, como é que acha ele, todas essas coisas. Passava vídeos. Agora não. Não fazem. Eles trabalham com duas, três meninas, e a maioria com as crianças que tem aqui. Estavam trabalhando com as mulheres mas com as mulheres é difícil de colocar, né. Na criança é melhor começar a colocar idéia, né, nos adolescentes. Daí tinha um grupo também das meninas de... das adolescentes que faziam macramé e bordado. Daí eles quiseram que elas fizessem por conta. Eu falei para as meninas que elas não estavam preparadas, deixar elas sozinhas. Mas elas quiseram deixar, né. Que era eu quem as coordenava. Elas pediram para mim cortar, deixar só por conta delas. Eu disse: 'elas não vão para frente.' Hoje acabou, não foram, não foram porque elas não estavam preparadas ainda, né. A gente conhece as pessoas, né. E elas faziam bordado, era de macramé, na mão, e bordavam na mão o mico, o papagaio e... outros bichos que tem aqui também, né. E vendiam bastante, né. Só que se via que elas não estavam preparadas ainda para... Tinha o caixa delas, eu que cuidava, eu que passava para elas todo o mês. Falavam, quando vinha a moça do IPÊ ela falava para elas como era a vida do papagaio, do mico, né, as coisas do meio-ambiente. E elas gostavam disso. Só que depois elas pediram para eu parar, né. Eu entreguei tudo para elas e não deu certo, acabou. E daí agora estão só as mulheres, mas não sei até quando. Eu espero que continue, né? Que não parem, né. Elas ainda estão vendendo as camisetas. E dizem agora que vão colocar na casa delas lá uma... nessa casa que elas alugaram lá, uma lojinha de artesanato. É legal, só que tem que colocar pessoas que sabem falar, né. Porque também o turista chega aí e não vai comprar assim, só porque viu que é bonitinho. Tem gente que vê e talvez só compra por você contar a história.*

### **Tem que saber vender.**

*Tem que saber vender, né? (risos).*

**E fora essas ONG's, tem alguma participação das igrejas daqui? Houve alguma participação na Associação?**

*Da igreja? Não. Na verdade têm são conflitos. Porque no caso aqui a maioria é crente. A maioria da população é evangélica, e daí católica é bem pouco. Então tem aquela coisa assim, se você vai fazer uma festa, você tem que pensar em tudo, né? Para não dar briga. Então nunca, nunca teve. Porque deviam se juntar, né. Porque aqui tem a Assembléia, a Congregação e a Católica.*

**Tem três Igrejas?**

*Três Igrejas. Mas, você vê, a Católica tem há muito tempo aqui, e até agora não cresce, entendeu? Fica sempre do jeito que está. A igreja caindo lá, está bem abandonada. E você vê, a Assembléia que começou de um tempo para cá, tem uma igreja bonita. A outra da Congregação, né. Porque ali tem alguma coisa, deve ter mais união, né? Deve ter gente trabalhando melhor, né. Porque a Católica, até agora está... eu sou católica mas não frequento a igreja. Mas sempre participei, assim, quando teve festa a gente ajudou a igreja. Sempre que precisa de ajuda a gente ajuda, na festa, na escola, sempre ajudamos, tudo.*

**Você está falando da Associação?**

*Não, não a Associação. Nós particularmente aqui. A Associação sempre foi envolvida, mas ela nunca teve dinheiro para essas coisas porque o pessoal nunca foi de... um pouco pagava a mensalidade, um pouco não. Então a gente sempre tinha pouquinho dinheiro. Quando eu estava a gente sempre corria atrás de várias ONG's, de várias pessoas que vinham para a ilha. Então quando tinha festa era sempre eu que corria atrás de um ou outro. Uma vez eu consegui todo o material para arrumar o postinho de saúde. Daí quando estava tudo bonitinho lá, depois que ficou pronto, aí o jornal falou que foi a Prefeitura que fez, que bancou tudo. (risos). E foi a Associação dos Moradores, fui eu que corri atrás de tudo. Daí eu fiquei 'puta'. Fui lá, até corri atrás da menina do jornal. Ela disse que não tinha culpa, que quem disse aquilo foi o prefeito, não sei o que. Eu falei: "É, mas ele é um mentiroso". É assim que funciona, porque hoje, eu espero que melhore. Mas às vezes dá desânimo, né? (risos). A gente quer que vá para frente. Mas melhorou muito, já. Antes era bem pior. Mas eu me decepcionei agora com a política aí, né. Fui aí que eu percebi como é que as pessoas querem que isso aqui cresça, é difícil assim, quererem só para si, sabe? Muitas das pessoas que vieram aqui em casa, que eu falava: "olha, você tem que pensar em quem vai votar, na pessoa certa, na pessoa que..." Ninguém perguntava para mim o que eu ia fazer se eu ganhasse. Só queriam saber o que que eles iam ganhar em troca. Daí ficava difícil. É complicado, né? Daí eu fiquei chateada, assim, não de eu ter perdido, entendeu? Mas da*

situação deles colocar, assim em pensar, sabe? Eles não pensavam em colocar uma pessoa para melhorar a comunidade, para trabalhar. Que eles, toda vida, sabe o jeito que está. Saúde, o médico não vem, não vem dentista, não vem nada, né? A escola que está sempre do mesmo jeito, bagunçada. Então tem que colocar alguém que realmente trabalhasse, mas ficou do mesmo jeito. Ganhou um primo meu. Eu espero que ele faça alguma coisa... mas é ignorância. Não sei se vai funcionar, se vai trabalhar mesmo. Tomara que mude. Tem horas que eu sento ali na praia e fico assim pensando: “Porque este povo... o que é que eles pensam, né? Porque que não tentam mudar? Querem sempre do mesmo jeito?” Mas eu acredito que tem uma parte dela que queria mudar, que estiveram comigo. Este que ganhou, eu espero... ele é uma pessoa boa também, o pessoal, assim, não tem nada contra ele. Então tomara que ele faça alguma coisa. Eu falei com ele depois e ele falou que vai trabalhar em conjunto com a comunidade. Eu falei: “É, vamos ver, né?”. Tomara que melhore. Então, eu assim não tenho muita coisa aqui para falar para você. Que a Associação é uma coisa legal, eu acho que é muito bom ter alguém representando a comunidade. Mas tem que funcionar também. Não adianta eu falar para você que funcionou legal porque... eu achei que dois anos é muito pouco. Eu levei oito meses só para eu achar a documentação da Associação. O presidente que estava atual sumiu com elas, né. Encontrei por acaso lá na Prefeitura, numa gaveta, lá largada. Daí até colocar tudo em ordem, demora, né? Então, qualquer coisa que tinha que vir para cá, tinha que ter documentação. Então não funciona. (pausa e risos). Daí... agora eu não sei, seu Nagib diz que está indo bem. Até agora não soube que teve reunião, não teve nada. Só que tem que estar passando o que faz, né. Sem reunião... não tem como ficar assim, né? E a comunidade tem que estar ciente do que está acontecendo, não pode ficar parado, né? E quando o Carioca estava também (risos), ele também trabalhava muito, muito. Corria atrás. Tinha o pessoal da CONABE que doava cestas básicas para a Associação, para dar para as pessoas mais carentes. Ele que ia buscar. Então a gente, como morador daqui, sabe das pessoas que mais precisavam. Então a Associação no caso doava as cestas básicas para essas pessoas. Não só as cestas básicas como também acolchoados. Teve também uma campanha de agasalhos. Doávamos tudo para as pessoas que a gente conhecia, né. Tem um pessoal também que vem lá de Curitiba, do Colégio Internacional. Então eles vêm, ficam na pousada, e eles queriam ter contato com a Associação e com a escola daqui, né. Então eles doavam bastante material para eles irem para a escola. Roupas, calçados, tudo para as crianças, né. Só que era aquela coisa, eles marcavam reuniões com os professores para... eles queriam até apadrinhar a escola. A escola deles queria apadrinhar a escola daqui. Mas nunca estavam aí, nunca podiam participar.

### **Os professores da escola daqui?**

*Sim. Porque eles (do Colégio Internacional) queriam a participação delas, né. Porque elas como professoras tem que, né? É importante participarem. Mas nunca podiam, nunca estavam. Então daí fica... não tem como eles quererem uma coisa se elas não querem, né? Mas acho assim que.. no tempo que o Carioca estava ele também se virava muito. Ele ia atrás das coisas, ver terreno. Qualquer coisa ele ia lá, resolver. Não ele, né, a diretoria no caso, né. Faziam reunião, colocavam. Até teve lá, no tempo que ele estava, teve uma confusão entre a Associação Feminina por causa da igreja, da Assembléia no caso. Porque a maioria das mulheres era da Igreja crente, né. E não participavam desta outra Associação das Mulheres Católicas, né. E daí foi colocado dentro da Associação, e tinha uma coisa assim... como é que elas queriam... era uma associação delas, mas como é que elas queriam fazer discriminação por causa das outras serem crentes, né? E daí elas queriam só para elas, entendeu? Porque vinha... era para vir uma cozinha comunitária, elas queriam se apossar dela, e eram quinze mulheres, né. E a maioria, quarenta, cinqüenta, tudo da outra religião. Então... elas queriam só para elas. E ele, na época era ele que estava, o Carioca, e ele não concordava. Não só ele como a diretoria também. Daí o houve aquela... daí o que aconteceu? A cozinha nem veio para cá. Foi lá para o Barbados, foi lá para as bandas de lá. Acabaram perdendo, uma coisa que seria, que deveria servir para todas, né? Mas elas queriam só para elas, não queriam que ninguém participasse. Que não é porque elas eram católicas que... poderiam participar juntas, né? Era só fazer coisas diferentes, né? Não precisava brigar, né? Daí nem uma nem outra. Não veio. Daí quem perde? O povo, né? O povo que perde. E ele foi em várias coisas também. Várias ONG's também participaram com ele. Ficaram de trazer mudas nativas para plantação aqui. E nunca trouxeram também.*

### **Quais ONG's? Você lembra?**

*Não lembro, não lembro. Acho que foi o pessoal da EMATER que ficaram de trabalhar junto, mas nunca... Daí teve também o pessoal do Boticário, do Salto Morato. Ficaram de vir na Associação, para fazer tipo um projeto, para trabalhar junto. Mas também marcaram de ir e nós ficamos esperando. Até hoje não apareceram. Daí assim, daí depois passou várias reuniões que a gente ia. Tinham algumas até que falavam: "Não adianta ficar participando, resolvendo, o pessoal fala que vai fazer isso, isso e aquilo, mas chega na hora não vai". Então, corta o barato da gente daí, né? A gente se empolga com um monte de idéias, com um monte de coisas, chega na hora de fazer ninguém faz um esforço para fazer. Daí as pessoas passam a desacreditar, daí não adianta, no papel... melhor é feito já, numa boa, sem confusão, sempre da melhor maneira. Agora está o seu Nagib... você vê, o negócio do óleo*

*que deu na baía ali, né, era para ele se envolver, né. Que nem lotava a pousada aqui já três meses antes, tudo desmarcado. E com o negócio do óleo desmarcaram tudo. Tudo porque... todo mundo... passou na televisão, o IAP, IBAMA, né, em cima aí. Desmarcou tudo, ninguém....*

### **O pessoal ficou com medo de vir, né?**

*Com medo de vir, né? Daí o que que nós pensamos: vamos falar com o seu Nagib, vamos ter que correr atrás, pegar as pousadas, restaurantes, e tentar cobrar isso aí de alguém, porque nós não podemos perder. Daí o IBAMA ganha em cima também, o IAP. Mas e nós, do que a gente vai viver? A pesca, ninguém quer comprar, né, porque está contaminada que nem todo mundo fica falando. Que na verdade não está, mas vai pescar e não pode vender, né? Os pescadores estão sofrendo. E agora a gente que vive de turismo também não pode. Então é a hora da Associação correr atrás.*

### **Quem está proibindo a venda da pesca?**

*Aqui na verdade não foi proibido. E quem... acho que é o IBAMA, o pessoal do IAP, alguma coisa assim. Eles proibiram só lá, para Paranaguá, para algumas vilas aqui dentro (mar de dentro), onde atingiu mais. Agora, aqui não, nem o caranguejo foi proibido. Não sei para dentro. Então eu acho que era hora de cobrar alguma coisa, mas... Até para reivindicar alguma coisa para a comunidade, né? Porque ninguém pediu que o navio explodisse (risos). Não é? Ninguém esperava. Então eu acho que era hora de pensar em fazer alguma coisa. Mas é aquela coisa assim... seu Nagib não sei, ele é meio devagar, meio enroladão assim. Quase não conhece muita coisa. Então tem que correr atrás de algum benefício, alguma coisa. Porque ficar aqui não vai resolver. E daí ter liderança, chamar. Porque você tem o povo, né. Porque eu era assim, se eu quisesse marcar uma reunião, nem que eu tivesse que ir de casa em casa. O pessoal parece que acostumou, assim. Acostumou não, já foram acostumados. Eu tinha marcado um edital lá para seis horas tem reunião. Podia colocar no armazém, nas igrejas, mas mesmo assim você tinha que passar nas casas para avisar. E lá ia eu, andava a ilha toda: “amanhã tem reunião às seis horas. Interesse é de vocês. Compareçam”. Daí chegava no dia, todo mundo estava, né. Mas quando era interesse de alguma coisa pessoal para eles. Quando era interesse de tentar alguma coisa, melhorar a comunidade, o pessoal ia dez, quinze. E é grande aqui, né?*

### **Quantas pessoas têm aqui na ilha?**

*Acho que umas mil e cem. Se não tiver mais já, porque está nascendo bastante criança (risos). Sócios, acho que estão uns... eu não sei quantos estão agora porque... mas quando eu estava eram mais ou menos uns cento e quarenta e sete parece. Não sei se agora tem mais*

porque... não sei se se associaram mais. Então eu acho assim que... tinha dias que eu até chorava, porque tinha tanta coisa, assim, boa que dava para trabalhar, e você poder contar com... Daí eu tentava contar com as mulheres da diretoria, com as professoras. Mas na hora que se falava que tinha que correr atrás da Prefeitura, tem que cobrar isso aqui... “Ah, mas eu tenho medo, que vão mandar nós embora, que não sei o que”. “Não, mas não é assim. Vocês são cidadãs, vocês têm direito. Não é porque é funcionária que tem que ter medo. Ninguém vai mandar ninguém embora. Vocês estão procurando o direito que é de cada um. De todos.” Daí, mas era acho que isso. Até eu falava para elas: “Olha, vocês têm mais estudo do que eu, estudam melhor do que eu, sabem mais, ao invés de melhorar não, pensam mais para atrás ainda!” (...) Eu consegui dois computadores para a escola.

### **Na época da Associação?**

Na época da Associação. Consegui. Estão funcionando ainda. só que é uma coisa que eu não consigo entender até hoje. Porque só o professor pode usar. Porque na verdade, quando eu doei para a escola eu falei que aquilo dali era para os alunos, para as crianças aprenderem, poderem pelo menos olhar, ver, mexer, lógico que com o professor. Para a Associação, na hora que precisar, né. É para a escola mas é para todo o lugar. Primeiro que ganharam e deixaram, primeiro que foi uma outra moça, uma tal de ??? ela que deu, que doou. Daí colocaram numa casinha lá, ao invés de deixarem na sala de aula que era melhor, colocaram na casinha do fundo e pingou em cima. Molhou, estragou. Levaram para a Prefeitura e até hoje não trouxeram ainda. daí esses dois que eu doei lá eu até falei quando chegou, que é para ter cuidado, que era um produto difícil de conseguir, é caro, tudo. Essas coisas têm que zelar, tem que cuidar, porque senão não tem mais, né. Daí estão funcionando, até hoje. Só que eu deixei passar, agora eu vou cuidar um pouco das minhas coisas, né. Porque a gente começa a ficar estressado, fica cansado, nervoso. Porque têm pessoas, tem gente que é ignorante, acha que se você está se envolvendo é que quer para você, entendeu? Na época que eu estava lutando para tirar o homem lá do prédio do Mercado da Família, tinha gente que falava que eu queria para mim, para fazer uma pousada, fazer um restaurante, não sei o que. E não era nada que falavam. Hoje tem o Mercado da Família, mas ninguém, ninguém vê que eu trabalhei tanto para tirar ele de lá. Por ele, ele estava lá ainda. Então essas coisas desanimam a gente, né?. Mas eu sempre penso, acredito que um dia vai melhorar. Se Deus quiser. Mas assim, eu quero ficar um pouco na minha, mas pensar em que uma hora melhore, né. Tem que deixar de pensar para trás, sempre tem que pensar assim, mais para frente. Então do Colégio Internacional eu consegui muitos livros, revistas para a escola. Uma vez eu doei bastante, em nome da Associação, tudo né. Daí um dia eu fui lá ver, eles tinham



*molhado um monte. Daí eu falei: “Então a partir de agora vou fazer diferente”. Quando vinha eu carimbava tudo com o carimbo da Associação. Daí para cada sala eu levava um pouco. Porque tem que cuidar do que a gente ganha, né? Porque é difícil. Se a criança levou da escola, cobra um dia que tem que trazer, não pode ficar com o livro. A criança pode estudar em casa daí, para o dever da escola, para o trabalho da escola. Não deixe jogado, corre atrás de uns armários para colocar, né. Para conservar, né? Porque é tudo livro bom, eram coisas boas.*

### **E a Associação tem um espaço?**

*Não tem. Até hoje... no meu tempo eu estava conseguindo, mas aí tive que sair. Só que hoje eu falei para o Nagib que até uns tempos desses... todo mundo sabe. Falei: “Seu Nagib, tem uma pessoa que é vereador aqui e ele prometeu, garantiu numa reunião, está em livro ata, que ele, junto com a Prefeitura, iriam dar o material para fazer a sede da Associação”. Então eu saí, mas uma hora vão ter que cobrar, né? Então porque é que promete, né? Porque tanto dinheiro que cai lá na Prefeitura, mesmo para o Parque, não sei onde é que enfiam todo esse dinheiro, e aqui nada, né? Então alguma coisa tem que aparecer. Mesma coisa das ONG’s aí. O que tem que fazer é cobrar deles também, né? Porque eles fazem pesquisas na comunidade, trabalham bastante com as pessoas daqui. Mas também tem que reivindicar, tem que trazer algum benefício que seja importante. Não é só querer ir atrás de pesquisas, de informações para eles e não reverter nada para a comunidade. Tem que fazer é aproveitar. Pois é, mas é muito fácil, só marcar uma reunião aqui... eu sou uma das que abre a boca (risos). Não é? E daí a ONG saiu daqui assim... turista, né? Porque eles começaram a passar a desacreditar na gente, entendeu? E achar que não era do jeito que a gente estava falando que funciona, que era do jeito que eles queriam. Daí começou muita bagunça, horário de almoço, começou muita gente, aí já comecei a me estressar demais com eles, né. Porque daí a gente tinha uma responsabilidade com eles, né. Material de trabalho deles, eles largavam por aí fora e eu que tinha que ficar catando, guardando. Para mim mesmo não era nada, né, mas para eles era importante. E daí começou aquela bagunça toda.*

### **Daí não deu mais certo?**

*Daí não. Daí a gente pediu: “É melhor vocês arrumarem outro espaço”. Uma pessoa que era muito boa que estava dentro da ONG foi mandada embora por causa de confusão deles. E a gente até hoje não concorda com a atitude que tomaram, né. Porque sempre foi certinho, honesto, o pessoal da ilha gostava deles. E de repente por causa de drogas, de bagunça, de coisas, e acreditaram nas pessoas que começaram agora e deixaram aquelas que estavam... atrás, né. Mandaram embora da instituição! É chato, né? Daí assim, daí eles começam um*

*trabalho, né, com as mulheres. Daí, quando está envolvendo, que está legal, dá qualquer coisa lá na empresa, mandam aquela pessoa embora. Daí vem outra começar tudo de novo, entendeu?*

**Daí não há continuidade?**

*Não há continuidade. Então eu acho que isso aí cansa... o pessoal fica desanimado, começam a passar a não acreditar mais. E com razão. E daí não tem como, né. Não termina, daí começa tudo de novo. Daí quando está querendo acabar, aconteceu qualquer coisa dentro da ONG lá, vai embora aí vem outra pessoa começar tudo de novo. Não tem jeito. Espero que melhore aqui, que dê uma virada aí, que seja bom para todo mundo, principalmente para nós aqui da comunidade (risos).*

**Então está bom Denise, muito obrigada pela entrevista.**

*De nada.*

ENTREVISTA 3 – realizada no dia 04 de fevereiro de 2005 com Natanael Neves da Graça, morador da Vila Barra do Superagui.

*Meu nome é Natanael Neves da Graça e eu autorizo essa gravação.*

**Está bom, OK. Seu Natanael, o senhor sabe alguma coisa sobre a Associação dos Moradores, quando ela surgiu, quem fundou... alguma coisa assim?**

*Olha, eu até sei, mas eu não lembro no momento, né. Sei que faz uns quinze anos atrás mais ou menos que foi fundada a Associação dos Moradores da Barra do Superagui. E que inclusive eu fui secretário uma ou duas vezes da Associação.*

**Ah é?**

*Eu não tenho nada, uma data assim para te explicar. É que foi... aquela época era um tumulto, alguma coisa assim, e a gente acabou... era muita briga, por causa que a gente é... ia até os caras que estavam construindo para tentar fazer o pessoal entender, que não era bem assim, que tinha que ter uma autorização da Associação mesmo. E a gente acabou até ficando meio estressado na época e a gente ficou sempre nunca terminando aquilo que a gente vinha exercendo, sabe. Sempre renunciavam. Existem os probleminhas aqui na vila.*

**Mas que tipo de problema são esses que o senhor está falando? Problemas com a terra?**

*É, com a terra. Porque nós tínhamos autorização na época para... não para proibir, né, mas para que as pessoas viessem conversar com a gente, com o pessoal da Associação, para daí*

*então ter uma autorização pela Associação para construir em determinadas... em determinadas áreas, né. E às vezes o pessoal não queria isso. O pessoal da vila mesmo.*

**Mas o pessoal da vila não queria porque era um pessoal que não era daqui?**

*Não, isso também aconteceu, né.*

**Aconteceu?**

*Pessoas que não eram nativas, então o pessoal geralmente criava um tumulto, assim, para não deixar o pessoal entrar. Porque a gente achava, assim, que isso era até vantajoso para nós na época, no caso.*

**Não deixar o pessoal de fora...**

*Não deixar o pessoal de fora entrar, né? Eu lembro que tinha o seu... Alceu, que foi o primeiro presidente da Associação, inclusive tinha que, quando as pessoas, inclusive os pescadores, porque os pescadores você não pode, ele... é... proibir ele de entrar é... em zona de pesca, no caso. A região igual a nossa aqui que o pessoal vem de Matinhos, de Guaratuba, dessas partes do sul aí né, aqui a gente não pode proibir eles de entrar, em parte alguma, né, da costa então eles podem... Mas então ele queria, na época, que o pessoal trouxesse, assim, uma... alguma coisa que tivesse assim, que constasse que eles eram bons elementos, que eles podiam entrar, e ficar na vila e... que a pessoa chega aqui, faz o seguinte: ele chega para pescar e dali a uns dois ou três meses ele já começa a gostar do pessoal, a gostar da vila, e se instala, entende? Então ele queria que tivesse um... alguma coisa assim, que desse garantia para nós na época. Mas isso também não...*

**Não deu muito certo?**

*Não funcionou, não deu certo.*

**O senhor foi secretário em que gestão? Quem estava atuando como presidente?**

*Na época era o Valdir, o pastor Valdir daqui da Assembléia de Deus. Fui secretário dele. E fui acho que tesoureiro do, do... do Alceu, né, que foi o primeiro. E também do Carioca... acho que fui secretário dele.*

**Em que ano o senhor foi tesoureiro do Alceu?**

*Eu não lembro.*

**Não lembra.**

*Não. Foi uma coisa que eu não quis que marcasse! (risos)*

**É mesmo? Então tá! E o que a Associação faz? Quais são as atividades...**

*Bem, quando nós, quando começou, a tendência era buscar recursos, coisas de fora para a melhoria do lugar, né. E isso com o tempo, o pessoal foi, assim, deixando de buscar. Hoje se busca muito pouco. Pelo que a gente vê aí, né. Hoje se busca muito pouco para o lugar. Mas*

*tem ainda alguém que se interessa pela comunidade, pela vila, né. Mas... assim, na época a gente foi até ao Álvaro Dias que era o governador na nossa época, né. Foi eu, o Ailton e o Alceu. É, foi marcado uma entrevista com ele lá e tivemos uns dez minutos na frente, conversando com ele, né. Daí a gente levou em mão o que a gente necessitava, o que a gente... quais eram as prioridades também. Igual a energia no caso, a água né. E... nada disso foi, assim, atendido naquela época, né. Claro que agora a gente tem água instalada, tem luz elétrica, mas vieram por outros canais, né. Não pelo o que nós procuramos.*

**Não pela Associação...**

*Não pela Associação, não pela Associação.*

**Vieram por que meios, então? O senhor pode falar alguns?**

*Eu acho ainda, que a luz elétrica aqui nós temos que dar graças ao pessoal da Ilha do Mel. Foi a força, total. O pessoal aqui às vezes não entende isso, mas o pessoal da Ilha do Mel é que tem força para trazer as coisas. Então... vindo até a Ilha do Mel, daí teve um engenheiro que achou que... podia vir aqui também, né. Vir até aqui. E daí ele estendeu da Ilha do Mel até a Ilha das Peças e das Peças até Superagui.*

**Quem financiou isso?**

*Não sei.*

**E quais são as principais atividades dos moradores aqui da Ilha?**

*Pesca.*

**A pesca é a fundamental. Mais alguma outra que o senhor conhece que gere renda aqui na Ilha?**

*Olha, hoje já tem, já tem várias, várias pessoas que são proprietárias de pousadas, né, de alguns restaurantes como você tem visto na beira da praia. É assim uma... uma alternativa no caso, né. Uma fonte de renda. Hoje o pessoal está criando bastante... é, restaurantes, pousadas, até campings já tem uns dois, três, né. Então é isso.*

**Mais alguma outra coisa?**

*Também têm alguns funcionários, têm alguns... têm funcionários do IBAMA, têm funcionários do IPÊ, né, têm funcionários da Prefeitura Municipal de Guaraqueçaba e... por aí.*

**E esses funcionários fazem o que por aqui... do IPÊ, por exemplo?**

*Pesquisas.*

**Pesquisas. Mais alguma outra coisa? Eu li alguma coisa sobre educação ambiental...**

*Ah! Isso tem, tem. Têm duas moças que são, que são dessa parte, dessa área, da educação ambiental. Aí tem mais uns três, quatro que trabalham com os maricultores, né. E tem outro,*

*um pessoal, outro grupinho que trabalha na pesquisa do mico-leão-da-cara-preta, com o Leonpithecus caissara. Não sei se você conhece algum?*

**Eu nunca vi! (risos)**

**Alessandro: A gente só viu num cartaz lá no restaurante.**

*É? (risos) Ah, tá!*

**E o senhor trabalha com isso?**

*Eu trabalho com isso também.*

**E o que o senhor faz?**

*Eu sou assistente de campo. Eu ajudo a correr atrás do bicho, capturá-lo, né. E faço trabalhos com eles, trabalho necessário de campo, no caso.*

**Ah, então pelo visto tem bastante pessoas trabalhando aqui no IPÊ, aqui na região. O senhor falou em maricultura, no mico-leão...**

*E tem a educação ambiental também.*

**Educação ambiental. Alguma outra ONG que trabalha aqui?**

*Não, só o IPÊ.*

**E os funcionários do IBAMA que trabalham aqui também.**

*É, tem. O sogro do Carioca é do IBAMA. Aquele velho que veio ali, brincando com a gente ali, com vocês ali no barco. Aquele que deitou, estava com jornal.*

**Ah, ele?**

*É, o Erondino, é!*

**Não o conhecia! E o que ele faz aqui?**

*Ah, o seu Erondino, eu não sei bem do que é a área dele, né. Sei que ele fica aqui como um olheiro (risos).*

**Um olheiro. Então, seu Natanael, nós estávamos falando aqui sobre as atividades daqui.**

**Houve algumas mudanças de uns tempos para cá nas atividades das pessoas. Como na pesca, houve mudança nessa atividade?**

*Houve, houve acho que muitas mudanças, por que... hoje o pessoal já não traz mais aquela quantidade de peixes que trazia antes. O camarão, sabe, tudo foi diminuindo de certa forma, que hoje o pessoal está meio assustado até. Não sabe como vai fazer para que essa história de pescador se prolongue por muitos anos, né. Porque tem muito barco, muita rede, e não tem, assim uma... um pessoal para determinar assim que época do ano pode-se pescar tal espécie de peixe, né. Então a gente acha que isso aí também ajudaria muito no caso, né. E não tem ainda.*

**Mas e o IBAMA não faz isso?**

*Mas o IBAMA não proíbe.*

**Não?**

*Não. Só o defeso do camarão, né. Mas o peixe, por exemplo, é liberado o ano todo. E no arrasto do camarão a gente sabe que mata muita criação, muito peixe que está se formando ainda, né. Então acho que talvez seja até isso que hoje o pessoal já está se assustando com a falta de peixe, né.*

**Porque não um controle, né?**

*Não tem um controle. Tudo o que não tem controle vem a terminar, né. Chega ao fim mesmo.*

**E os pescadores estão buscando outro tipo de renda?**

*Olha, um dos tipos de renda é esse que eu te falei, né. Pousadas, restaurantes, camping, pessoas que fazem salgados em casa e põem para vender... é uma fonte, estão se virando, né. Mas depender somente dos pescados, hoje em dia o pessoal já teria arrumado as malas e procurado um outro lugar.*

**O senhor pesca também?**

*Não, eu pesquei muito pouco. Eu sempre... eu até fui um homem de sorte. Eu cheguei aqui pela C. R. Almeida. Serviço de prospecção. E daí depois, eu trabalhei nove anos com ela, né, e daí saí, fiquei um ano em Paranaguá, voltei para cá e entrei na Companhia Agropastoril.*

**Na CAPELA.**

*Na CAPELA. Trabalhei mais nove anos e saí e depois eu entrei na PATER, uma firma do grupo da CAPELA e... eu fiquei aqui na Ilha, sabe. Nunca saí da Ilha. Fui sair com sete anos, saí da PATER e daí eu entrei no IPÊ. Estou há seis anos no IPÊ.*

**Seis anos já?**

*É, eu acho que até vou me aposentar pelo IPÊ. (risos)*

**Alessandro: O senhor gosta de trabalhar no IPÊ?**

*Gosto! Sempre gostei do campo assim, né. O campo é uma coisa boa, né. Deixa a gente assim... alegre, não deixa triste, né. O campo é bom, eu gosto da vida no campo.*

**E tem bastante mico por aí ainda?**

*Tem. Têm bastantes grupos.*

**Então está bom seu Natanael, muito obrigada pela entrevista.**

ENTREVISTA 4 – realizada no dia 04 de fevereiro de 2005 com Jorvalino Pedro Fernandes, morador da Vila Barra do Superagüi.

*Meu nome é Jorvalino Pedro Fernandes e autorizo a gravação.*

**Tudo bem seu Jorvalino. Seu Jorvalino, o senhor é de onde?**

*De Cananéia.*

**De Cananéia? E há quanto tempo o senhor está aqui?**

*Há dezesseis ou dezessete anos.*

**E o senhor veio para cá por quê?**

*Pescar, né? Porque é melhor de pescar por aqui. Aqui dá mais pescaria do que para lá, né. Dá mais peixe, mais camarão.*

**E não teve problema nenhum, assim, o senhor veio para cá, construiu sua casa...**

*Não. Quando eu construí aqui não tinha esse negócio... não era Parque ainda. Não era tão exigente assim como é agora. Porque quando eu cheguei aqui, tinha ali aquele posto florestal ali, estavam fazendo o posto florestal ali.*

**Na época que o senhor chegou?**

*É. Que antes disso, quando, você vê, eu cheguei aqui não tinha tantas exigências que tem agora. Para fazer casa tem que ter autorização agora do IBAMA, aí. Para você arrumar a casa, para você fazer uma pintu (pintura) ... mexer no barraco aí tem que tirar a ordem, tem que tirar a autorização deles lá senão não faz. Que para arrumar aquele pedaço, lá por trás lá, tive que tirar autorização do IBAMA para fazer, porque senão eles não deixavam fazer.*

**E é só do IBAMA que precisa autorização?**

*É. Só do IBAMA.*

**E da Associação dos Moradores?**

*Ah, eles autorizam. A Associação dos Moradores autoriza fazer. Quando eu vim para cá não tinha nada disso, não tinha a Associação.*

**Não tinha a Associação.**

*Depois que começou, depois que eles fizeram. Antes disso não tinha nada disso... era livre.*

**E sobre a Associação, o senhor conhece alguma coisa? Quem fundou, quando foi fundada?**

*Isso é... quero ver, foi... passaram várias... mas fundador, assim, eu não lembro. Aí já passaram várias pessoas que foram presidentes da Associação. Não lembro.*

**Eu ouvi que foi um tal de Piri. Não sei se o senhor conheceu.**

*Ah, o Piri! Foi esse... então foi esse aí, o Piri mesmo, né. Da vez que tinha aquela firma ali, né. Tinha uma firma aí. Uma empresa que veio aí, uma cooperativa, essas coisas assim. E ele fazia uns negócios de pesca aí, mas não deu certo e acabou.*

**Ele trabalha nessa cooperativa?**

*Trabalhava. Trabalhou. Tem até uma casa lá na frente ali. Tem o trapiche deles lá. Aquele lá, o segundo daqui para lá, de quem vai é o segundo. Aquela casa que está abandonada lá é do Piri, né.*

**Ah, a gente viu já essa casa.**

*Tem um pouco de mato nela.*

**Então ele veio para cá com essa empresa e ficou por aqui?**

*Foi. Não, ele já estava aqui, né. Ele já estava aqui. Só que quando a empresa veio aí, falou com ele, né. Achou que ali o lugar era melhor, né, para fazer. Já tinha o lugar da casa, já tinha uma casa, um barraco. Ai eles construíram ali o resto, o material que eles precisavam, o barracão para o gelo, essas coisas assim. [trecho inaudível] faz gelo, né. Eles trabalhavam aqui.*

**E daí ele fundou a Associação.**

*Foi. Foi ele que começou essa Associação.*

**E o senhor sabe para que foi feita essa Associação, para que foi montada?**

*A Associação foi montada para organizar aqui, o povo do lugar, né. Para ficarem cientes de que tinha uma Associação, né. Para ver se melhorava, mas não deu certo também, né. É complicado, né. É sempre complicado, né. Porque muitos querem, muitos não querem e... um ajuda, outro não ajuda. Ai fica aquela confusão, né. Era para pagar, ter aquela carteirinha de sócio, [trecho inaudível]. É que ninguém ajudava a pagar, um pouco pagava outro pouco não pagava e daí foi acabando, né. E daí acabou. E daí passou para outro presidente e é a mesma coisa.*

**E o senhor lembra de alguma coisa que a Associação fez?**

*Não.*

**Algumas melhorias?**

*Não, acho que não. Melhoria aqui é difícil ter, né.*

**E ela se envolvia bastante nos assuntos da comunidade?**

*É, isso às vezes... o pessoal ia fazer barraco por aí, casa, e eles iam lá, impedir, né. Porque o que não passava pela Associação eles iam lá.*



**Tinha que passar pela Associação...**

*É, tinha que passar pela Associação, senão como é que... os que não gostavam da Associação então passavam por cima, né. Daí eles iam lá e faziam o barraco e a Associação ia lá e embargava. E [trecho inaudível] confusão. E daí dava confusão, né. E aqui a gente não consegue [trecho inaudível]*

**Eu ouvi que principalmente com o pessoal que vem de fora, né. Que não é daqui...**

*É, isso também, né. Tem que... o pessoal de fora também eles não deixam fazer. [trecho inaudível] eles também não deixavam fazer. Teve turista também que eles não deixavam fazer.*

**Mas teve algum turista que ficou aqui? Que ainda continua morando aqui? Que construiu a sua casa e continuou morando aqui?**

*Tem. Ali no Pocidônio ali tem aquela Maura, a tal da Maura tem casa ali. [trecho inaudível]. E tem mais para cá para cima, parece. Que fizeram em nome do, do... do nome do cara do lugar, né. Então fizeram. O cara deu dinheiro para ele e fez no nome do cara. Mas não é dele, é do outro.*

**Fez em nome do nativo.**

*Isso.*

**E esse pessoal de fora se dá bem, os turistas que construíram casa?**

*Dão-se.*

**A comunidade aceita bem?**

*Aceita.*

**E as ONG's que vêm para cá. O que o senhor vê, as atividades deles, o que o senhor acha?**

*Ah, isso eu não estou a par disso aí.*

**Não vê muito o que eles fazem...**

*Não, disso eu não tenho muito conhecimento. Assim, igual o... o IPÊ, né, que vieram para ajudar também o pessoal do IBAMA, até agora eu não vi nada assim de ajuda. O IBAMA também, ajuda assim, ajudar não ajuda. Quando querem prender a gente eles vão lá fora e pegam a gente e prendem. Agora, eu já estive preso [trecho inaudível]*

**Pelo IBAMA?**

*Foi, pelo IBAMA e pela Florestal. Me pegaram ali. Disseram que eu estava fora da linha. Me pegaram de lá, de Paranaguá e de lá me levaram lá para Antonina. Ficamos presos lá, vinte e quatro horas. Saímos no outro dia de lá. E agora estou respondendo um processo, na Justiça Federal, lá. Dois anos faz o processo.*

**E essas ações do IBAMA, da Polícia Florestal, começaram quando?**

*Começaram também no tempo em que eu cheguei aqui, assim. Mas só que depois acabou. Daí deu... teve confusão da polícia com o pessoal do lugar. Brigavam também, né. Queriam tomar, prender os caras, mas os caras não deixavam, os daqui. Teve confusão. Tinha baile aí, eles vinham e brigavam. Eles batiam na polícia e a polícia batia neles. Depois acabou.*

**A Polícia Florestal?**

*A Polícia Florestal. Depois o governo mandou retirar. Daí só ficaram os barracos, as casas lá embaixo.*

**Não tem mais ninguém ali.**

*Tem morador que mora lá agora. Daí acabou, né.*

**O senhor falou que está a dezesseis anos aqui, né. O senhor tem visto alguma... porque a principal atividade do pessoal daqui da comunidade é a pesca, né?**

*É a pesca.*

**E tem mudado bastante isso?**

*Melhoria? Não! A pesca, a produção, assim, da pesca?*

**É, outro tipo de trabalhos, tem havido uma mudança?**

*Não.*

**O pessoal tem pescado menos, pescado mais...**

*Ah, sim! Tem. A mudança na pescaria tem muito. Perdeu bastante. Fracassou muito, de uns tempos para cá fracassou muito, decaiu. Tanto do camarão, do peixe, não tem mais como tinha antes. Uns dez anos, quinze anos atrás tinha pescaria. Agora... acabaram tudo. Acabou camarão, peixe.*

**E o pessoal tem feito o que para remediar isso?**

*Tem que ficar parado, né? Agora, agora, agora deu esse tempo ruim aí, ficou ruim. Estamos mais de mês sem pescar. Ainda nós tivemos sorte por causa desse navio que afundou em Paranaguá, né. Arrumaram umas cestas para nós, deram trabalho aí para a gente. Eu sei que... ajudou, está ajudando a gente, né. Porque senão a situação nossa estava ruim. A minha estava mesmo. Se não fosse isso eu estava passando necessidade. Porque não dava para pescar. Ainda no tempo que estourou o navio não dava para vender. Dava para pescar mas não dava para vender. Proibiram.*

**Não tinha como, né?**

*É. Sorte que eles deram cestas para nós. [trecho inaudível] emprego com salário. A gente tem até agora ainda. tem pouquinho mas está comendo. [trecho inaudível]. Estava ruim de peixe mesmo, a pescaria... está difícil. A pesca está acabando, né.*

**Diminuindo...**

*Diminuindo. Não sei como, mas está. Muita embarcação, né? Acho. Muito barco perto da costa. Os barcos arrastam muito em terra, os barcos grandes. Daí acaba, matam os filhotes de peixe. Eles não podem produzir.*

**E esses barcos vêm de onde?**

*Vêm daí de Guaratuba, vêm lá do Sul, de Santa Catarina, Itajaí. Vêm alguns aqui de Cananéia. Agora não estão deixando mais que... os barcos pescar em terra. Mas é difícil, né? Quando eles não vão, eles chegam para a terra. Quando a fiscalização não vai lá eles pescam e... (pausa)*

**A fiscalização do IBAMA, né?**

*É, do IBAMA.*

**E o IBAMA age bastante?**

*Age! Bom, esses tempos aí só não prenderam, né. Mas mandaram sair para fora. Até essa mulher que está aqui, a conheço, ela cuida aqui do Parque, ela esteve esses dias aí e mandou os barcos para fora, as embarcações. [trecho inaudível]*

**Mas isso de uns tempos para cá? Ou foi sempre assim?**

*Não, foi de uns tempos para cá. Uns três ou quatro anos para cá, né. É que eles estão exigindo que os barcos não pesquem mais em terra. Se os barcos pescarem em terra daí acaba a pescaria.*

**É, né.**

**Alessandro: e diz que de noite eles vêm... não podem vir de dia.**

*É, eles vêm à noite, né, com o luar. Começou o luar, fica como o dia, eles pescam na beira da praia. O IBAMA, o IAP também não sai de noite. É o IBAMA e o IAP que tem.*

**Alessandro: às vezes a gente ficava no seu Basílio e dava para ver os barcos.**

*Dá, né? Então. Aqueles barcos lá, onde eles passam a rede, dia e noite ali, os barcos eles saem e ficam lá dia e noite! E nós só saímos às seis horas da manhã, voltamos ali pelas quatro, três, quatro horas da tarde, ficamos lá. Às vezes a gente vem mais cedo ainda. Mas os barcos não. É dia e noite, né. Com aquela rede lá na água só arrastando. E aí vai ficar o que? Que pescaria, que peixe, que camarão que vai ficar? Não dá! Acaba com tudo. Mata filhinho, tudo.*

**Aí sobra pouco para vocês.**

*É.*

**Alessandro: o senhor pesca só camarão?**

*Não, eu pesco peixe também.*

**Obrigada pela entrevista.**

ENTREVISTA 5 – realizada no dia 05 de fevereiro de 2005 com Valdir dos Santos, morador da Vila Barra do Superagüi.

**Poderia falar seu nome completo, por favor?**

*Valdir dos Santos.*

**Valdir dos Santos. E o senhor autoriza-me usar essa gravação para o meu trabalho?**

*Pode.*

**O senhor foi presidente da Associação, né? Em que época?**

*Em 1996.*

**Em 96. E o senhor sabe quando ela foi fundada?**

*Não me lembro bem da data, mas... talvez em 90... 88 ou 90.*

**E lembra quem fundou, quais foram os fundadores?**

*Eu lembro que o presidente na época foi o Piri, quem esteve na diretoria foi o Ailton Neves<sup>136</sup>, Marinho Cordeiro, José Pires, Natanael Neves da Graça... teve algumas mulheres também mas não me lembro. Sei que ao todo foram umas quarenta pessoas que fundaram.*

**Ah, no começo, né. E o senhor sabe para que ela foi fundada?**

*Para trazer benefícios para o pessoal. Para... nas reuniões discutir os assuntos de interesse da localidade.*

**E quem teve essa idéia? Falou: “vamos fazer”. Quem achou que estava precisando disso?**

*Isso aí começou... a idéia partiu de... Primeiro do Piri [trecho inaudível], do Piri. Daí eles começaram a se juntar e começou a tomar forma. Eles eram a maioria... Inclusive eu não estava na época. Não participei logo no início. Tinha outros trabalhos. Na época eu estava numa missão da Igreja e não sabia muito [trecho inaudível].*

**O senhor é de que Igreja?**

*Da Assembléia de Deus.*

---

<sup>136</sup> Atual vereador.

**Da Assembléia. E quais são as atividades da Associação? O que ela faz?**

*A maior atividade é pesqueira. O pessoal pesca e as mulheres aqui descascam camarão e... hoje eles fazem um artesanato também. Por causa do turismo as mulheres trabalham em pousada, camping, salgadinho, porque a pescaria também hoje está muito fraca.*

**Daí o pessoal está tendo que...**

*Se virar de outro jeito! Nós, por exemplo... a explosão do navio, quer dizer, foi a desgraça para um e a benção para outros. Porque, nesse mês que entrou o verão, a pescaria aqui não está suprindo a despesa do pescador. Nós estamos... desde esses vinte e três anos que eu estou aqui, o primeiro verão que não está tendo pescaria suficiente. Aliás, têm meses aí que não está dando nada. Então o pessoal está vivendo aí das cestas básicas e do salário do desastre ecológico aí que saiu, dois salários para o pessoal. E mais a promessa da indenização, que isso afetou também... o óleo afetou essa área. A realidade é que a pescaria está diminuindo a cada ano e já não está suprindo a necessidade de quem habita as ilhas.*

**Daí o povo tem que arranjar um outro meio de...**

*Tem que se virar de algum jeito, outro. A maioria aqui não tem trabalho, né. A profissão é só pesca. Hoje é que temos aí é... o segundo grau, que forma supletivo. Temos o primeiro grau hoje, graças a Deus também, né. Que até três anos não tinha nem o primeiro grau. Então os jovens aqui de hoje estão se preparando para ir trabalhar fora. Mesmo eu tenho uma menina que está em Ponta Grossa. Ele vai embora para Ivaiporã. E a outra não foi porque demorou uns dias e perdeu o emprego também em Ponta Grossa. A gente não quer separar a família mas a necessidade obriga!*

**É que com a pesca não dá para ele continuar...**

*Não dá. Então se tem que começar a mandar os filhos embora para trabalhar e estudar, para ver se eles têm um futuro melhor.*

**E muitas famílias fazem isso por aqui?**

*Já tem bastante família fazendo isso. A necessidade obriga.*

**O senhor falou então que têm outras atividades, as mulheres com suas atividades... isso por intermédio da Associação ou não?**

*Alguma, alguma atividade como o artesanato não vem por intermédio da Associação. Gostaria, para falar para você, chamar a minha esposa.*

**Pode chamar.**

*Ela não veio ainda. Eu sei que, até onde eu sei, o artesanato está vindo mais por intermédio do IPÊ. Conhece o IPÊ?*

**É uma ONG.**

*Uma ONG. Mais por intermédio dela... e acho que todo o artesanato que está sendo ensinado aqui na ilha também é pelo intermédio do IPÊ. Que a Associação até hoje, até onde eu tenho conhecimento, não mexeu com isso daí.*

**Então o IPÊ está vindo para ajudar?**

*Exatamente. Na verdade, a Associação aqui está bem desorganizada. Não querendo falar mal. Não sei se é falta de interesse ou falta de... financeira, talvez, ou falta de conhecimento para se estruturar. É que na época que eu peguei a Associação eu fiquei com ela um ano só. Então eu organizei o livro-caixa, e não tinha nem base do que era tocar uma Associação. Eu comecei a aprender e correr atrás de... como fazer um estatuto, de umas... reescrevi um estatuto novo e... para registrar, e ver qual área a Associação podia atuar, onde ela podia buscar os benefícios. A gente sempre foi trancado aqui pelo prefeito. Quando se quer trazer um benefício de fora e não vem da Prefeitura, eles trancam. Não sei se é... um caso, parece assim... é, “não, não partiu de mim então não vou liberar”.*

**Pelo que eu entendi então, só o que vem da Prefeitura pode entrar aqui na comunidade.**

*Isso. Então, na época, eu batalhei muito com a medição dos terrenos aqui. Na época eu mandei vários ofícios a respeito da luz. Nós não tínhamos energia elétrica. O governador veio aqui, entreguei o ofício em suas mãos.*

**Quem era o governador?**

*O Jaime Lerner. E, também a gente batalhou por melhora na educação, na saúde. Eu consegui um dentista aposentado na época. Ele queria trabalhar dois anos aqui. Nós somente íamos ceder um lugarzinho para ele fazer uma casinha para descanso. Ele trabalhava dois dias por semana de graça para o povo. Só para o prefeito era uma cadeira, para ele fazer o trabalho e a locomoção dele de Guaraqueçaba para cá duas vezes por semana. E a gente batalhou, batalhou e na época era o prefeito Altemaro Sui [trecho inaudível] e não teve meios, não teve...*

**Não teve ajuda.**

*Não teve ajuda.*

**O senhor falou em medição de terreno, o senhor trabalhou com isso?**

*É que na época estava um... negócio, eu não conhecia bem como é que estava. Que era Parque Nacional e não tinha assim uma separação da vila do Parque. E era esse trecho que nós queríamos tirar fora do Parque, né. Era a parte da comunidade.*

**Ele estava inserido no Parque...**

*Estava tudo junto, não tinha nenhuma medição ainda. E nós não sabíamos até onde seria a localidade dos moradores de Superagüi, da comunidade. E agora já tem a medição, né. Tem a divisa. E a gente já sabe a localidade da comunidade, onde fica.*

**Então aqui não é Parque?**

*Eu creio que continua Parque. Só que é uma parte, assim, uma localidade separada para a comunidade, né. Que até hoje é o IBAMA que se envolve aqui. Construção... se vai construir e se não tiver autorização deles daí embarga. É preciso autorização dos homens. Até para reformar. Alguns reformam, os nativos daqui eles também fazem vista larga. Mas, se for construir e alguém dedar, mesmo morador daqui, eles vêm e embargam.*

**Então o senhor trabalhou com isso. Tentou resolver essas questões quando estava na Associação?**

*Sim, essas questões.*

**O pessoal da comunidade procurava muito o senhor para isso? Para denunciar ou para pedir...**

*Na época também, a gente... na época também a maioria das casas aqui era de madeira e... então houve um tempo que não era Parque, o pessoal tirava madeira de moto-serra, vinha tábuas, viga, sarrafo, ripa... tudo de moto-serra. E tiravam os guanandis, as árvores maiores, assim, do meio do mato e um aqui, outro lá, e não causava, assim, desmatamento. E era a maneira mais simples e mais barata do pessoal construir. E ficavam as casinhas bonitinhas, bem feitinhas. Inclusive eu construí muito aqui para o pessoal, que é minha profissão. Minha profissão sempre foi... aqui que eu aprendi a ser pescador, mas sou carpinteiro, pedreiro, marceneiro, eletricitista. A gente mexe com todas essas coisas. E... mas não houve meios na época de conseguir a liberação para um tanto de casa, depois... trabalhei com a Guadalupe<sup>137</sup> mas não teve jeito.*

**Ah é? Porque?**

*Ela não liberava os cortes de madeira. Algumas árvores que estavam caídas também, que a gente sabia, né, que o vento derrubou e estão apodrecendo no mato. E então na época eu contei dez árvores dessas caídas, que hoje devem estar podres, não se aproveitou e... até nem pedi para derrubar, eu pedi para serrar estas árvores. Mas mesmo assim... foi enrolando, enrolando, enrolando, não houve a liberação. Que seria um negócio bom, que eu conhecia muitas pessoas aqui, têm pessoas aqui que estão com a casa caindo. Não sei se você já viu*

---

<sup>137</sup> Última chefe do Parque Nacional do Superagüi.

*algumas? Né? Todo mundo aqui, bem dizer é pobre. Mas tem as pessoas que tem mais baixa renda ainda. E para essas pessoas seria bom se elas tivessem um meio, assim, de pegar essas madeiras caídas, liberar, serrar com a moto-serra e construir a sua casinha.*

**Eu li alguma coisa também que tinham turistas que construía aqui. Ainda existem casas de...**

*Não existem mais. Depois que foram desmanchadas algumas casas de turistas, daí parou.*

**Quem desmanchou?**

*O IBAMA mesmo.*

**O IBAMA. Mas e o pessoal da comunidade via isso como?**

*O pessoal se revoltou, porque... foi pessoa que comprou casinha de pescador daqui, teve pescador também que foi embora. Mudou para outro lugar, vendeu sua casinha, seu terreninho.*

**Daí o IBAMA veio e destruiu.**

*O IBAMA veio e destruiu.*

**E a comunidade era contra isso?**

*Era contra. Eu era o presidente da Associação, eu coloquei uma cláusula no estatuto de que se a pessoal fosse embora daqui podia vender. Não sei se para turista, para daqui, pessoas daqui mesmo. E também coloquei uma cláusula no estatuto que pessoas de fora não poderiam fazer comércio aqui, como pousadas, mercearia, mercados, camping. Que seria um negócio do povo.*

**E isso deu certo?**

*Até hoje está dando certo.*

**E o senhor falou que então tiveram pescadores que venderam suas casas e foram embora. Isso desde quando?**

*Bem poucos. Faz uns sete anos atrás, oito anos atrás.*

**E isso vem ocorrendo bastante?**

*Não.*

**Não?**

*Uns dois, três.*

**Poucos assim...**

*Muito poucos.*

**E o senhor falou do IPÊ. Tem alguma outra ONG que faz atividades aqui?**

*Se lembra? (perguntando para o filho que está ao lado)*



**Ou quais são as atividades...**

*Eles têm a maricultura aí que eu não sei como é que está, que mexiam com mexilhão. Fizeram uma associação aí, mas está tudo parado também, vieram no começo aí e... ficou os dois aí.*

**Quem fez isso?**

*Ela veio através do IPÊ também.*

**Do IPÊ também.**

*Talvez uma pessoal do IPÊ respondesse melhor.*

**Alessandro: E me diz uma coisa, o que o senhor acha da atuação dessas ONG's, tipo do IPÊ, assim. O senhor acha boa... ou o que o senhor vê nisso, falta muita coisa...**

*Olha, eu acho que é muito relatório e nada tem sido feito. Certo? Eles fazem reunião, faz... eu sei que eles mandam relatório... que nem a associação do mexilhão aí, da criação, é... [trecho inaudível] presidente da associação veio uma nota de sessenta mil reais de despesa. E eles não chegaram a gastar nem cinco mil disso.*

**Alessandro: Ah, eles receberam uma verba para os mexilhões.**

*Receberam uma verba. E... quer dizer, como diz o outro, morreu na casca, né? Não está tendo criação, não está tendo cultivo, nada.*

**Alessandro: Eles só começaram com a idéia e daí ficou parado.**

*Ficou parado.*

**Alessandro: Daí agora o povo... porque isso seria algo, talvez...**

*Se você, se você olhar, essas ONG's não trouxeram benefício nenhum, a não ser o IPÊ que... vieram duas mulheres aí numa época do fantoche do mico-leão e do papagaio, que elas ganharam, várias mulheres aí ganharam um bom dinheiro nisso daí. E também, ensinando, estão ensinando até hoje um ou outro artesanato, [trecho inaudível] a fazer aí. Inclusive minha esposa aprendeu muita coisa. É a única coisa que...*

**Que está acontecendo.**

*De proveito, de proveito.*

**Alessandro: Mas algum projeto assim, por exemplo do governo, para implantar alguma coisa nova, ou estudar uma alternativa para os pescadores não vem nada, da Prefeitura, do governo?**

*Não tem nada, nada de concreto. Inclusive o governador esteve aí antes da eleição... você viu os trapiches tudo caindo? Que a anos estão caídos. E... não se vê. A Prefeitura do Chico Munis, o governo veio aí, foi lá no trapiche, prometeram que dentro de três meses estaria*

*pronto. Já passaram mais de seis meses, não apareceram mais. Não tem ninguém, não tem ninguém que olhe assim para isso daqui com interesse de fazer alguma coisa.*

**Alessandro: que nem, por exemplo, os vereadores, alguém que se elegem por aqui também...**

*Olha, só se este ano, começaram o mês passado. Porque até agora tem vereador aí com três gestões que não fez nem uma ponte em cima de um riachinho para poder passar! (risos).*

**Tem algum morador daqui que se candidatou, que se elegeu para vereador?**

*Aqui nós já temos, temos dois, temos um em três gestões, foi para a quarta agora, o João Catarina. O Oswaldo Silvano teve duas gestões lá. E agora tem o Ailton Neves que é a primeira vez dele.*

**E esses... alguma coisa foi feita?**

*Nossa esperança é o Ailton agora, porque os outros não fizeram nada. Aliás, fizeram confusão. Quando eu fui presidente da Associação, o que eu tentava trazer aqui, o vereador daqui tentava tirar. Se levantou contra a Associação, contra mim, na época. Quis desfazer o que eu queria fazer. Foi o que mais levou eu ficar um ano e desistir mesmo. O pessoal não queria que eu desistisse mas...*

**Por isso o senhor só ficou um ano?**

*Fiquei um ano e... eu tinha também o trabalho da missão da Igreja, do campo todo de Guaraqueçaba. Mas também se não fossem as barreiras a gente podia continuar mais uns dois anos. Porque você trabalhar contra... o que você quer fazer, o prefeito não abre as portas, vereador não ajuda, aliás, trabalha contra o que você quer fazer, aí ficam difíceis as coisas.*

**Alessandro: E o senhor vê que a Associação ela não fazia... não cumpria o papel dela, né, o papel que ela deveria exercer. O senhor acha que porque que ela não age, não via para frente?**

**Quais são as principais barreiras?**

*Olha, eu acho que... bom, umas barreiras que eu coloquei é politicamente. Mas o presidente da Associação tem que ser um homem destemido. E que vá à guerra nem que ser for preciso contra todos. Que as ilhas, funcionam assim: você tem que ser como diz o ex-prefeito Chimina, o Chimin: “tem que ser peitudo”. Tem que meter a cara aí, se precisar ir contra prefeito, contra até cinqüenta por cento do povo... Que na época eu trabalhei, eu prestava relatório todo, todo dia trinta ou dia primeiro quando caía num domingo, dia um, dia dois. Sempre no final do mês ou no começo, depois do primeiro domingo do outro mês. Nós fazíamos reunião, nunca teve menos de quarenta pessoas. Quarenta, sessenta pessoas. E na*

*época entrou, teve mês de entrar mil e poucos reais. Eu lembro que arrumamos um cavalete de água, comprei setecentos metros de cano para arrumar água. Nós pagávamos duas pessoas para... um salário para... duas pessoas nós pagávamos um salário para cada um para cuidar da água, manter a água, ir para as caixas do morro e ver as encanações todas. Todo o meu tempo paguei isso. E... então todo mês a gente prestava conta perante o povo, numa sala de aula da escola. Prestava conta, e nós discutíamos o assunto. Os quais daqui queriam terreno para construir e tal e se era liberado. Então nós tínhamos todos esses... E a idéia era como eu te falei. Melhorar o estudo, melhorar a saúde, melhorar a educação. É... a parte dentista, que é precária aqui. Mas eu encontrei muitas barreiras e o ano foi muito pouco para fazer também.*

**E existem muitos inimigos da Associação?**

*Bastante. Bastante. Pescador não é fácil.*

**Mas o que eles não gostam da Associação? Quais são as críticas?**

*Olha, eu, a gente veio, eu nasci em Ivaiporã, no norte do Paraná, né, no norte velho. A gente veio para cá, eu vi um negócio aqui que o povo aqui é muito bom, muito simples, muito humilde. [trecho inaudível] quando está para você fazer. Tem uma coisa ruim, parece que você não pode por uma camisa mais bonita do que a outra, ou fazer mais do que o outro que senão você encontra barreiras. Não sei se você está me entendendo? Como eu falei para você a respeito do prefeito na época, eu consegui o dentista, o dentista me... por muito tempo ele me telefonou, veio atrás: “Não Valdir, vamos, vamos, eu quero fazer trabalho lá com vocês, eu trabalho dois anos de graça”. Mas como não foi por intermédio da Prefeitura eles não me liberaram. Um dia o prefeito falou para mim: “Ah, mas não veio por intermédio da Prefeitura, não sei o que”. Mas o que custa, né? Para ajudar o povo... tem que pensar no povo. Porque os nossos políticos hoje estão pensando em si mesmos. Só nos seus interesses, né? E eu, enquanto essa política não mudar, enquanto esse pessoal não pensar no povo em geral, e fazer para o povo, as coisas vão continuar ruim sempre.*

**Alessandro: Daí eles resolvem que só o que interessa é só aquelas que eles fazem e que eles podem falar na próxima campanha: “Eu fiz isso, eu fiz aquilo”.**

*Isso. Exatamente. (problemas na gravação, mas o que ele diz é que ele tem vontade de se candidatar novamente para a presidência da Associação e tocar vários projetos). Mexilhão. Aqui não dá, mas aí mais para cima aí, tem como, têm áreas que dá para criar mexilhão, dá para criar ostra. Como já em alguns lugares estão fazendo. Talvez tenha alguma maneira de criar algum tipo de camarão, de peixe em tanque, mexilhão.*

**Alessandro: Tem que mudar, né? Porque o peixe já não está...**

*Aqui você, é... essa oficina no caso que era a minha idéia se eu fosse presidente da Associação, e também se tiver uma oportunidade de arrumar um centro onde fazer, né, era ensinar o povo, o pessoal, a rapaziada aí a trabalhar com marcenaria, com carpintaria, com casa, com caixarias, trabalho com [trecho inaudível]. Preparava-os. Se não conseguir ficar aqui, que não tem um emprego, esta é uma profissão que você começa a...*

**Alessandro: Já sabe alguma coisa.**

*Não é? Porque se o pescador sair daqui para fora sem uma profissão... Hoje com profissão está difícil, sem profissão pior ainda (risos). Então a idéia da gente era isso daí: criar uma oficina e ensinar o pessoal a trabalhar com madeira, com material, tijolo, massa. Que é muito útil.*

**Então o senhor tem vontade de entrar na Associação de novo e colocar em isso em prática...**

*Na próxima eu [trecho inaudível]*

**Muito obrigada pela entrevista.**

ENTREVISTA 6 – realizada no dia 05 de fevereiro de 2005 com Selma Pires Alves, moradora da Vila Barra do Superagüi.

**Você pode me dizer seu nome completo, por favor?**

*É Selma Pires Alves.*

**E você autoriza o uso dessa gravação para o meu trabalho?**

*Sim.*

**Então está bom. Selma, você conhece alguma coisa sobre a Associação dos Moradores?**

*Pouca coisa, porque nem... para falar a verdade eu nem tenho tempo, é... para falar a verdade eu nem sei o que falar da Associação porque eu não vou mesmo, não tenho tempo de ir.*

**E você sabe de alguma atividade, algum trabalho que ela promove? Ou o que ela faz para a comunidade?**

*Até hoje eu não vi nada. Até hoje eu não vi nada feito aí para a comunidade. Só fazem barulho.*

**É? Que tipo de barulho?**

(risos) *Só falam. Às vezes acontecem de um... os barcos que vêm de fora, fazem briga por causa do barco, né, que vêm acostando. Essas coisas... porque, fazer alguma coisa pela ilha, dentro da ilha eu nunca vi!*

**Então, pelo que você sabe, faz mais pelos pescadores?**

*Pois então. É, nem pelos pescadores. Muita pouca coisa, muito pouco. Agora nem existe na verdade... é muito pouco.*

**É? E para as mulheres, tem algum projeto, alguma coisa?**

*Que eu saiba não.*

**Não?**

*Talvez... também nem sei muito. Para falar a verdade nem saio daqui.*

**Não sabe quem já participou...**

*Não, não sei.*

**E entre os moradores, assim, quais as principais atividades que existem?**

*De descascadeira de camarão é a atividade que a “mulherada” faz, aqui é descascar camarão. Limpar camarão, peixe. Têm algumas que fazem tipo crochê, tapetes, essas coisas, né, que fazem naquela... como é que é o nome dali... ah! É uma associação também que tem ali, um negócio do IPÊ, não é uma associação, o IPÊ ali. Têm umas mulheres que estão associadas no IPÊ ali. Então elas fazem ali... um negócio do mico-leão... [trecho inaudível], elas fazem ali.*

**E elas vendem isso?**

*Vendem. Aqui e levam para São Paulo também.*

**Ah, levam para São Paulo também.**

*Se eu não me engano é a Sandrinha que leva.*

**Ah, o IPÊ leva então e as mulheres só fazem.**

*Só fazem. E também vendem aqui, também, né. Tem a casa do IPÊ.*

**Na casa do IPÊ?**

*Tem a casa do IPÊ aqui também, perto do IBAMA ali.*

**E para os pescadores, para os homens, o IPÊ faz alguma coisa?**

*Hum... eu também não sei! (risos). Eu sei muita pouca coisa da vida dentro de Superagüi, porque não tem... eu não saio muito.*

**E você é daqui mesmo?**

*Eu sou daqui. Mas só que... você vê, eu não saio.*

**E entre as atividades da Ilha, do pessoal, da comunidade... que a maioria pesca. Mas você tem visto alguma mudança, assim, para outros tipos de atividade que antes não eram...**

*Ah, agora é mais turismo, né? A Ilha está mexendo mais com turismo. Pousadas, lanchonetes, essas coisas mais. Que agora a pescaria... é, as três coisas que têm: a pescaria, e daí mexer com turismo, lanchonete e pousada, só. É isso. Daí, acabou a temporada, é só pescaria. Época de inverno, trabalha-se três vezes no mês e o resto sem fazer nada, porque o tempo na maioria das vezes é só chuva, vento... tudo depende do mar, né? Ou, quando o mar, o tempo está bom, daí pesca. É só isso.*

**Você que sempre morou aqui, você lembra se o pessoal plantava por aqui?**

*Antigamente plantavam. Plantavam, plantavam arroz, feijão, milho, poucas coisas assim... coisas assim, que davam na terra seca. Agora não, agora não tem mais ninguém plantando.*

**Por que?**

*Sinceramente não sei, mas eu não conheço mais ninguém que plante assim [trecho inaudível]*

**E você sabe desde quando, mais ou menos?**

*É que também, agora também não pode derrubar, né. Que antigamente derrubavam para fazer... mas hoje em dia não pode derrubar, não pode plantar então. E talvez seja por isso, né? O IBAMA, é muito em cima, né. O IBAMA, o IAP e o IPÊ são os órgãos que mais, mais estão dentro de Superagüi. [trecho inaudível]. Então é complicado, aqui é complicado, com pesca, turismo, tudo. Tudo, tudo, tudo.*

**Mas com o turismo, assim, porque está complicado? Tem algum obstáculo para o turismo?**

*Não, acho que não. Turismo assim não. O mais complicado é para trazer o pessoal, né. Para trazer o pessoal porque aqui tem, tem que ter um limite também de pessoas.*

**Ah, tem um limite aqui também?**

*Tem, eu não sei quantas é o limite, mas tem. No caso, nunca deixaram, assim, que nem a Ilha do Mel, tão cheio assim não. Também vem pouco turista por causa da barra, né. Tem muitas pessoas que tem medo de atravessar o mar.*

**É muito longe, né?**

*É muito longe também. [trecho inaudível]*

**É, e antigamente eu lembro que também não tinham esses barcos, né. Tipo o César<sup>138</sup> que faz esse frete, né?**

*É. O César sempre teve barco.*

**Mas para fazer frete?**

*Sim.*

**Ah, é?**

*Sempre carregou o pessoal aí. Sempre. Faz muitos anos. Com o outro bote, né. E acho que o César e... que fazia também [trecho inaudível] É mais o César, eu acho. Também tem o Laurico, agora tem o Carioca.*

**E aqui na comunidade, você acha que tem aumentado o número de pessoas que moram aqui, o número de casas...**

*Aumentou, aumentou. Tem bem mais, Nossa! Aumentando demais. Mas sempre são pessoas daqui mesmo, não tem pessoas de fora.*

**Não?**

*Não. O que tinha, há dez anos atrás foi derrubado, né, as casas. E depois nunca mais veio turista procurando casa.*

**E não tem ninguém que ficou por aqui de turista?**

*Não! Tem sim, têm as pessoas mais velhas. Se eu não me engano, há sete anos atrás, né, há dois anos já, quem tinha casa a sete anos atrás parece que ficou a casa, não foi derruba. Agora, as casas novas foram todas derrubadas.*

**Então mais ou menos em 97, 98 o pessoal que ficou até essa época pode...**

*Tem a casa ainda. E as pessoas novas que chegaram aqui não têm. Derrubaram tudo. Derrubaram três casas. Derrubaram uma pousada e três casas de moradia.*

**Derrubaram uma pousada também?**

*Sim, uma pousada da [trecho inaudível] se eu não me engano. Ah, lá perto do IBAMA, lá. [trecho inaudível] eu nem lembro o nome da pousada, mas perto do IBAMA tinha uma pousada lá.*

**Ah, é?**

*Você que anda por aí, pergunta para o pessoal sobre a pousada que derrubaram. Ela era uma pessoa de fora.*

**Uma pessoa de fora.**

*Derrubaram a pousada dela.*

---

<sup>138</sup> César é marido da Selma.

**E, você, assim, o que acha disso, que deveria ou não... ou a comunidade em geral...**

*Não, eu acho assim, já que é para evitar tudo isso então não deixassem, né, nem começar, né. Porque depois de pronto, derrubar tudo, né... Porque é ruim, também, o pessoal vem de fora, e daí vai fazer uma casa... Que aqui é um lugar pequeno, as pessoas vão casando já nem tem espaço para todo mundo, né. Então eu acho que não deveria mesmo encher de turista, para casa, assim, morar no lugar, aqui não. Eu não concordo com isso.*

**Mas esse pessoal que ficou...**

*Não, quem ficou é gente boa, assim, sabe. Acho que o povo não tem nada contra.*

**Já fazem parte do lugar mesmo, né?**

*É! Moram aí mesmo. Vêm uma vez por ano, às vezes duas vezes... ficam na deles, não são pessoas... são pessoas que chegam aí, vão para a praia e vão embora, assim. Não são de fazer bagunça, sujeira, essas coisas.*

**E quem derrubou foi o IBAMA.**

*O IBAMA.*

**E outras coisas que o IBAMA faz...**

*Aqui mexem muito com o negócio do camarão também, né. Com a produção do camarão, peixe. Correm muito atrás das pessoas pequenas, né, quem nem tem condições de pagar os documentos. Porque aqui, o complicado aqui são os barcos que vêm de fora, né. Eles vão acabando com tudo, daí chega na época de, nas temporadas de [trecho inaudível], o IBAMA sai, e eles invés de pegar os grandes, porque os grandes que chega a ter pesca de manhã e à noite. Viram. Então eles, né... Agora os pequenos não. O pequeno não tem rede. Porque na verdade o IBAMA quer que o pescador pesque, se eu não me engano, não sei se é duas milhas ou sete milhas para fora, por terra, né. Então... mas o pescador não tem condições, porque a rede do pescador, do nosso pescador aqui, não é o tamanho da rede do pescador de barco.*

**Da embarcação grande, né?**

*Isso. Então eles... até onde eles vão até os pescadores pequenos, né, que estão em terra eles pegam tudo depois. Daí, mas não tem condições mesmo, para o pescador pequeno, para começar, as embarcações pequenas não conseguem é... pescar com a rede que o barco grande pega, né. Então não tem. Não é que o pessoal não compre uma rede grande, é porque não tem mesmo. Têm pessoas que tem um barquinho de motor de sete, ou de vinte e quatro, né. E é tudo isso, não é todo mundo que tem condições de...*

**Não tem como competir com os grandes, né?**

*Não, não tem. E o pessoal daqui, trabalha, tipo assim, quando tem muita pesca, saem daqui de manhã, quando é meio-dia já estão voltando, quando dá bastante, né. Ou senão saem de*



*manhã cedo, seis horas, quando voltam é... cinco horas da tarde, quatro, três. Mas voltam embora, né. Agora, esses barcos grandes não. Esses barcos viram a noite. Tem, tem barco que vira o mês lá fora para depois descarregar, né. Daí acaba com tudo, que essa rede deles leva caramujo, mexilhão, lula, tudo. Tudo o que existe no fundo do mar eles vão levando tudo. Então...*

**Não tem como, né? E os pescadores falam o que, assim, o que eles acham...**

*Ah, eles não gostam, né. Na verdade não gostam porque, para começar, o IBAMA teve [trecho inaudível] disso também, né.*

**Mas eles vêem alguma outra solução? O que eles poderiam fazer, eles comentam alguma coisa assim?**

*Não tem outra solução. Só se o IBAMA mesmo. Porque a pessoa, o pescador sair daqui para ir brigar lá, né, com o pessoal do barco também não dá. Mas o certo tinha que ser com o IBAMA mesmo, né?*

**E eles não falam em outro tipo, outra... uma alternativa de renda, alguma coisa assim?**

*Aqui na ilha não tem como, né? Não tem alternativa. Aqui é pescador, mexer com turista e acabou! Não tem outra coisa. Ou comerciante, né. Mas também quem é comerciante também trabalha com o pescador porque... se você tem algo para vender você... com certeza que o pescador tem que ter dinheiro para poder comprar. Então, tudo é pescador, tudo quem manda é o pescado. Não tem jeito.*

**Então é isso Selma, muito obrigada pela entrevista.**

ENTREVISTA 7 – realizada no dia 20 de julho de 2006 com Elenise Angelotti Bastos Sipinski, coordenadora do Projeto de Conservação do Papagaio-da-cara-roxa da Sociedade de Proteção da Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS).

**Bom Tise<sup>139</sup>, primeiro eu queria que você se identificasse. Falasse o seu nome, qual sua profissão...**

*Então, eu sou bióloga. Meu nome é Elenise Angelotti Bastos Sipinski. É... eu trabalho aqui na SPVS já há mais de dez anos e desde 98 iniciei o projeto de conservação do papagaio-de-cara-roxa. Tá? Que é o projeto que sou responsável e esse projeto tem desde 98.*

---

<sup>139</sup> Tise é o apelido de Elenise e como ela gosta de ser chamada.

**Então você trabalha com o papagaio-da-cara-roxa... e vai sempre para Superagüi, pra fazer isso?**

*Então é... então, o local é o litoral do Paraná, né. Mais o litoral norte do Paraná. Então nós temos atividades de campo em várias regiões de Guaraqueçaba. Então uma delas é a Ilha das Peças, onde existe um funcionário nosso lá que é o Ivair Pereira, que ele é morador da comunidade e é responsável pelo projeto, é o responsável por estar nos auxiliando. E tem, é... o trabalho da pesquisa, né. Também no Pinheiro, na Ilha do Pinheiro. Eu vou focar mais pro Parque, né?*

**Não, pode falar... é do Parque em geral.**

*Ta. Então a gente também faz a contagem, o senso do papagaio, tanto na Ilha do Pinheiro quanto... a Ilha do Pinheiro você sabe, né?*

**Ah, eu conheço.**

*E também no, no... ali na Ilha das Peças. E mantemos atividades na Ilha do Mel, na Ilha Rasa e outros, né... APA e Estação Ecológica ali em Guaraqueçaba. É, também a gente faz um trabalho na Ilha das Peças, na Vila das Peças, com... estimulando o turismo, né. O Eco-turismo de bases comunitárias. Ai então são grupos de mais ou menos oito a dez moradores que foram capacitados desde 2003. Na época era o apoio do Fundo Nacional do Meio Ambiente. Então nós fizemos várias capacitações com eles. O que é eco-turismo, o que é o turismo, o que é uma Unidade de Conservação. Ai também trocamos informações com eles, né, da vivência deles na região e tal. Então fazemos toda uma capacitação de vida, ou de público, convidamos órgãos ambientais, o IBAMA [trecho inaudível] para estar trocando com eles. E agora esse ano a gente está tentando formar... estimulá-los a formar uma associação, que é o que eles querem... até tem uma pessoa que trabalha comigo está lá agora pra fazer... uma conversa com eles...a idéia é mostrar que a natureza pode trazer benefícios para eles. No caso o papagaio-da-cara-roxa, que é uma espécie que já está em extinção, ao invés de ser comercializada, ela pode ser apreciada. Esse é o objetivo do projeto.*

**Então vocês têm bastante contato com a população local, né?**

*Com algumas comunidades, né. Superagüi eu, nós temos pouco contato. Eu já fui lá, [trecho inaudível] projeto, já participei de algumas reuniões, mas na vila de Superagüi a gente tem pouco contado. A gente tem contato maior na vila das Peças, e também em Bertioga.*

**Ah, sei.**

*Bertioga que é, assim, um dos pontos do senso. Então quando a gente faz o senso ali no Pinheiro, né, a gente acaba, né, a gente sempre dorme em Bertioga, então a gente tem*

*bastante contato. E Guaraqueçaba que a gente trabalhou em parceria com o grupo de teatro, não sei se já ouviu falar?*

**Não.**

[trecho inaudível] *Grupo de teatro que traz peças, peças sobre o tema conservação, do papagaio, então a gente faz parceria com eles. Tentando estimular, super legal, vale a pena assistir. Até teve nesse final de semana o fandango em Guaraqueçaba, eles apresentaram.*

**É, eu ouvi falar, estava para ir mas não deu certo.**

*É, eu ia também.*

**Eu vou acabar indo amanhã para lá, eu acho.**

*Ah, legal.*

**Então, com a Vila Barra do Superagüi, que é na verdade o meu objeto de estudo não tem tanto contato assim?**

*Não, com Superagüi não. Eu acho que eles até conhecem a SPVS, a gente até fez alguns trabalhos lá, mas a gente trabalha mais na Vila das Peças.*

**Mas isso por quê?**

*Porque na época a Vila das Peças, ela tinha maior facilidade de chegar lá, né [trecho inaudível]. E lá também é o local onde se faz a revoada<sup>140</sup>, [trecho inaudível] de senso e como a gente não tinha condições de trabalhar em todo o Parque nós acabamos optando por começar trabalhando lá, né. E também nós fizemos algumas ações em parceria com o Instituto de Pesquisas Ecológicas, o IPE, e eles sempre trabalhando com a comunidade de lá, em Superagüi, então a gente achou: “Legal, então a gente precisa estar trabalhando com a comunidade de lá, com educação ambiental, trabalhando com a conservação do papagaio e do mico. Então, porque então a gente não trabalha em Peças até para que os esforços né... se multiplicarem.” Nós já tivemos algumas ações em parceria também [trecho inaudível], e por isso optamos por esta comunidade.*

**Mas não por alguma coisa com a comunidade?**

*Não, não, pelo contrário. Então a gente está com um projeto [trecho inaudível], foi aprovado um projeto federal. Não sei se você já ouviu falar? Nacional. São projetos demonstrativos. E esse projeto é de eco-turismo. É formar uma associação ou uma cooperativa de eco-turismo. Aí então estamos fazendo um diagnóstico em todas as áreas potenciais, e uma delas, com certeza, é Superagüi, maravilhosa, com aquela praia deserta, linda, maravilhosa. Então com certeza, nesse projeto a SPVS vai também atender Superagüi e a comunidade de Superagüi se a comunidade tiver interesse, lógico, tá?*

**Vocês sempre tentam ver esse lado...**

---

<sup>140</sup> Revoada do papagaio-da-cara-roxa.

*Com certeza.*

**Se a comunidade tiver interesse... como é que vocês fazem isso?**

*Na verdade é por conversas mesmo, por convivência. Na Ilha das Peças, o que é que a gente fez: então quando o projeto foi escrito, na época, nós fomos falar com o presidente da associação que na época era o [trecho inaudível] e pedimos até uma carta para ver se eles tinham interesse. “Olha, vai sair o projeto. O projeto é na parte, na área de sócio-comunidade e a gente precisa de um, né, saber se vocês têm interesse. Se tiverem interesse vocês precisam mandar uma carta de acordo para a gente não ir assim, né, não ficar...”. Daí nós [trecho inaudível] reuniões para explicar o que era. E ficou aberto, tanto que participaram um grupo... não toda a comunidade... algumas pessoas, em torno de 20 a 22 pessoas que participavam dos cursos e parecia o grupo que estava mais a fim de trabalhar com o entorno... na base de umas 10, 12 pessoas. E a gente vai trabalhando com eles, com as pessoas que têm esse perfil. E o turismo é uma coisa bem interessante. É uma maneira de você estar conseguindo conciliar a conservação e o desenvolvimento deles que é importante também.*

**Então vocês enfocam mais esta parte do turismo, né?**

*No projeto [trecho inaudível] das Peças, no projeto do papagaio, a gente está enfocando mais o social, né, no trabalho do turismo de base comunitária. [trecho inaudível].*

**Você podia descrever um pouquinho esse trabalho?**

*Claro. Sobre o eco- turismo, né? Então a gente tá fazendo, a gente fez o que esse ano, né. Nós fizemos um planejamento junto com eles, a gente está fazendo de uma forma mais participativa possível. É, então nós primeiro fizemos, nós primeiro fizemos o diagnóstico com eles isso foi [trecho inaudível] com o interesse deles. Eles nos ajudaram a fazer quais são os atrativos da Ilha das Peças, os atrativos turísticos, os atrativos de infra-estrutura, todos os atrativos da região. Isso foi posto em documento com base nas informações deles e isso envolvia também pesquisas, né, biológicas, pesquisas bibliográficas sobre a região. Com base nesse documento a gente está, fizemos alguns cursos de capacitação básica e agora nessa fase, entramos numa fase de estar discutindo pra onde eles querem ir, né? Dando um... apoio, né? Instrumentalizando eles, na verdade. Então eles têm interesse, eles sentem falta de curso de primeiros socorros, super importante. Então [trecho inaudível] pessoas que trabalham com isso que vão discutir sobre primeiros socorros. Agora eles estavam sentindo vontade de ter uma noção de inglês [trecho inaudível], nós conseguimos um voluntário, que está lá agora dando umas aulas para eles. Então eles querem ter roteiros bem definidos, a gente [trecho inaudível] ajuda nesses roteiros. E eles optaram em ter uma associação, [trecho*

inaudível] *uma cooperativa, uma associação. Então eles têm interesse em ter uma associação. E o que a gente passa é informação mesmo. [trecho inaudível] para que serve, como é que faz, para que aos poucos eles vão, né, a idéia é que, sei lá, esse ano, ou ano que vem, eles já consigam caminhar com as próprias pernas. Ai, paralelamente, às vezes a SPVS promove algumas viagens, em parceria com alguma agência de turismo ou mesmo alguma [trecho inaudível] que é feita por uma empresa para a SPVS [trecho inaudível] de fazer uma viagem. E quando acontece isso a gente leva essa viagens para a Ilha das Peças para eles mesmo terem essa experiência, eles mesmos acham legal e a gente pode estar experimentando com esse grupo a condução, a pousada, a refeição, e nós [trecho inaudível]. Porque o lugar é lindo, e eles são muito queridos, muito receptivos, acho que tem que se profissionalizar um pouco. Eles sabem disso. [trecho inaudível]. Tem uma pessoa muito interessante lá que é o Renato, o Renato Caiçara...*

**Ah, eu conheço ele.**

*Conhece ele, né? Então, um cara que... conduz muito o grupo, conduz muito as nossas atividades. Com ele eu acho que... ele é bem líder, né?*

**Bem dinâmico, né?**

*Super, e isso é muito bom.*

**É, e você podia então... pelo que você falou, acho que a comunidade aceita bastante esse trabalho de vocês...**

*É, tem os dois lados. Não posso negar que nós como uma ONG muitas vezes somos, ainda somos um pouco confundidos com órgãos ambientais. Não existe [trecho inaudível] de eles se sentirem mal, se sentirem mal né, na verdade de se sentirem desprivilegiados por não, por lá ser uma área ambiental. [trecho inaudível]. O próprio [trecho inaudível] é uma pessoa difícil de trabalhar, agora a gente [trecho inaudível], escreve, manda relatório para ele, e tal. Está aceitando mais a gente. Mas sempre tem que conversar muito sim. E muitas vezes o trabalho de fiscalização lá, o IAP, faz uma fiscalização, apreende barco, apreende rede, eles ficam bravos, [trecho inaudível].*

**Eles já ligam...**

*Ligam, porque lá é uma Unidade de Conservação, isso tem que deixar claro, é conservação da natureza. Então a gente sabe que, para conservar a natureza, tem que trabalhar com a comunidade, a comunidade tem que estar bem lá, se não adianta né. Mas muitas vezes eles ficam desconfiados, a gente sente que é uma relação frágil. Alguns têm mais confiança, outras ficam pensando “mas o que esse pessoal realmente quer?”. Mas acho que tem que ser construído todo dia. Que é como? É indo lá. Uma pessoa que cuida disso é o Alexandre. Um*

*rapaz que se formou já há dois anos na área de turismo [trecho inaudível]. É um rapaz novo, que gosta de se especializar na área, então fica com eles, faz cursos, está sempre lá. [trecho inaudível] ter uma pessoa presente lá [trecho inaudível], só vai criando esse vínculo de confiança, pelo menos nós, né, somos pessoas envolvidas, [trecho inaudível].*

**Eu não lembro se você falou desde quando vocês estão indo lá (ruído)...**

*Olha, desde que a gente começou com a parte do papagaio, a parte mais de pesquisa foi em 98, a gente tinha feito sobre [trecho inaudível] lá na ilha das Peças, então a gente trabalhava muito com a pesquisa e com algumas ações de educação ambiental em algumas escolas, né. Então a gente tinha contato com a professora, ia com as crianças, caminhava no mato, daí levava elas para o mato para verem como é que era. Só que a própria comunidade, sempre em reuniões, ela falava: “Ah, mas o que realmente vocês querem, né, a gente precisa ter um apoio na geração de renda”. Aí que veio a idéia de trabalhar, né, auxiliar a instrumentalização do eco-turismo, então, que é uma coisa que muitas pessoas gostam, tem perfil, e é compatível com o projeto de conservação. E o que a gente tem que cuidar muito também é que a gente não pode ser assistencialista. Nós não somos uma ONG assistencialista. Nós não somos uma ONG social, mas podemos trabalhar alguma coisa que tenha a ver com conservação e sociedade. Então a gente achou, né, que o foco poderia ser o eco-turismo, que a premissa é, né, conservação, socialmente justo, e tem todas essas questões que fica interessante para uma ONG conservacionista trabalhar. Então a questão do eco-turismo iniciou com o projeto do Fundo Nacional do Meio Ambiente, que começou em 2003, e de lá para cá a gente vem trabalhando [trecho inaudível].*

**Você poderia falar mais sobre a relação que vocês têm com o IBAMA, com a Polícia Florestal, o IAP, porque são órgãos que também atuam lá...**

*Com certeza. Então, nós temos uma relação de parceria com eles, né. Então todas as ações que nós fazemos lá, por ser uma unidade federal, precisamos apresentar todas as pesquisas, todas as ações, mesmo com a comunidade. Então a gente tem uma conversa com eles, e também nós participamos dos conselhos. Nós estivemos juntos na formação do Conselho, do próprio Conselho da APA, do Conselho do Parque. Eu hoje faço parte, sou conselheira do Conselho do Parque, fui conselheira do Conselho da APA, e faço parte da Câmara técnica de conservação dos dois Conselhos. Então eu acho que o Conselho fez mudar muito a visão de algumas pessoas sobre os órgãos ambientais, sobre as próprias ONG's, eu acredito que o Conselho é a base mesmo para as mudanças significativas na região, sabe. A primeira vez, quando criou o Conselho da APA (ruído), mas é a primeira vez que, está na mesma, né, está na mesma sala, pessoas da comunidade, órgãos ambientais e ONG's, universidades,*

*conversando, tentando chegar a um comum. Então eu acredito que é essa a chave, que é por aí mesmo, não dá para cada um puxar para o seu lado, né. Então, tem que, acho que é por aí mesmo que vai fazer a diferença. Só que claro, as pessoas querem resultado.*

**E imediato!**

*E imediato! (risos). Então muitas vezes eles cobram, muitas vezes ficam chateados, a gente também. Mas só que veja, quantos anos que nunca ninguém conversou, agora pela primeira vez que se está conversando, que está se tornando planos de ação. Vai demorar um pouquinho para se ter resultados concretos. E a nossa ansiedade é a ansiedade deles.*

**Então vocês têm vários planos também, ainda por implantar?**

*É, então. Esses Conselhos, então como eu faço parte do Conselho da Câmara técnica, têm planos de ação, a idéia é que esse Conselho ele faça ações para a conservação, para o desenvolvimento das comunidades, então tem a Câmara técnica de conservação, de infraestrutura, de pesca, e a Câmara técnica de... conservação, infra-estrutura, pesca e... agricultura. Isso é do Conselho da APA. Do Parque vai ser pesca, conservação e infraestrutura. E a idéia é essa, um plano de ação, onde cada um faz seu papel, né. A SPVS vai continuar trabalhando com a conservação, mas considerando as pessoas que lá estão.*

**Vocês têm projetos futuros, para de repente efetivar?**

*É, a idéia é continuar com o projeto na região com o papagaio, né, e a questão do turismo dá uma implementada no projeto do PVA, que a gente começou agora, que é uma coisa maior. Trabalhar com cooperativa, trabalhar, fazer roteiros, provar que a região seja uma região de nível sustentável com base na comunidade. Então é o caminho que a gente tá seguindo agora.*

[trecho inaudível]

**Então é isso.**

*Espero que eu tenha ajudado bastante!*

**Obrigada!**

ENTREVISTA 8 – realizada no dia 20 de setembro de 2006 com Cibele Munhoz Amato, analista ambiental do IBAMA e ex-chefe do Parque Nacional do Superagüi.

**Então eu gostaria primeiro que você se identificasse, falasse sua profissão, o que você faz aqui no IBAMA.**

*Ta, é... então o meu nome é Cibele Munhoz Amato, eu sou engenheira florestal, aqui no IBAMA a minha, o meu cargo é analista ambiental, eu fui chefe de Superagüi de 2003 a 2004,*



*cerca de 1 ano. E eu trabalho lá no Parque Nacional desde 2002, desde novembro de 2002. Então vai fazer 4 anos.*

**Então você chegou a ser chefe do Parque?**

*Cheguei, aham. Daí por problemas pessoais eu saí da chefia, mas continuei como técnica... lá da Unidade.*

**Você podia relatar um pouquinho a sua experiência como chefe do Parque?**

*Então, na verdade assim, foi muito rapidamente e, e é... assim, eu era chefe de mim mesma, né, porque na verdade não... eu era a única... era eu e o Seu Erondino, que é a pessoa que mora lá, é o nosso apoio de campo, então ele trabalhava mais com a parte do barco, e era a pessoa que conduzia a gente pra lá e pra cá, né. A gente que eu digo é porque a gente trabalhou muito junto a equipe da APA de Guaraqueçaba, então a gente trabalhava junto. Mas [trecho inaudível] do Parque Nacional de Superagui era eu e o seu Erondino. Então o cargo era de chefia mas eu era meio “faz tudo” assim, né, então, é... essa é uma das frustrações que eu tenho até hoje assim, é que apesar... por causa das demandas eu nunca conheci, consegui conhecer o Parque profundamente. Eu ficava muito na Vila do Superagui ou na Vila das Peças, que estão fora do Parque, então... e assim eventualmente eu consegui ir nas comunidades que estão dentro do Parque. Mas eu posso te dizer que eu não conheci a... tipo dentro do Parque mesmo, a parte mais interna, daí eu nunca consegui chegar aí.*

**E como é que era ser chefe? Você falou que tinha muitas coisas para fazer, né? Quais tipos de coisas? O que faz um chefe de Parque?**

*É. Tem... 80% trabalho administrativo, burocrático (aproximei o microfone) trabalho burocrático, e muito trabalho também de, de... com as comunidades assim. De muitas vezes, resolvendo mais problemas deles do que do Parque efetivamente, assim. Sabe? Problema de luz, problema de... outras coisas que eles iam recorrer pra gente porque da relação da comunidade com o Parque. E eu acho que isso foi até um avanço porque hoje em dia a gente já, foi criado o Conselho do Parque e já está se conseguindo avançar disso. Está se conseguindo que seja... que as comunidades consigam trabalhar os problemas deles também mas que a gente também tenha uma parte deles do... do impacto... é... no Parque mesmo, né. Do que que, é...é... a gente precisa estar cuidando também pra não, não ter muito impacto em cima da Unidade de Conservação.*

**Impacto ambiental.**

*Isso, aham.*

**Então qual que foi mais ou menos a sua relação com a comunidade local, como é que ela foi?**

*Não, tinha assim, muitos conflitos, né, é lógico que tinha até porque são interesses diferentes, né. A Unidade de Conservação restringe algumas coisas para eles. Muitas vezes ela, se não restringe eles acham que, que tá prejudicando. Mas de qualquer forma, é... comparando com Unidades de outros locais sempre foi muito tranqüilo trabalhar com as comunidades lá, da região de Guaraqueçaba e do Parque Nacional de Superagüi. Porque eles são um pessoal que conversa, é uma comunidade pacífica, e não tem grandes problemas em geral.*

**Então você tem experiências em outros Parques, com comunidades de outros Parques?**

*Ah tem! A Selma<sup>141</sup> até se... ela teve o problema que ela foi seqüestrada! No Parque Nacional do Araguaia (risos). Não, tem outras Unidades que são bem, assim, questões bem conflituosas mesmo, bem drásticas!*

**E em Superagüi...**

*Não, assim, historicamente tem um caso do pessoal do Patrimônio da União [trecho inaudível] foi fazer o cadastramento em uma das comunidades, e eles não queriam e eles se uniram e não deixaram o pessoal entrar, assim. Mas acho que foi a situação mais drástica que teve.*

**Então a relação com a comunidade...**

*É bem pacífica, é bem pacífica... o pessoal...*

**Eles são bem receptivos?**

*São. Sempre foram muito receptivos. É. Eles são muito, muito tranqüilos. Eu até às vezes falo que eles tem que ser um pouco mais, mais unidos, né, e trabalhar um pouco mais juntos pra requerer os direitos deles porque eles são tão pacíficos que muitas vezes são até negligenciados, em direitos básicos, né. Educação, saúde, né, em coisas que eles têm direito mas que por falta de organização eles não requerem. Mas isso tem melhorado bastante. Eu acho assim.*

**Por quê?**

*Eu acho que... não sei... eu acho que até é uma impressão minha assim, porque... depois que as Unidades foram criadas lá, ficou muito essa coisa assim, que a região não se desenvolveu em função da criação das Unidades. Mas na verdade, as Unidades foram criadas... Superagüi foi criada há 15 anos atrás. Então não tinha se desenvolvido até ali e... eu acho que na verdade a criação das Unidades veio trazer uma visão para aquela região. E veio*

---

<sup>141</sup> Selma é a atual chefe do Parque

*trazer iniciativas até de organização social e capacitação para as comunidades, que por mais que elas não dêem valor para isso, foi criando uma massa crítica nelas para elas se organizarem e começarem a estar avançando, né. Eu acho que comparando com outros locais, isso é muito incipiente ainda, mas eu vejo que de quando eu comecei até hoje, eles já melhoraram muita coisa.*

**Eles têm se organizado mais?**

*Têm, têm. Às vezes assim, né. Lógico que sempre têm aquelas pessoas que preponderam seus interesses. Mas de qualquer forma já está criando alguma massa crítica, vários grupos de trabalho, né.*

**Você podia descrever um pouquinho o trabalho do IBAMA no Parque, como é que acontece a efetivação da criação do Parque... Porque eu acho que é um processo longo, né? Não sei como é que foi, acho que o Parque foi criado em 89...**

*Isso.*

**Desde então eu acho que tem...**

*Isso. Então. O Parque foi criado em 89, e ele foi criado, é... Ele era basicamente a Ilha do Superagüi, e a Ilha das Peças, mas todas as comunidades ficavam fora. É, em 97 o Parque foi ampliado, então ele pegou, além das Ilhas, uma parte continental que se chama Vale do Rio dos Patos. E nessa ampliação, só a vila na Ilha do Superagüi, só a Vila do Superagüi ficou fora, todas as comunidades foram envolvidas também, ficaram para dentro. Não vai, assim, adiantar você me perguntar por que que isso foi, aconteceu, mas... a gente não sabe mesmo porque aconteceu. Foi, foi ampliado por Lei, então passou pelo Congresso Nacional e foi ampliado assim. É... a gente não sabe do processo porque que elas foram incluídas, né. É... até se tiver algum critério técnico também, foge a nossa, ao nosso conhecimento. Aí ele foi criado, é... desde 89, acho que 90 na verdade, tinha a Guadalupe que era a chefe e seu Erondino que era o funcionário. Aí, quando teve o concurso do IBAMA em 2002 eu entrei também pro Parque Nacional, e... aí já tinha dois técnicos de nível superior, que era eu e a Guadalupe, e a Guadalupe foi pra Brasília, fiquei eu sozinha no Parque. E... aí entrou a Mariele, também, a gente trabalhou um período junto. Ela também saiu do Parque, e veio a Selma assumir a chefia do Parque. Então, em termos, assim, de equipe, agora que a gente está com uma vantagem que a gente está com dois, com duas pessoas cedidas pela prefeitura<sup>142</sup>, que estão atendendo lá no “escritório”, então, assim, a gente está conseguindo se estruturar um pouco melhor. Mas nunca teve uma equipe efetiva, assim.*

---

<sup>142</sup> De Guaraqueçaba.

*Então até por isso, a questão da implementação do Parque sempre ficou, é, bastante... prejudicada até porque uma só pessoa não consegue avançar muita coisa, né. Consegue, mas de forma muito lenta. Então, atualmente como é que a gente tá. É, a gente tá num processo de... teve o Conselho do Parque que foi criado, né. É uma obrigação pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação, que esse Conselho seja criado. Ele foi criado, a portaria saiu esse ano mas, desde o ano passado tá tendo, teve uma série de reuniões em cada comunidade. Cada comunidade elegeu quem seria seu representante então ele foi construído de uma forma participativa. Então ele foi criado e... agora nosso próximo passo é conseguir a elaboração do Plano de Manejo, que a gente já tem, é... já tem a verba destinada e a gente tem a expectativa que a partir de novembro ele seja constatado para elaboração. Aí a partir da elaboração, desse processo de elaboração deve levar uns dois anos (riso), é um processo bem longo. E daí a partir do momento que você tem o Plano de Manejo você consegue começar a ampliar as suas ações, porque antes disso a gente podia fazer só a educação ambiental, fiscalização e pesquisa dentro da Unidade, nada mais oficialmente é permitido, né. Então só a partir do Plano de Manejo é que vai se conseguir abrir para visitação e começar a implementar realmente essas, essas ações mais de, de um Parque Nacional.*

#### **O Plano de Manejo seria o que?**

*Na verdade o manejo são todas as atividades tanto, é, administrativas da Unidade quanto de controle, fiscalização, tudo o que envolve a Unidade. Tanto é controle das pesquisas, controle do uso, controle... né, das estruturas...*

#### **E isso envolve a comunidade também?**

*Também envolve assim, porque se você pensar que têm comunidades que estão morando dentro do Parque, a gente tem que ter um levantamento, é... de quantas pessoas estão morando lá, qual... levantamento social mesmo né, porque assim, elas estavam lá durante, antes, com a criação do Parque, mas também a gente não pode começar a permitir que venham muitas pessoas de fora, que comece a aumentar, por demanda externa, aquilo que vai aumentar ainda mais o impacto dentro do Parque Nacional. Então isso também envolve o manejo da Unidade, assim.*

**Ah, então. É porque na verdade eu trabalho bastante com a comunidade, né, (ruídos) e eu queria saber o que você sabe sobre isso, como é a receptividade deles com o IBAMA, até mesmo...**

*Olha, assim. Porque, na verdade, é... têm duas faces, né. Quando a gente chega na Unidade, eles são muito receptivos, mas é porque eles são receptivos acho até com a pessoa. Mas isso não quer dizer que eles tenham conflitos com a instituição IBAMA, que eles não tenham*

diferenças, mas, é... mesmo assim, eu acho que eles é... (silêncio) eu acho que tem conflitos sim. Eu acho que eles se sentem prejudicados por estarem dentro de uma Unidade de Conservação, lógico. Eu só não sei se eles têm a noção clara do que implicaria isso. Eu acho que agora até eles estão tendo, assim por causa das ações do Conselho, até dos próprios esclarecimentos que tem se tentado dar. Mas, é... eu não tenho muita noção se eles tem, para mim, o que é um Parque Nacional, o que significa isso, sabe? Porque até o momento, por mais que eles reclamem que não pode fazer isso, não pode mais fazer aquilo, mas efetivamente não teve ações de sanção, assim, sabe, por exemplo, que eles tivessem que ser removidos do Parque, nunca teve uma ação nesse sentido, né. É... eu não sei se eles tem claramente essa noção do que é uma Unidade de proteção integral. Mas eu acho que, não só no Parque Nacional de Superagüi, acho que toda a região de Guaraqueçaba, tem muito o sentimento de eles estarem sendo prejudicados por ser uma área protegida. Mas é uma visão muito minha assim, de achar que na verdade não, que o que acontece é o contrário. Na verdade eles estão tendo voz agora para reclamar (muito ruído). Porque até o momento eles estavam sendo esquecidos, assim, né. Se pegar os índices de desenvolvimento urbano, um histórico, né, os de Guaraqueçaba é um dos mais baixos, né. Mas aumentou muito durante os anos depois da criação das Unidades.

#### **Em função da Unidade de Conservação?**

*Eu não sei se em função da Unidade de Conservação, mas, mas talvez da visão, da visibilidade a nível mundial, a nível nacional que a criação das Unidades proporcionou para a região.*

#### **Me conte um pouco mais sobre esses Conselhos, achei bem interessante...**

*Ta. Então, o Conselho ele é um instrumento criado no Sistema, na lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, eu não sei se você já deu uma olhadinha...*

**Não.**

*É, depois eu te passo o número da lei. Ele é uma obrigação de todas as Unidades de Conservação. Então toda a Unidade tem que ter o seu Conselho. E é uma, é uma diretiva do IBAMA, a formação dos Conselhos de forma participativa então não pode chegar lá o chefe da Unidade e dizer “eu quero você, você e você para formar o meu Conselho”. Há tempos atrás muitos conselhos foram formados assim, né. Isso foi um processo de amadurecimento e tem melhorado bastante. O Conselho do Parque Nacional ele foi criado, como eu te falei, assim, depois de diversas reuniões, com todas as comunidades, explicando o que era o Conselho, o que era um Parque Nacional, qual que era a função do Conselho, como que era o perfil de um conselheiro, e as... daí as próprias comunidades elegiam quem elas queriam*

*que fosse seu representante no Conselho. Então, ele é formado, hoje em dia são seis comunidades titulares, seis... seis cadeiras para representantes de comunidades titulares e mais seis suplentes, e o mesmo número de instituições, acho que são três instituições de pesquisa, três instituições governamentais. Então, são doze pessoas... talvez tenha alguma “diferencinha” aí que eu não... mas basicamente é isso. E... e tem reuniões ordinárias, acho que são duas anuais e algumas extraordinárias, quando tem algum assunto muito... Só que ele é um Conselho muito novo, assim, ainda tá em construção. Na APA de Guaraqueçaba já tem um Conselho maior, formado há mais tempo, assim, já está bem atuante, mas que o princípio é o mesmo, assim, participação social, das comunidades fazerem, elegerem seus representantes.*

**Terem voz...**

*Terem voz, isso. E o Conselho da APA já está enorme, tem várias câmeras técnicas assim, porque já não dá para discutir tudo só dentro do Conselho porque não conseguia.*

**Queria que você falasse um pouquinho a relação que o IBAMA tem com as ONG's que atuam lá.**

*Olha, nossa relação... acho que dá para dizer, praticamente total, é uma relação boa com as ONG's. É, a gente tem ótimas parcerias com elas, assim, é, principalmente porque a maior parte delas é voltada à pesquisa que é um dos objetivos da Unidade de Conservação. Então, é, por mais que muitas delas aí façam um processo de capacitação, é, mas geralmente isso, o mote do projeto é voltado ou à algum animal em extinção ou, geralmente... Porque assim, uma tecla que eu até tenho batido muito, é que, um dos problemas da região, é que o pessoal reclama do ambientalismo, mas as únicas ONG's e instituições que trabalham lá são as instituições ambientais. E as instituições sociais, instituições de outras áreas, ninguém aparece lá, sabe. Então, agora que tem a PROVOPAR, que é uma ONG de caráter social que está trabalhando lá e a gente tem uma parceria também com o pessoal da ABDL, que é a Associação Brasileira para o desenvolvimento de lideranças, que também está trabalhando com a gente lá. Mas, eles fizeram um trabalho, agora estão querendo retornar, mas por enquanto estão sem nenhuma ação. Então tem várias dessas ONG's que são nossas parceiras, elas desenvolvem, é, ações de cunho social mas elas são de fundo ambientalista. Então existem sim alguns problemas, muitas vezes de que as ações propostas não são exatamente o que a comunidade quer. Ou muitas vezes porque a forma como a gente concebe os trabalhos não são adequados para a região, e até porque todas essas instituições, se você for ver, são formadas 90% por biólogos, engenheiros florestais, pessoal da área biológica, que não tem, na minha visão, isso é estritamente Cibele falando, não tem condições nem*

*capacitação mesmo, para estar trabalhando isso. Eu sou engenheira florestal, na minha faculdade eu tive uma disciplina da área de humanas. Então é bem complicado para a gente estar trabalhando isso, né. A gente não tem capacitação, a gente não tem preparo, e muitas vezes não tem perfil mesmo para os desafios que a gente tem que encarar em campo.*

**E há uma demanda, né?**

*Na verdade é a maior demanda que existe, a maior demanda porque, é... Nossa, é, acho que é 80% do trabalho.*

**E o IBAMA está receptivo a isso também? Está aberto a isso?**

*Está até porque é necessário, assim, né. Porque é um meio para alcançar nosso objetivo. Mas isso não quer dizer que a gente não precisaria de mais profissionais voltados para essa área. Um pessoal capacitado para estar trabalhando isso.*

**Então essa seria uma das dificuldades...**

*Ah, essa é uma das grandes dificuldades, uma das grandes dificuldades. E até assim, porque eu vejo também... eu acho que isso é até uma demanda, é, não sei se é uma demanda, mas é uma carência de mercado, assim, pessoas da área social trabalhando nessa, nessa integração com a área ambiental. Mas o que acontece muito são pessoas da área ambiental trabalhando com a área social, sabe, o contrário não acontece muito, é muito pouca gente com formação social que vá trabalhar na área ambiental. Então, é, eu acho que existem alguns problemas assim, né, porque eu acho que trabalhar na área ambiental precisa também de muita capacitação, né, a pessoa que vai trabalhar nessa área precisaria, é, muitas coisas que não existem nos currículos tradicionais, mas isso não existe, né. Existe o pessoal da área biológica que vai trabalhar mais com caráter social, mas nunca também... de forma meio amadora, né. Não tem muita base técnica para trabalhar com isso.*

**Então ta Cibele, você tem mais alguma coisa mais para complementar sua fala, alguma coisa que você ache importante?**

*Não, eu acho que é isso. Acho que Superagüi, para você que está estudando a área de História é super interessante, acho que esse teu trabalho para nós vai ser muito importante. Até porque uma das ações do Conselho é a gente começar, (suspiro) tentar desfazer esse nó das comunidades que estão morando lá dentro, como é que a gente vai fazer isso. Qual caminho que a gente vai percorrer, estamos tentando construir isso junto com eles e, inclusive com as pesquisas que estão sendo feitas, estar incentivando pesquisas nesse sentido para que possam dar base técnica para gente começar a avançar nesse processo. Então para gente vai ser bem importante essa sua pesquisa (risos).*

**Que bom! Obrigada.**